UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS

**Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George
Orwell**

Leonardo Lucena Trevas

São Paulo, 2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
LITERÁRIOS EM INGLÊS

**Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George
Orwell**

Leonardo Lucena Trevas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTADOR: Professor Doutor Daniel Puglia

São Paulo, 2014

DECLARO QUE AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR MEIO TRADICIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Trevas, Leonardo Lucena.

Título: Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George Orwell.

Dissertação de Mestrado, pelo
Departamento de Letras Modernas, Área
de Estudos Linguísticos e Literários em
Inglês, sob a orientação do Professor
Doutor Daniel Puglia.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura _____

*A Roberto Trevas, avô-hai
e Fátima Lucena, Dona Picuxa.*

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Roberto e Fátima, que me proveram as circunstâncias materiais, emocionais e intelectuais necessárias para a elaboração deste trabalho.

Ao meu orientador, Daniel Puglia, que me acolheu e me propiciou a experiência de estudar em uma das melhores universidades do Brasil, bem como me apresentou a importantes obras e autores.

Aos meus tios Vicente e Tereza, aos meus primos Chico e Mariana, e aos meus irmãos Beto e Maria Alice, que me deram assistência e apoio na cidade de São Paulo.

Aos amigos e amigas que fiz em São Paulo, pelas horas de prosa no café da Tia Bia. À turma do Calção, bem como aos companheiros da República Monarcossindicalista de Casa Amarela.

Ao pessoal da minha banda, Dune Hill, pela paciência e compreensão dos perreques inerentes à conciliação de uma carreira acadêmica com uma carreira musical.

Ao escritor-jornalista George Orwell, que me proporcionou horas de diversão, reflexão e trabalho árduo, bem como me ensinou a fazer uma xícara de chá decente.

Às professoras doutoras Maria Silvia Betti e Rejane Vecchia, que me deram importantes conselhos e ajudaram a iluminar o meu caminho acadêmico.

Aos meus colegas Fernando Pardal, Janaína Gonçalves, Danielle Russo e, especialmente, a Débora Tavares e Matheus Cardoso da Silva, pelas discussões sobre nosso autor em comum, Orwell.

Ao meu antepassado Joan Fàbregas i Pla (*in memoriam*), que saiu da Barcelona do século XIX e foi parar na Paraíba-Mãe, dando origem à família Y Plá-Trevas.

Finalmente, agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado, bem como aos trabalhadores brasileiros que, através dos seus impostos, a possibilitaram.

Quan surts per fer el viatge cap a Ítaca,
has de pregar que el camí sigui llarg,
ple d'aventures, ple de coneixences.
Has de pregar que el camí sigui llarg,
que siguin moltes les matinades
que entraràs en un port
que els teus ulls ignoraven,
i vagis a ciutats
per aprendre dels que saben.¹

Ítaca, canção de Lluís Llach do álbum *Viatge a Ítaca* (1975)

Este trabalho foi escrito e apurado entre Recife, São Paulo e Barcelona.

¹ Quando saíres para fazer a Viagem até Ítaca, / há de pregar que o caminho segue longo, / cheio de aventuras, cheio de encontros, / há de pregar que o caminho segue longo, / que são muitas as manhãs / que entrarás em um porto / que os teus olhos ignoravam, / e irás às cidades / para aprender com aqueles que são sábios.

RESUMO

TREVAS, Leonardo Lucena. **Espírito de Cristal: um estudo sobre *Homage to Catalonia*, de George Orwell**. 2014. 173 folhas. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

O objetivo deste trabalho é estudar, sob uma perspectiva materialista-dialética, o processo de transformação ideológica da consciência política do autor George Orwell (1903-1950), a partir da obra *Homage to Catalonia*, publicada originalmente em 1938. A partir disso, a pesquisa procurou compreender a trajetória de Orwell durante o período em que combateu na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), bem como os contextos políticos e históricos da Espanha e da Catalunha, naquele período. Para isso, foram analisados trechos do livro *Homage to Catalonia*, bem como de outros trabalhos de George Orwell, dialogando com a fortuna crítica acerca da obra do autor. Também buscou ser feita uma leitura crítica da interpretação e apropriação do pensamento de Orwell por outros autores, confrontando as diferentes visões com as palavras do próprio autor.

Palavras-chave: George Orwell; *Homage to Catalonia*; Guerra Civil Espanhola; Catalunha; Ideologia.

ABSTRACT

The main objective of this research is to study the process of ideological transformation of George Orwell's (1903-1950) political consciousness, by means of a dialectical materialism perspective, in the book *Homage to Catalonia*, originally published in 1938. In that manner, this research has tried to comprehend Orwell's path in Spain and Catalonia, as a combatant in the Spanish Civil War (1936-1939), through the analysis of the historic and political context of that time and place. We have studied quotes from *Homage to Catalonia*, as well as from other works by George Orwell, discussing them with the aid of the critical fortune on the author's body of work. We have also tried to understand the interpretation and appropriation of Orwell's thought by other authors, confronting those visions with Orwell's own words.

Keywords: George Orwell; *Homage to Catalonia*; Spanish Civil War; Catalonia; Ideology.

GLOSSÁRIO / LISTA DE SIGLAS

HtoC, *Homage to Catalonia*

AMIGOS DE DURRUTI [Anarquistas extremistas não-alinhados às CNT-FAI, que se auto-declaravam os sucessores de Buenaventura Durruti]

BOC, *Bloc Obrer i Camperol* [Partido Socialista não-soviético, que deu origem ao POUM]

CEDA, *Confederación Española de Derechas Autónomas* [Partido Católico]

CNT, *Confederación Nacional de Trabajo* [Sindicato Anarquista]

COMINTERN, [Terceira Internacional Socialista, vinculada a Stalin]

ERC, *Esquerra Republicana de Catalunya* [Partido Socialista Catalão]

FAI, *Federación Anarquista Ibérica* [Vanguarda das CNT]

FALANGE, [Partido Fascista]

FIJL, *Federación Ibérica de Juventudes Libertarias* [Juventude Anarquista]

FRONT D'ESQUERRES [“Frente de Esquerdas”, aliança política na Catalunha, análoga à Frente Popular]

ICE, *Izquierda Comunista de España* [Partido Trotskista que deu origem ao POUM]

IR, *Izquierda Republicana* [Partido Republicano]

NKVD, *Narodnyy Komissariat Vnutrennikh Del* [Órgão de polícia soviético que daria origem à KGB]

Partido Radical [Partido Anticlerical Centrista]

PCE, *Partido Comunista de España* [Soviético]

POUM, *Partido Obrero de Unificación Marxista* [Partido socialista e anti-estalinista em que Orwell militou]

PSOE, *Partido Socialista Obrero de España* [Socialista moderado, aliado das UGT]

PSUC, *Partido Socialista Unificado de Cataluña* [Partido Comunista catalão de viés soviético]

Renovación Española [Partido Monarquista]

UGT, *Unión General de Trabajadores* [Sindicato Socialista]

UR, *Unió de Rabassaires* [União de Arrendadores, partido representante do campesinato na Catalunha]

SUMÁRIO

PARTE I – *Orwell & Spain*

Capítulo 1: “*That trotskyite with the big feet...*” _____ 12

Seção 1.1 Eric Blair _____ 13

Seção 1.2 Orwell, um escritor-jornalista _____ 31

Capítulo 2: Origens da Guerra Civil Espanhola _____ 42

Seção 2.1 Para começar, uma alegoria _____ 43

Seção 2.2 *Spain, whose Spain?* _____ 45

Seção 2.3 O que levou à Guerra? _____ 49

Seção 2.4 As Milícias _____ 60

PARTE II – *Homage to Catalonia*

Capítulo 3: *Passion & Warfare* _____ 68

Seção 3.1 A Barcelona revolucionária _____ 69

Seção 3.2 Na pior no *front* aragonês _____ 88

Seção 3.3 Interregno: reflexões sobre o *front* _____ 108

Capítulo 4: “*...Shatters the Crystal Spirit*” _____ 118

Seção 4.1 As Jornadas de Maio de 1937 _____ 119

Seção 4.2 O fim da experiência espanhola _____ 138

Seção 4.3 Em defesa de Orwell contra seus admiradores _____ 152

EPÍLOGO _____ 159

REFERÊNCIAS _____ 163

ANEXOS _____ 169

PARTE I – *Orwell & Spain*

Capítulo 1:

“That trotskyite with the big feet”²

“O escritor original, enquanto não está morto, é sempre
escandaloso.”
(Simone de Beauvoir)

² “Aquele trotskista dos pés grandes”. O escritor H.G. Wells, falando sobre Orwell.

1.1 Eric Blair

Orwell, antes de *tornar-se* Orwell, era um sujeito chamado Eric Arthur Blair. Um homem magro e alto, deveras esquisito, de olhar dócil e maneiras polidas. Poderia até ser confundido com um dândi à lá Oscar Wilde, não fosse seu jeito meio tímido e desajeitado. Por outro lado, Eric Arthur Blair poderia também ser uma personagem do seriado *Monty Python's Flying Circus*, um daqueles britânicos cheios de pompa, com seus chapéus-coco, indo trabalhar na *City* londrina para uma firma de contabilidade qualquer. Uma imagem que se distancia bastante da do escritor/revolucionário/romântico/libertário.

Eric Arthur Blair nasceu em 1903, em uma família de classe média inglesa, que à época morava na cidade de Motihari, em Bengal, Índia – então território colonial britânico. Seu pai, Richard, era funcionário público lotado no Departamento de Ópio do Serviço Civil Indiano, ocupando o *pythonesco* cargo de *Assistant Sub-Deputy Opium Agent, Fifth Grade*³. Sua mãe, Ida Mabel Limouzin, era uma francesa crescida na vizinha Birmânia, também colônia do Reino Unido. O *background* familiar era, pelas duas partes da família, ligado à presença ocupante do imperialismo britânico. O avô paterno de Eric foi um padre anglicano, e o avô materno um plantador de arroz na Birmânia.

Pouco depois do seu nascimento, foi levado à Inglaterra por sua mãe, onde frequentou pequenos colégios, até ser admitido na famosa *boarding school*⁴ de Eton, frequentada pela alta sociedade britânica. O pai continuou trabalhando no Departamento de Ópio, até se aposentar e voltar à Inglaterra, em 1912. O pequeno Eric pouco via o progenitor até os oito anos de idade.

Eton é um dos colégios secundários mais respeitados no Reino Unido e, àquela época, o sistema de ensino na *boarding school* era considerado o que melhor formava

³ Algo como Agente de Ópio Sub-Vice Assistente, quinto grau. EAGLETON, 2003.

⁴ Escolas secundárias inglesas, geralmente separadas por sexo, onde os alunos e alunas passam a maior parte do ano vivendo dentro do colégio.

um cidadão do Império. De fato, apenas crianças com boas notas poderiam entrar no colégio – o que imediatamente excluía a maior parte dos meninos e meninas de classe trabalhadora que, em sua maioria, eram prejudicados pela dificuldade no acesso à educação.

Invariavelmente, o que se encontrava por trás de uma fachada de respeito e tradição era um ambiente perverso, controlado por professores e reitores dominadores, que não hesitavam em se utilizar da humilhação pública e do castigo físico para perpetuar a “ordem”. Da mesma maneira, os alunos mais velhos recebiam o título de *prefect*⁵, ganhando assim o direito de praticar o *bullying* nos mais novos. A *boarding school* era assemelhada a um sistema de castas, onde cada aluno tinha o seu lugar na hierarquia, com a figura do professor/padre e da professora/freira no topo. Um microcosmo social que espelhava o macrocosmo do Império Britânico. Sobre Saint Cyprian's, uma das escolas de que fez parte, Blair escreveu:

St Cyprian's was an expensive and snobbish school which was in process of becoming more snobbish, and, I imagine, more expensive. [...] Most of them [os estudantes] were the children of rich parents, but on the whole they were the un-aristocratic rich, the sort of people who live in huge shrubberied houses in Bournemouth or Richmond, and who have cars and butlers but not country estates (ORWELL, *Such, Such Were the Joys*, 1952).⁶

O confinamento na escola – que só permitia que os alunos visitassem os pais durante o recesso escolar ou em feriados – contribuiu para que o jovem Eric desenvolvesse o interesse pela literatura. Nessa época, escreveu um poema com o sugestivo título “*Awake, Young Men of Britain!*”⁷. Teve também como professor um ficcionista a quem depois seria muito comparado, Aldous Huxley⁸.

⁵ Do latim *praefectus*, “aquele que foi posto em comando”. Uma espécie de monitor.

⁶ “Saint Cyprian's era uma escola cara e esnobe que estava passando pelo processo de tornar-se mais esnobe e, eu imagino, mais cara ainda. [...] A maioria deles [os estudantes] eram filhos de pais ricos mas, em sua maioria, faziam parte dos ricos não-aristocráticos, o tipo de gente que vive em enormes casas ajardinadas em Bournemouth ou Richmond [N.T.: balneário no Sul da Inglaterra e subúrbio de Londres, respectivamente], que possuíam carros e mordomos mas não mansões no campo.”

⁷ “Acordem, jovens homens da Grã-Bretanha!”

⁸ *Nineteen Eighty-Four* e *Brave New World* são duas obras proeminentes dentro do gênero da ficção distópica, o que

Blair nasceu na classe social que ele mesmo chamava “*lower-upper-middle-class*”⁹. O que parece uma incongruência revela, na verdade, um lugar muito bem definido no estamento inglês da época: a burocracia administrativo-financeiro-militar treinada desde cedo para perpetuar os valores do Império Inglês. Eram os batedores avançados da máquina estatal, atuando em lugares nos quais os mais privilegiados jamais iriam (as colônias ultramarinas, por exemplo).

O que era a Inglaterra para Eric Arthur Blair? Um Estado Nacional dominante dentro de um Império? Um estranho lar, distante da sua primeira infância na Índia? Uma associação livre de membros completamente distintos? Ou “uma família com os membros errados no poder”¹⁰?

Analisemos Eric Arthur Blair enquanto membro da “*upper-lower-middle class*” britânica. Em português, poderíamos traduzir como a parte mais “pobre” da classe média alta. Não são grandes proprietários, ou pelo menos, eles não possuem a propriedade dos *meios de produção*, o que já os desqualifica enquanto os verdadeiros manda-chuvas do capitalismo real britânico. Ao mesmo tempo, eles têm algumas posses – casas, carros, cavalos, mercearias. Podem pagar empregados, babás e cozinheiros para servi-los. Não estão tão mal a ponto, comparados aos assalariados das fábricas, ou aos camponeses que lavram a terra. Pode parecer um posto confortável na pirâmide social inglesa, mas não é. Segundo Williams:

[...] he and men like him were in practice on the outer edge of the system, in several ways. Owning no land or substantial property, they were dependent on their professional salaries which were in turn dependent on accepting the definitions of 'profession' and 'service' which the system as a whole had created. Often, in such a group, there is a kind of overadjustment to the very myths which offer to define their membership in the class as a whole. The fear of dropping out of the class of which they are

suscita, até hoje, bastante comparação entre elas. Para mais sobre o assunto, ver o prefácio de Erich Fromm para a edição brasileira de 2009, da Companhia das Letras, do livro “1984”.

⁹ Algo como “alta classe média baixa”.

¹⁰ “Orwell's comic uncles and aunts are a recurring radical image, but to see the actual ruling class in that way is in the end an indulgence, dependent emotionally on that very middle-class image of England as a family.” / “Os cômicos tios e tias de Orwell [presentes em romances como *Coming Up For Air* (1939)] são uma radical imagem recorrente, mas ver a verdadeira classe dominante dessa maneira é, no final, uma indulgência, dependente emocionalmente da própria imagem da classe média da Inglaterra como uma família” WILLIAMS, 1971, p.26.

literally the bottom edge can produce more rigid and more blatant definitions of the 'England' than might be found at the relaxed and comfortable centre (WILLIAMS, 1971,p.19).¹¹

Para as pessoas dessa classe, como a família de Orwell e a maioria dos colegas de classe em St. Cyprian's e Eton, a pressão para ascender socialmente, ou ao menos manter-se na mesma posição que os pais – ser alguém na vida –, poderia ser excruciante. Orwell, que até os 25 anos seguiu uma progressão bastante linear e comum para alguém de seu estrato social, decidiu parar esse processo ao virar a mesa, as cartas e a louça no chão e deixar o cargo de oficial da Polícia Colonial na Birmânia.

Assim começou a *busca pelo outro*, e criou-se a persona literária de George Orwell. É através da personagem-Orwell¹² (como Williams chama o narrador dos romances de não-ficção *Homage to Catalonia*, *The Road to Wigan Pier*, *Down and Out in Paris and London*, além de contos como *Shooting an Elephant* e *A Hanging*) que Eric Arthur Blair se expressa. Essa *busca* é algo que permeia a sua obra de não-ficção.

Podemos identificar dois grandes processos de ruptura, na biografia de Orwell, que caracterizariam um *para-si*, em termos marxianos. Momentos em que, ao aperceber-se de sua condição de explorado/explorador, Eric Blair toma consciência de seu ser social e, por meio de uma mudança de atitude – junto ao coletivo –, busca *transcender* quem ele antes foi.

O primeiro momento ocorreu na Birmânia. Após voltar ao continente europeu, ele foi em busca daqueles sobre quem foi ensinado a ignorar e oprimir. *Down and Out* é um encontro com o lumpemproletariado londrino, e com a classe trabalhadora serviçal parisiense. Em *Wigan Pier*, vemos um Orwell já próximo do socialismo

¹¹“Ele [Orwell] e homens como ele estavam, na prática, no extremo de fora do sistema, em diversas maneiras. Não sendo donos de terras ou de propriedade substancial, eles eram dependentes de seus salários profissionais, que eram por sua vez dependentes de aceitar as definições de “profissão” e “serviço” que o sistema como um todo havia criado. Frequentemente, em tal grupo, há um tipo de super-ajustamento aos mesmos mitos que oferecem uma definição de membros da classe, como um todo. O medo de sair da classe da qual eles são, literalmente, a extremidade do fundo pode produzir definições mais rígidas e ruidosas da 'Inglaterra', do que para quem está no relaxado e confortável centro”.

¹² No original, *Orwell-figure*. WILLIAMS, 1971, p.82.

(ainda que de maneira bastante crítica), que procura compreender as condições de vida do proletariado minerador do Norte da Inglaterra – um tema também explorado por Friedrich Engels em “A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra”, de 1845.

O segundo momento é na Espanha. Ao sentir em sua pele, ossos, músculos e mente o terror do fascismo e do estalinismo, ele se dá conta de que é preciso se posicionar e, acima de tudo, *denunciar*. A sua atitude era a de que “a Guerra Espanhola está perdida, mas há muito o que fazer”. Era necessário contar ao mundo o que os seus companheiros sofreram, e o que pode vir a acontecer, caso as ideologias totalitárias tomem conta dos processos de poder.

Em nosso trabalho, vamos nos focar especificamente nas experiências espanholas de George Orwell, e nas mudanças que o seu pensamento político sofreu, a partir delas.

Birmânia

Logo após se formar no respeitável colégio de Eton, Eric Blair decidiu não seguir o caminho tradicional da universidade, se inscrevendo como guarda da Polícia Imperial Indiana, lotado na Birmânia¹³. Por meio do seu trabalho, Eric Blair entrou em contato com um outro Reino Unido – o Império Colonial. O que se sucedeu durante esse período foi uma crise de consciência que, segundo Williams¹⁴, levaria à criação de George Orwell, o escritor. Um de seus primeiros textos, no qual Blair descreve o enforcamento de um prisioneiro birmanês, revela um profundo olhar humanista:

It is curious, but till that moment I had never realised what it means to destroy a healthy, conscious man. When I saw the prisoner step aside to avoid the puddle I saw the mystery, the unspeakable wrongness, of cutting a life short when it is in full tide. This man was not dying, he was alive just as we are alive. [...] He and we were a party of men walking together, seeing, hearing, feeling, understanding

¹³ Atual Mianmar.

¹⁴ WILLIAMS, 1971, p.19.

the same world; and in two minutes, with a sudden snap, one of us would be gone - one mind less, one world less (ORWELL, *A Hanging*, 1931).¹⁵

Esse olhar humanista se aprofundaria com as experiências vividas no Norte Inglês e na Catalunha revolucionária. Para além dele, Orwell viria a compreender a individualidade (ou singularidade) como dependente das determinações de sociabilidade (particularidade e universalidade), isto é, a essência humana como o conjunto das relações sociais¹⁶.

Como escreveu Orwell, em *Wigan Pier*: “*I was in the Indian Police five years, and by the end of that time I hated the imperialism I was serving [...] In the free air of England that is not intelligible. In order to hate imperialism you got to be part of it*”¹⁷. A experiência iria gerar em Blair uma consciência dupla, um *doublethink*, talvez, que resultaria da contradição entre o adestramento social que recebeu, e o que ele mesmo *escolheu* ser. Isso permeia todo o seu trabalho. O escritor surge a partir das contradições entre o que o jovem Blair vê nas ruas de Rangoon e os valores colonialistas e burgueses, os quais ele foi sujeito durante a primeira parte da sua vida:

He was stuck, as he later saw it, between hatred of the Empire he was serving and rage against the native people who opposed it and made his immediate job difficult. Theoretically, he says, he was all for the Burmese and all against their British oppressors. Practically he was at once opposed to the dirty work of imperialism and involved in it. Some parts of this complex response can be seen as continuing through the rest of his life. Yet what is also crucial, at the time of the break, is his uncertain and ambiguous relationship to England: the society he knows and belongs to, yet in other ways, except in abstraction,

¹⁵ “É curioso, mas até aquele momento eu nunca havia compreendido o que significa destruir um homem saudável e consciente. Quando vi o prisioneiro pisar de lado para evitar a poça d'água, eu percebi o mistério, a erroneidade impronunciável de ceifar uma vida quando ela está em seu ponto culminante. Aquele homem não estava morrendo, estava tão vivo quanto nós. [...] Ele e nós fazíamos parte de um grupo de homens que caminhavam juntos, vendo, escutando, sentindo, compreendendo o mesmo mundo; e, em dois minutos, com um repentino barulho, um de nós iria partir – uma mente a menos, um mundo a menos.”

¹⁶ MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1984.

¹⁷ “Eu estive na polícia indiana por cinco anos, e no final daquele tempo eu odiava o imperialismo a que servia. [...] No livre ar da Inglaterra isso não era compreensível. Para poder odiar o imperialismo, você tem de fazer parte dele” ORWELL, 1938 apud WILLIAMS, 1971, p. 17.

does not know at all (WILLIAMS, 1971, p. 9)¹⁸

Em 1927 Eric Blair pediu a sua resignação da Polícia Indiana e voltou à Inglaterra. Mas qual Inglaterra? Àquela altura, ele havia passado a maior parte dos anos de sua vida estudando, e depois trabalhando, para um país que não conhecia de fato. Com a ideia na cabeça de tornar-se escritor e tentar compreender a sociedade à sua volta, Eric Arthur Blair percorreu os caminhos que o levariam a criar a sua *persona*, George Orwell.

Na Inglaterra, escreveu *Burmese Days*¹⁹, que somente seria publicado em 1935. O romance é um libelo contra a autoridade imperial inglesa. À época, ele acreditava que seria necessário garantir liberdade e democracia às colônias, para que o próprio Reino Unido não perdesse sua liberdade e democracia.

Down and Out in Paris And London

Instalado em Londres, Blair começa a estudar a vida e o comportamento dos mendigos da Inglaterra, decidido a disfarçar-se como um deles e promover “expedições mendicantes”²⁰. Utiliza-se da mesma premissa de Jack London em “O Povo do Abismo”: “*What I wish to do is to go down on the East End and see things for myself. I wish to know how those people are living there, and why they are living there, and what they're living for. In short, I am going to live there myself.*”²¹

Em 1928, atraído pelo baixo custo de vida da cidade, Eric Blair vai morar em uma pensão decrépita de Paris. Lá, empreende sua vida de escritor e colabora com

¹⁸ “Ele [Orwell] estava preso, como depois percebeu, entre o ódio pelo Império a que servia e a raiva contra o povo nativo que se opunha ao imperialismo e fazia do seu serviço imediato um trabalho difícil. Teoricamente, ele diz, ele era completamente a favor dos birmaneses e totalmente contra os britânicos opressores. Na prática, ele estava ao mesmo tempo opondo-se ao trabalho sujo do imperialismo e envolvido nele. Algumas partes dessa resposta complexa podem ser percebidas continuamente, durante o resto de sua vida. Mas o que é também crucial, no momento desta ruptura, é a incerteza e a relação ambígua com a Inglaterra: a sociedade da qual ele conhece e faz parte mas, de outras maneiras, a não ser como uma abstração, não conhece de verdade.”

¹⁹ Publicado no Brasil como “Dias Na Birmânia”, em 2008, pela Companhia das Letras.

²⁰ *Tramping expeditions*, no original.

²¹ “O que desejo fazer é ir até o East End londrino e ver as coisas por mim mesmo. Desejo ver como as pessoas vivem, porquê vivem, e pelo quê vivem lá. Em resumo, irei viver lá eu mesmo.” LONDON, 2005, p.12-13.

jornais locais. Mas, após receber alta do hospital, por conta de uma pneumonia, tem roubada a maior parte de seu dinheiro e pertences. Isso o leva a trabalhar como lavador de pratos em um hotel chique, onde passa a observar a vida da classe trabalhadora parisiense. Lá, descobre a barbaridade dos bastidores de um grande hotel e a submissão a que eram sujeitos os seus trabalhadores.

Após um ano e três meses, conseguiu reunir material suficiente para escrever o livro-reportagem *Down and Out in Paris and London* (1933)²², cujo manuscrito foi rejeitado por vários editores (incluindo o escritor T.S. Eliot, que declarou que a obra seria “um risco, do ponto de vista editorial”²³), até ser publicado por Victor Gollancz, editor do *The Left Book Club*²⁴. Blair, com medo da repercussão negativa que teria, caso fossem descobertas as suas “expedições mendicantes”, escolheu um pseudônimo, um “nome perfeitamente inglês”, em suas palavras. Surge George Orwell.

Orwell, em suas obras de reportagem, utilizou-se preferencialmente de suas observações em primeira mão, bem como de *media clipping*²⁵ da cobertura da imprensa britânica, norte-americana e espanhola (no caso de *Homage to Catalonia*), para fundamentar seus trabalhos. *Down and Out* foi concebido a partir das “expedições de mendicância” do autor, que passava dias vagando pela cidade de Londres e seus arredores, conhecendo outros mendigos, e descrevendo a miséria de suas vidas. Dizia que, uma vez descoberta a pobreza absoluta, ela “aniquila o futuro” do homem. Toda a sua existência passa a se preocupar com o aqui e o agora, e em como conseguir abrigo e, principalmente, comida.

A primeira parte do livro narra as aventuras de Orwell em Paris, enquanto escritor, vivendo de pequenos bicos. Por conta da falta de dinheiro, ele é obrigado a vender seus pertences em casas de penhor, e sofre com o funcionalismo público pouco eficiente. Passa a vagar pelas ruas, com base em uma dieta de pão com

²² Publicado no Brasil como “Na Pior em Paris e Londres”, em 2003, pela Companhia das Letras.

²³ BOWKER, 2003, p.112.

²⁴ Editora britânica que publicava e distribuía livros, via correio. Possuía uma linha editorial de Esquerda, ainda que seu editor evitasse a publicação de títulos que se distanciassem da ortodoxia socialista da época (ou seja, do comunismo soviético de Josif Stalin).

²⁵ Coletânea de artigos, reportagens e notícias publicadas em jornais diários, panfletos e revistas.

margarina e chá fraco, até conseguir emprego no hotel X²⁶., onde trabalhou como *plongeur*²⁷. Estão aqui presentes os conflito de classe, a exploração do trabalho e as contradições do espírito burguês. No capítulo final desta primeira parte, Orwell reflete sobre a vida de um lavador de pratos:

Creio que se deve começar dizendo que o *plongeur* é um escravo da vida moderna. Não que haja necessidade de ter pena dele, pois está em melhor situação do que muitos trabalhadores braçais, mas ainda assim, não é mais livre do que se fosse comprado e vendido. Seu trabalho é servil e sem arte; pagam-lhe apenas o suficiente para mantê-lo vivo; só tem férias quando é demitido. [...] Neste momento, há homens com diploma universitário esfregando pratos em Paris de dez a quinze horas por dia. Não se pode dizer que é mera preguiça deles, pois um homem preguiçoso não pode ser um *plongeur* [...] Se os *plongeurs* pensassem, teriam criado um sindicato há muito tempo e feito greve por um tratamento melhor. Mas eles não pensam, porque não têm tempo para isso; a vida que levam fez deles escravos (ORWELL, 2003, p. 135-136).

A segunda parte, fruto da observação e da experiência do modo de vida dos mendigos, possui trechos fortíssimos. A impressão geral da obra é a de uma descida progressiva ao inferno. O começo, em Paris, é pitoresco e deveras alegre, até que a perda da fonte de renda e a posterior vida de proletário fazem o autor sentir na pele a jornada de doze, catorze horas a que estavam sujeitos os trabalhadores da época. Mas é na segunda parte, em Londres, que Orwell sofre todos os preconceitos e humilhações possíveis, daqueles que podem ser considerados como verdadeiros párias da sociedade. Uma cena, em que descreve uma inspeção médica realizada em um dos albergues de passagem nos quais o autor dormia, remete-nos à imagem dos campos de concentração nazistas:

Nus e tremendo de frio, nos enfileiramos no corredor. É impossível imaginar que vira-latas degenerados e arruinados parecíamos, ali de pé, sob a luz implacável da

²⁶ O hotel não é nominado, no livro.

²⁷ Gíria parisiense para lavador de pratos.

manhã. As roupas de um mendigo são ruins, mas elas escondem coisas muito piores. Para vê-lo como ele realmente é, sem atenuantes, é preciso vê-lo nu. Pés chatos, pançudos, peitos encovados, músculos frouxos – todo tipo de deterioração física estava ali. Quase todos estavam subnutridos e alguns claramente doentes. [...] A inspeção tinha por único objetivo detectar a varíola e não dava atenção para nosso estado geral. Um jovem estudante de medicina, fumando um cigarro, percorreu rapidamente a fileira, dando uma olhada em nós de alto a baixo, sem perguntar se alguém estava bem ou doente. Quando meu companheiro de cela se despiu, notei que seu peito estava coberto de erupções vermelhas e, tendo passado a noite a alguns centímetros dele, entrei em pânico achando que fosse varíola. Porém, o médico examinou as erupções e disse que se deviam apenas à subnutrição (ORWELL, 2003, p. 171-172).

Ainda sobre a vida de mendicância, George Orwell procura desmistificar as “verdades” mais propagadas. O andarilho vagabundeia porque não tem para onde ir. Ao mesmo tempo, é impedido pela lei britânica de pedir dinheiro ou de dormir na rua. Dessa maneira, tem de sobreviver da venda de pequenas bugigangas, ou como artista de rua. Precisa dormir nos terríveis albergues de passagem e, mesmo assim, só pode ficar uma noite. Ele não rouba, nem briga, nem bebe, pois não tem o estômago ou os bolsos cheios o suficiente. É ignorado pelas mulheres, não podendo se casar, desenvolvendo perversões sexuais. O próprio sistema o faz manter-se na vida de mendigo.

Orwell nos mostra brilhantemente como uma abordagem empírica, calcada na experiência e na observação, pode ser esclarecedora e desmistificadora. Ela traz a Ilustração ao obscurantismo, que dessa vez não é medieval, e sim burguês. O mendigo – ou lumpemproletário, como diria Karl Marx –, não é “marginalizado”. Ele vive sim, nas entranhas do sistema capitalista, mesmo que como um parasita, porque faz parte do segmento da classe trabalhadora que remotamente estaria disponível para ser explorada pelo capital. Ou seja, sequer se aproximando dos segmentos que compõem a parcela mais diretamente explorável do chamado *exército de reserva*²⁸, da

²⁸ Segundo a socióloga Maria de Fátima Gomes de Lucena, “O conceito de exército de reserva (a superpopulação relativa) está vinculado à existência de uma população sobrando que estabelece um intercâmbio permanente com os trabalhadores que estão na ativa do mercado de trabalho capitalista, uma vez que se encontra sempre prestes a fazer

população para o capital.

Finalmente, podemos identificar no primeiro trabalho publicado de Orwell várias características que seriam recorrentes em toda a sua obra: a opressão do cidadão pela autoridade (neste caso, burguesa); uma incipiente tendência ao socialismo; a influência da forma naturalista/realista, da linguagem simples e direta; a abordagem empiricista e esclarecedora; a crítica ao sistema capitalista.

Wigan Pier

Em janeiro de 1936, Orwell saiu em uma jornada para aprofundar os temas delineados em *Down and Out*. Só que, desta vez, o objeto de estudo é a condição de vida do proletariado do norte industrial da Inglaterra. Daí surgiu *The Road to Wigan Pier*²⁹, publicado em 1937, dividido em duas partes. A primeira consiste na observação, em moldes empíricos, da classe trabalhadora mineradora. Orwell ganhou a confiança de diferentes famílias, penetrando em suas casas e em sua realidade de oprimidos. A segunda parte do livro revela uma evolução de seu pensamento: é uma reflexão, em formato ensaístico, dos problemas do socialismo, e de como esse poderia ser empregado para resolver os problemas da classe trabalhadora inglesa. Orwell coloca três questões simples e essenciais: São as condições de vida descritas na parte um toleráveis?; é o socialismo capaz de melhorar essas condições?; e por que então não somos todos nós socialistas?

Essa última pergunta é deixada em aberto, mas Orwell demonstra sua posição de “advogado do diabo”, enquanto socialista. Ele não hesita em criticar aqueles que são seus pares, os intelectuais da esquerda britânica. Descreve a maneira como alguns perdem tempo procurando consistência na ortodoxia política, enquanto falta-lhes uma “*common decency*”³⁰. Mostra como a glorificação do progresso tecnológico pode

parte da força de trabalho ativa” LUCENA, 2012, p.204.

²⁹ Publicado no Brasil como “O Caminho para Wigan Pier”, pela Companhia das Letras, em 2010.

³⁰ Algo como “decência comum”. É um conceito de Orwell sobre as características atribuídas à classe trabalhadora que seriam necessárias a uma sociedade revolucionária. Sobre isso, Williams comenta: “Orwell is nearest to what I believe to be the truth when he describes these characteristics as part of a genuinely popular culture which 'must live to some' extent *against* the existing order”. / “Orwell está mais próximo do que eu acredito ser a verdade quando ele

cegar os homens, e como a idealização do operariado aliena o socialista do contato com as outras camadas da classe trabalhadora.

Homage to Catalonia

Em nossa dissertação, iremos tratar da obra de não-ficção de George Orwell, nos focando especificamente no livro *Homage to Catalonia*³¹, publicado em 1938 na Inglaterra pela editora londrina Secker & Warburg.

Em *Homage to Catalonia* é possível perceber a cristalização do pensamento político de Orwell: a sua visão particular do socialismo e a rejeição ao fascismo e ao comunismo de Josif Stalin. No final do ano de 1936, estourou a Guerra Civil Espanhola. Orwell, que acompanhava de perto o desenrolar dos acontecimentos, decide se juntar à luta dos Republicanos, e parte para a Espanha. Orwell chega a uma Barcelona em clima revolucionário, em que os habitantes da cidade coletivizam os espaços e propriedades privadas e eliminam as saudações burguesas em favor de uma camaradagem de classe – o que maravilha o inglês.

Na Catalunha rebelde, é treinado no Quartel Lênin de Barcelona e parte para o *front* aragonês. Ao chegar lá, o autor toma um choque de realidade: as tropas são mal treinadas, mal equipadas e compostas por camponeses, garotos e mulheres. Torna-se oficial da milícia do *Partit Obrer de Unificació Marxista* (POUM), e comanda um pelotão de combatentes estrangeiros. Sua mulher (Eileen O'Shaughnessy) o visita, trazendo chocolate e chá, além de apoio moral para ele e para os seus companheiros. Após 115 dias no *front*, percebe que a atmosfera revolucionária que até então existia em Barcelona havia desaparecido, ao retornar para a cidade catalã.

O que ocorre a seguir pode ser considerado o clímax do livro. Orwell presencia os conflitos que ficaram conhecidos como as Jornadas de Maio de 1937 em Barcelona. Durante esse período, fica no meio do fogo cruzado das disputas entre as

descreve essas características como parte de uma genuína cultura popular, que 'deve viver, de alguma maneira', contra a ordem existente" WILLIAMS, 1971, p.23.

³¹ Publicado no Brasil como "Lutando Na Espanha", pela Editora Globo, em 2006. A Editora Globo também publicou uma edição em 1986, mas a primeira a ser editada no Brasil foi a da Civilização Brasileira, em 1967.

diferentes tendências da Esquerda: o partido POUM é tachado de “trotskista” pelas facções soviético-stalinistas. Orwell, que até tal ponto ignorava o quão profundas eram as diferenças entre as diversas forças republicanas da guerra, viu-se preso em uma *guerra civil dentro da Guerra Civil*. Eventualmente, retorna ao *front* aragonês, onde é ferido à bala no pescoço, sendo declarado inábil para o combate.

De volta à Barcelona pela última vez, Orwell foi obrigado a fugir para a Inglaterra com a esposa e outros companheiros, após o POUM ser declarado ilegal pelo governo catalão. Doente e fugitivo, Orwell decide sair do país junto com sua esposa, não sem antes tentar salvar o camarada e superior Georges Kopp. Falhando nessa última missão, a narrativa termina com a chegada do casal Blair à França. Na Inglaterra, trabalha no livro de memórias da Guerra Civil Espanhola, enquanto as forças monarco-fascistas de Franco esmagam as últimas resistências dos Republicanos. Logo depois, Orwell é diagnosticado com tuberculose, doença incurável à época, que viria a atormentá-lo por toda a vida.

Após a leitura desta obra, algumas observações puderam ser feitas em relação ao conteúdo, à linguagem e ao pensamento político do autor, dando origem às indagações que movimentam o presente trabalho. George Orwell, em *Homage to Catalonia*, discorreu sobre os problemas sociais do momento histórico em que estava inserido (entre o final da Primeira Guerra Mundial e o começo da Segunda Guerra Mundial), partindo de uma análise dos fatos por ele percebidos, como espectador em primeira mão. Nesse sentido, é possível notar a motivação ideológica do autor de narrar e tentar compreender, a partir de uma interpretação extremamente pessoal do socialismo, as transformações pelas quais passava a Espanha e a Europa daquele tempo.

Pode-se dizer que a publicação da visão de Orwell sobre a Guerra Civil, com *Homage to Catalonia*, foi o que levou os conflitos internos das forças Republicanas na Catalunha, bem como a própria existência e a cassação do POUM, a serem conhecidos por todo o mundo, alcançando uma dimensão que, de outra maneira, dificilmente teriam conseguido.

Ainda assim, deve-se ressaltar que esse conhecimento só ocorreu muitos anos após o fim da Guerra Civil. Orwell trabalhou diretamente com a sua tradutora para o francês, Yvonne Davet, que acatou a sugestão de Orwell de editar os capítulos V e XI da versão original como apêndices do livro³². Nosso autor considerava as seções demasiado duras: elas tratam do espectro político na Catalunha (Apêndice I) e da cobertura do conflito pela mídia europeia (Apêndice II) e, para Orwell, atrapalhariam o desenrolar da narrativa principal. Essa tradução foi publicada apenas em 1955. A única tradução que seria publicada durante a vida de Orwell seria a italiana, *Omaggio alla Catalognia* (1948).

No entanto, a edição mais influente do livro seria a norte-americana, publicada em 1952 pela editora nova-iorquina Harcourt Brace, com o prefácio do escritor e crítico literário Lionel Trilling. Ela apresentaria a visão de Orwell para um público maior, interessado no autor até então conhecido por *Animal Farm* e *Nineteen Eighty-Four*.

Na Espanha dos anos 1970, uma versão bastante distorcida pela censura Franquista apareceu, em 1978. Mesmo após a queda do regime, *Homenaje a Cataluña* continuaria sendo visto localmente como uma “má contribuição literária”, que revelaria a “ignorância do autor sobre a história política da Espanha”³³. Somente em 2003 seria publicada a versão integral da obra. Segundo o crítico literário Miquel Berga: “*que para conseguirlo hayan tenido que pasar 65 años desde la primera edición inglesa de Homage to Catalonia y 28 años de la muerte del general Franco provoca cierto rubor con relación al mundo editorial peninsular*”³⁴. Uma edição na língua catalã foi publicada em 2010, pela editora Labutxaca, de título *Homenatge a Catalunya*.

Em nosso estudo, nos basearemos na edição britânica de *Orwell in Spain*, uma coletânea que consiste no livro *Homage to Catalonia*, baseado na estrutura da versão

³² INGLE, 2006, p.89.

³³ MORUNO, 2011, p.37.

³⁴ “Que para conseguirlo tiveram de se passar 65 anos desde a primeira edição inglesa de *Homage to Catalonia* e 28 anos da morte do General Franco, provoca certa vergonha com relação ao mundo editorial peninsular” BERGA in ORWELL, 2003, p.11.

de Yvonne Davet, associado às cartas e ensaios escritos pelo autor sobre o conflito espanhol. Nessa edição, a narrativa está dividida em doze capítulos, além de dois apêndices. A organização foi feita por Peter Davison, que também cuidou da publicação da obra completa de Orwell, no volume *Complete Works of George Orwell* (1998). A edição de *Orwell in Spain* que utilizaremos é em formato *ebook*, tendo como referência de página a indicação (*loc*). Da mesma maneira, utilizaremos a sigla (*HtoC*) para nos referirmos a *Homage to Catalonia*, nas citações. As traduções dos trechos utilizados em nossa dissertação são provenientes da edição brasileira de 2006 de *Orwell in Spain*, “Lutando na Espanha”.

Segunda Guerra e os romances finais

Em 1939, explode a Segunda Guerra Mundial e Orwell – que até então mantinha uma postura pacifista –, adota um recém-descoberto patriotismo, tomando parte da defesa do Reino Unido junto com a *Home Guard*³⁵. No mesmo ano, é publicado o romance *Coming Up for Air*,³⁶ em que Orwell trabalha o tema da nostalgia de um passado campestre, e a dissolução contínua dessa sociedade pela especulação imobiliária, pelo comercialismo e pelos valores urbanos, à sombra do conflito mundial que se aproximava. É importante deixar claro, em última instância, que o patriotismo ao qual Orwell aderiu é bem diferente do nacionalismo. Ele define esse último como “*the habit of assuming that human beings can be classified like insects and that whole blocks of millions or tens of millions of people can be confidently labeled 'good' or 'bad'*”³⁷.

O período da guerra é crucial na vida de Eric Arthur Blair. Seu anti-estalinismo

³⁵ Guarda nacional britânica que atuava na proteção interna, combate a incêndios e organização da população. Era formada, em sua maioria, por civis. Orwell alistou-se para lutar no Exército Britânico, mas foi dispensado por conta de seus problemas de saúde.

³⁶ Publicado no Brasil como

³⁷ “[Como nacionalismo] me refiro ao hábito de assumir que seres humanos podem ser classificados como insetos e que blocos inteiros de milhões ou dezenas de milhões de pessoas podem ser confidentemente rotuladas como 'boas' ou 'más'” ORWELL, 1953, p.41-42.

torna-se mais pronunciado com o falho Pacto Molotov-Ribbentrop³⁸. Sua contribuição jornalística atinge o ápice – em 1940 é publicado *Inside the Whale*³⁹, coleção de ensaios literários. O artigo que leva o título, inicialmente uma resenha de “Trópico de Câncer” de Henry Miller, transforma-se em crítica à produção literária da primeira metade do século XX, culminando em uma reflexão sobre o ato de escrever.

É contratado como colunista pelo jornal *The Observer*, e seus comentários daquele período estão reunidos no livro “Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra”, postumamente publicado em 2003. Consegue também seu primeiro trabalho como produtor, no programa “*Voice*”, da rádio BBC, destinado ao público da então colônia indiana. No ano de 1941, publica o ensaio político *The Lion and the Unicorn: socialism and the english genius*. Esse livro marca a reconciliação do pensamento político de Orwell com a sua redescoberta identidade inglesa, clamando por uma revolução nas ilhas britânicas. Significativamente, ele tece um programa de seis pontos necessários para uma revolução socialista-democrática: 1. A nacionalização de indústrias, terras, minas, ferrovias e bancos; 2. A limitação da renda dos mais ricos por meio de impostos; 3. A reforma do sistema educacional sob linhas democráticas; 4. A concessão de autonomia e posterior independência à Índia; 5. A formação de um Conselho Imperial, com a representatividade dos povos das colônias; 6. A declaração de aliança formal com a China, Abissínia (atual Etiópia), e outros países “vítimas de poderes fascistas”⁴⁰. É interessante notar que tais posicionamentos seriam influenciadores para a geração dos anos 1950-1960 da Esquerda inglesa. Comenta Raymond Williams:

Their definition of socialism as the pursuit of equality had a traditional sound but a more precise contemporary significance: what had been understood as a socialist economy was (they argued) outdated by the development of an affluent industrial society; a new classlessness was emerging of its own accord and would be confirmed by measures of pragmatic social reform. Or, in Orwell's terms,

³⁸ Pacto entre a Alemanha nazista e a União Soviética que previa a divisão da Polônia, após sua invasão. Não se sucedeu.

³⁹ Publicado no Brasil como “Dentro da Baleia”, pela Companhia das Letras, em 2005.

⁴⁰ ORWELL, 1982, p.104.

the 'wrong members of the family', the old 'feudal' or 'aristocratic' elements would be displaced by the new men, the 'new Britain', and then the nation would become more civilised, more humane, more generally and equitably prosperous - just what Orwell had wanted as far back as *The Road to Wigan Pier* (WILLIAMS, 1971, p.84)⁴¹.

Em 1943, Orwell deixa o posto na corporação pública para virar editor do periódico semanal *Tribune*. Começa a trabalhar em uma nova obra de ficção. Sua inspiração inicial veio dos animais que criava no quintal de casa. Em 1945, adota uma criança recém-nascida – Richard Horatio Blair –, tem sua casa bombardeada durante a *Blitz*⁴² nazista em território britânico, e perde a mulher Eileen durante uma cirurgia. Em meio à tragédia, publica *Animal Farm*, primeira obra sua a ter sucesso comercial, que eventualmente tornou-se, junto a *Nineteen Eighty-Four*, um “clássico moderno”. *Animal Farm*⁴³ é uma metáfora brutal dos descaminhos da Revolução Russa sob o timão de Josif Stalin, apresentada como uma fábula. *Nineteen Eighty-Four*⁴⁴ acompanha a trajetória do dissidente Winston Smith em uma Inglaterra distópica, controlada por um governo de natureza totalitária. Segundo a pesquisadora Débora Reis Tavares: “Em seu último livro, Orwell diagnosticou um futuro com base nos poderes políticos, em uma guerra permanente e no autoritarismo, tendências estas que via por toda a parte. Por isso é possível afirmar que *1984* não se restringe a criticar somente o stalinismo, e sim qualquer forma de totalitarismo”.⁴⁵

No ano seguinte, muda-se para a remota Ilha de Jura, onde cria seu filho. Sua saúde piora cada vez mais. Continua a escrever para diferentes periódicos, procura

⁴¹ A definição do socialismo como a busca da igualdade soa tradicional, mas possui uma significância contemporânea específica: o que tem sido compreendido como uma economia socialista era (argumentavam eles) ultrapassada por uma nova ausência de classe, que emergia conforme a sua própria maneira, e que seria confirmada por meio de reformas sociais pragmáticas. Nos termos de Orwell, os 'membros errados da família', os velhos e aristocráticos elementos seriam substituídos por novos homens, uma 'nova Grã-Bretanha', e então a nação se tornaria mais civilizada, mais humana, próspera de uma maneira mais geral e igualitária – exatamente o que Orwell queria desde *The Road to Wigan Pier*.”

⁴² Bombardeios por parte da Luftwaffe alemã no território britânico, que afetaram especialmente a região metropolitana de Londres.

⁴³ Publicado no Brasil como “A Revolução dos Bichos”, pela Companhia das Letras, em 2007.

⁴⁴ Publicado no Brasil como “1984”, pela Companhia das Letras, em 2009.

⁴⁵ TAVARES, Débora Reis. A Revolta Contra O Totalitarismo em *1984* de George Orwell, A Formação do Herói Degradado. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, 2013, p.20.

um novo amor, e começa o rascunho do que viria a ser *Nineteen Eighty-Four*. Cai doente em 1947, e inicia uma peregrinação por hospitais que duraria mais de dois anos. Em junho de 1949, publica *Nineteen Eighty-Four*, obra pela qual tornou-se mais conhecido. Em outubro, casa-se com Sonia Brownell, sua segunda e última esposa, no quarto de hospital. Em 21 de janeiro de 1950, morre Eric Arthur Blair. George Orwell, a *personagem* e o escritor, persiste.

1.2 Orwell, um escritor-jornalista

“O jornalismo é, antes de tudo e sobretudo, a prática diária da inteligência e do exercício cotidiano do caráter.”

Claudio Abramo

Além de ser utilizado como legitimador de muitos e diversos discursos ideológicos, Orwell possui como característica marcante um certo “lamento pelo que acabei não vivendo/me tornando”. Nascido no início do século XX, Eric Blair surge como escritor aos onze anos com o poema *Awake! Young Men of England!*:

Oh! give me the strength of the Lion
The wisdom of Reynard the Fox
And then I'll hurl troops at the Germans
And give them the hardest of knocks.

Oh! think of the War lord's mailed fist,
That is striking at England today:
And think of the lives that our soldiers
Are fearlessly throwing away.

Awake! Oh you young men of England,
For if when your country's in need,
You do not enlist by the thousand,
You truly are cowards indeed⁴⁶.

(ORWELL, 1914)

Como disse Williams, “*it is a boy miming a country and a role*”⁴⁷. Não critiquemos as questões formais do poema de um garoto imberbe; mas fica escancarado o chauvinismo nacionalista que era ensinado nas *boarding schools* da Grã-Bretanha. Criado em Eton, o pequeno Eric aqui repete o discurso padrão da época da Grande Guerra: é preciso convocar os jovens para participar do esforço de guerra; honremos os compatriotas caídos; o papel de Deus como fiel do Estado. É interessante perceber as marcas infantis no texto: o uso de figuras típicas da fábula,

⁴⁶ “Oh! Dai-me a força do Leão / a sabedoria de Reynard, o Raposo / E então mandarei tropas aos Alemães / E dar-lhes-ei o mais forte dos golpes. / Oh! Pensai-vos na Guerra como a mão encouraçada do Senhor / E pensai-vos nas vidas que nossos soldados / Sem medo jogam fora. / Acordem! Oh vós, jovens homens da Inglaterra, / Pois quando vosso país necessita / Se não vos alistai aos milhares / Vós sereis realmente covardes” Disponível em <http://www.orwell.ru/library/poems/awake/english/e_away>.

⁴⁷ “É um menino imitando um país e um papel.” WILLIAMS, 1971, p.19.

como o Leão (valeroso, bravo, forte – o arquétipo do rei) e a Raposa Reynard (esperta, traiçoeira, ardilosa – o arquétipo do *trickster*⁴⁸), de uma literatura normalmente voltada para o público infantil; bem como a ameaça de chamar de covardes aqueles jovens que não se alistassem. A mistura de Estado, Deus, fábulas infantis e *bullying*, soa deveras bizarra aos nossos ouvidos contemporâneos. Mas é nada mais do que esperado, quando situamos o poema em seu tempo: o Império Britânico enfrentava a maior guerra já disputada até então com os rivais Austro-Húngaros e Otomanos, além da Alemanha; era necessário fomentar o nacionalismo na população de maneira a torná-la mais suscetível a perder seus homens e recursos, em nome do rei. Ainda que isso tenha feito uma criança grafar a palavra *guerra* com “G” maiúsculo.

Já na adolescência, Orwell decidiu que gostaria realmente de “escrever romances naturalistas imensos com finais infelizes, cheios de descrições detalhadas e de símiles impressionantes, e também cheios de passagens floreadas em que as palavras fossem usadas em parte por causa do som”⁴⁹. As descrições detalhadas e os finais infelizes estão presentes em boa parte da prosa ficcional do nosso escritor, e a influência do naturalismo é visível em um admirador confesso de Flaubert.

Orwell, como escritor, tinha influência declarada de autores realistas, como Gustave Flaubert, Stendhal e Charles Dickens. De fato, é possível encontrar pontos de convergência entre os seus primeiros livros-reportagem e o Realismo Crítico de Hemingway e John dos Passos, um estilo que se preocupa em representar artisticamente os problemas sociais, mas não necessariamente com um compromisso ideológico definido⁵⁰.

A descrição de ambientes é uma das características naturalistas/realistas que mais salta aos olhos, e podemos encontrá-la na obra de Orwell no seu relato da Rue du Pot de Fer, ficcionalizada como Rue du Coq d'Or, onde ficava o hotel de baixo

⁴⁸ Personagem que faz brincadeiras, desobedece as regras do status quo – um inconformista. Além da Raposa Rénard, podemos encontrar o arquétipo em personagens populares, como O Máscara, ou Cascão e Cebolinha, da Turma da Mônica, bem como na mitologia (Loki, Cupido, Pã).

⁴⁹ “Por Que Escrevo” in ORWELL, George; PIZA, Daniel [org.]: Dentro da Baleia e Outros Ensaio. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.24.

⁵⁰ D'ONOFRIO, 1990, p. 433

nível em que morou durante sua estada parisiense. Lá é onde se passa a ação da primeira parte do livro *Down and Out in Paris and London*:

Era uma rua muito estreita – , um desfiladeiro de casas altas e leprosas, inclinadas umas em direção às outras de modo estranho, como se tivessem sido congeladas enquanto ruíam. Todas as casas eram hotéis, apinhados até o teto de hóspedes, em sua maioria poloneses, árabes e italianos. No térreo dos hotéis havia bistrôs minúsculos, onde se podia ficar bêbado pelo equivalente a um xelim. Nas noites de sábado, cerca de um terço da população masculina do bairro se embebedava. [...] Era um lugar bem turbulento. Não obstante, em meio ao barulho e à sujeira, viviam os costureiros comerciantes franceses respeitáveis, padeiros, tintureiros e assemelhados, quietos na deles e acumulando em surdina pequenas fortunas. Era um bairro parisiense miserável bastante característico (ORWELL, 2003, p.12).

Supõe-se que a personagem-narrador é o próprio George Orwell. Na realidade, há certas discrepâncias entre os acontecimentos. Enquanto que a fome passada foi de veras real, o autor não viveu na completa miséria, pois recebia algum dinheiro escrevendo para jornais parisienses, além de ajuda de uma tia. Segundo a lógica do romance, Orwell volta à Inglaterra após penar como lavador de pratos em um hotel e um bistrô, para ser tutor de uma criança portadora de deficiência. O que se sucede é que a família com quem deveria se hospedar sai em viagem para voltar em um mês. Dessa maneira, o personagem-narrador se vê obrigado a vagar como *tramp*⁵¹, pelas ruas, até o retorno de seu pupilo. Em verdade, Orwell realizava suas “expedições mendicantes” por vontade própria, mas nunca chegou a precisar viver dessa maneira para sobreviver. Ele morava confortavelmente em um apartamento da Portobello Road, e essas experiências se sucederam cronologicamente antes de o autor se mudar para a França. Dessa maneira, identifica-se uma qualidade particular do jornalismo literário: é difícil, para o leitor, saber quando o escritor está descrevendo a realidade factual, ou quando faz concessões artísticas para prover uma linha de continuidade lógica ao enredo do romance. De todo caso, os realistas tendem muito mais à

⁵¹ Vagabundo, mendigo.

metonímia do que à metáfora: é melhor fazer de um personagem ou de um acontecimento um exemplo, algo que possa ser entendido de maneira universal, do que tratá-lo como um acontecimento causal e isolado. Um exemplo é o personagem Bozo, mendigo-artista que ganha a vida fazendo caricaturas com tinta na calçada do Embankment, às margens do rio Tâmisa. Segundo o próprio autor, ele é muito mais uma amálgama de algumas pessoas com quem conviveu, do que uma pessoa apenas. Orwell busca, ao utilizar o recurso da metonímia, representar muito mais um *tipo humano*, com suas características essenciais, do que um indivíduo em especial. É interessante notar que, ao passo que para o jornalismo corrente – que encara a objetividade e o *fact-checking* como pilares de um modo de produção textual –, esse recurso é absolutamente abominável, ele de fato se encaixa bem na proposta do Novo Jornalismo de Tom Wolfe e Hunter S. Thompson, em que é mais importante *pôr em pauta um problema*, ou provar um argumento. De qualquer maneira, é também uma necessidade estilística: enquanto uma determinada personagem real pode não ser tão interessante do ponto de vista do enredo, amalgamá-la, ou atribuir a ela qualidades de outras personagens, pode ajudar a resolver os problemas de um enredo fraco.

Orwell foi jornalista durante uma época em que os escritores procuravam nos periódicos uma maneira de ganhar a vida com maior regularidade. Para o jornalismo, as contribuições resultantes dessa parceria foram enormes. Os romancistas, ao aliar sua linguagem literária com a reportagem factual criaram novas possibilidades, não somente estilísticas, mas também discursivas, para o *métier*. Hoje, em tempos de internet e notícias-pílula, a profundidade e a qualidade do texto vão se dissolvendo, em favor do imediatismo e da superficialidade.

Outro ponto que nos chama a atenção é a linguagem do autor. Ela é coloquial, direta, por vezes irônica e essencialmente crítica. Quase há a impressão de se ler um artigo de opinião em um jornal diário. E até que ponto a linguagem e o modo-de-fazer jornalísticos poderiam ter influenciado a sua prosa literária? Sabe-se que, além da questão puramente linguística, Orwell usava métodos de apuração do jornalismo para obter material para seus escritos. No prefácio para a edição de 1989 da Penguin

Modern Classics de “*Homage to Catalonia*”, o escritor inglês Julian Symons afirma:

“*Homage to Catalonia*” reminds us that Orwell was a superb journalist and reporter. Nobody has described the experience of this kind of warfare, which was still essentially the trench warfare of 1914-18, better than done here. The boredom and confusion; the apparently meaningless orders taking men forwards and back; the shells that failed to explode and the hopelessly antiquated rifles; the mysterious call to retire after reaching an excellent defensive position; all are portrayed in a way that gives a wonderful sense of actuality. (SYMONS, 1989 in ORWELL, 1938)⁵²

Assim, o uso da técnica e linguagem jornalísticas, configuradas no formato literário, poderia aproximar a obra orwelliana do gênero conhecido como jornalismo literário, multidisciplinar por natureza, encabeçado por escritores-jornalistas como Gay Talese, Tom Wolfe e Hunter S. Thompson.

O professor de jornalismo da Universidade Federal Fluminense, Felipe Pena, delineia sete características que um texto jornalístico literário deve possuir⁵³: 1) “Potencializar os recursos do Jornalismo”: desenvolver as técnicas obtidas através da prática diária na redação; rigor na apuração, observação, abordagem ética e linguagem coloquial; 2) “Ultrapassar os limites do cotidiano”: é necessário romper com o imediatismo do jornalismo diário; a narrativa ficcional empregada no jornalismo requer espaço físico, maior tempo de apuração, reflexão – como no processo de gestação de um livro; 3) “Proporcionar visões amplas da realidade”: contextualizar a informação da maneira mais abrangente possível; procurar diferentes recortes do real; 4) “Exercer a cidadania”: procurar pautas que possam contribuir para a formação do cidadão, para o “bem comum”; 5) “Romper com as correntes do

⁵² “*Homage to Catalonia* nos lembra que Orwell foi um excelente jornalista e repórter. Ninguém descreveu melhor do que ele a experiência daquele tipo de guerra, que ainda era a guerra de trincheiras dos anos de 1914 e 1918. O tédio e a confusão; as ordens aparentemente sem sentido que faziam os homens irem de baixo a cima; as ogivas que falhavam em explodir e os antiquados rifles; a misteriosa ordem de bater em retirada após encontrar uma ótima posição de defesa; tudo é descrito de uma maneira que nos dá uma maravilhosa sensação de atualidade”.

⁵³ PENA, 2008, p.18.

*lead*⁵⁴: a fixação do jornalismo moderno no *lead* leva à superficialização do texto, tornando-o excessivamente factual. No jornalismo literário, o escritor-jornalista deve transcender o *lead*, aumentando a carga subjetivo-narrativa do mesmo; 6) “Evitar os definidores primários”: procurar ouvir as fontes menos óbvias, em detrimento das fontes oficiais/oficiosas; 7) “Perenidade”: “O texto deve servir para algo mais que embrulhar o peixe na feira”.

Dessa maneira, se enxergarmos *Homage to Catalonia* como uma obra de reportagem jornalística – ainda que fundamentada na narrativa literária, e não na *notícia* -, podemos encontrar algumas das citadas características no texto de Orwell. É necessário, de qualquer maneira, salientar que o tópico “exercer a cidadania” soaria deveras burguês para um escritor socialista como Orwell. Ainda assim, se substituirmos o termo “cidadania” por “crítica social”, nos conformes democrático-socialistas de Orwell, é possível que o conceito seja aplicado satisfatoriamente.

Ainda no ensaio *Why I Write*, Orwell delineia quatro motivos essenciais que fazem um escritor colocar seu *métier* em prática: “Puro Egoísmo”; “Entusiasmo Estético”; “Impulso Histórico” e, finalmente, “Propósito Político”.

Orwell, ao acordar *para-si*, percebeu que teria que subordinar os três primeiros motivos ao último. É de se esperar, afinal, que um homem como ele, colocado frente aos conflitos nacionais e de classe do entre-guerras e da Segunda Guerra Mundial, tenha tomado posições firmes, frente aos acontecimentos históricos.

O que Orwell tinha como “Propósito Político” era “o desejo de lançar o mundo em determinada direção, de mudar as ideias das pessoas sobre o tipo de sociedade que deveriam se esforçar para alcançar”⁵⁵. A sua “natureza” - que ele compreende como o estado de amadurecimento alcançado ao chegar à maioridade – foi formada por uma “invasão” dos acontecimentos políticos e históricos de sua época. Como disse Williams:

⁵⁴ O *lead* é o parágrafo de abertura de um texto jornalístico, que pode funcionar como um recurso de *in media res*, fazendo o leitor mergulhar diretamente em um momento climático da narração. O *lead*, no jornalismo diário, é muitas vezes sub-utilizado, servindo apenas para revelar as informações-chave da notícia.

⁵⁵ ORWELL, 2005, p.25.

How could a man, a writer, stand aside when such things were happening? But the form of this acknowledgement remains interesting. For it presupposes a situation in which a writer could choose whether to be exposed to a social and political reality. The bitterness of the thirties was that no decent man could choose not to be exposed. But this is only a repetition in a particular form of his original and I would say persistent world-view. Men have their natures - not innate natures but their formed adult selves - which a social and political reality invades. Orwell's apparently limited statement about writing turns out, on reflection, to be a very general statement about individuals and societies. The relation between 'writing' and 'reality' is a form of the relation between men and their history (WILLIAMS, 1971, p.32-33)⁵⁶

Esse “Propósito Político” de que fala Orwell nos parece próximo ao conceito de “Mandato Social”, proferido pelo poeta russo Vladimir Maiakóvski. Para ele, existiam cinco dados indispensáveis ao início do trabalho poético, entre eles: “a existência, na sociedade, de um problema cuja solução só é concebível por uma obra poética. O mandato social⁵⁷”. Da mesma maneira, um outro ponto necessário para a feitura de um texto é “um conhecimento exato ou, melhor, um sentimento dos desejos da vossa classe [...] no que se refere à questão dada, isto é: a tendência (do poema) para um fim específico”.⁵⁸ Para ambos, a necessidade de se falar de uma questão contemporânea, é primordial. De uma forma semelhante, os dois levam em conta também a expressão das visões da classe trabalhadora, do *homem comum*.

Ainda que, no ensaio “Dentro da Baleia”, Orwell tenha feito um elogio à “passividade” de Henry Miller e seu “Trópico de Câncer”, nosso escritor posicionou-se muito claramente em relação a qual lado defendia:

⁵⁶ “Como poderia um homem, um escritor, manter-se de fora quando tais coisas estavam acontecendo? Mas a forma de seu reconhecimento mantém-se interessante. Pois ela pressupõe uma situação em que um escritor pode escolher se deve se expor ou não a uma realidade política e social. A amargura dos anos trinta era que nenhum homem decente poderia escolher não se expor. Mas essa é apenas uma repetição de uma maneira particular da sua visão de mundo original e persistente. Os homens têm suas naturezas – não suas naturezas inatas, mas as suas adulezas formadas – que uma realidade social e política invade. A aparentemente limitada declaração de Orwell sobre a escrita acaba por, em reflexão, ser uma declaração bastante geral sobre os indivíduos e as sociedades. A relação entre 'escrita' e 'realidade' é uma forma de relação entre os homens e sua história.”

⁵⁷ MAIAKÓVSKI, 1991, p.21.

⁵⁸ Idem.

Escrevo porque existe uma mentira que pretendo expor, um fato para o qual pretendo chamar a atenção, e minha preocupação inicial é atingir um público. Mas não conseguiria escrever um livro, nem um longo artigo para uma revista, se não fosse também uma experiência estética. Quem se dispuser a examinar meu trabalho perceberá que, mesmo quando é uma clara propaganda, contém muito do que um político de tempo integral consideraria irrelevante. (ORWELL, 2005, p.29)

Podemos tecer algumas considerações em relação aos excertos citados. A motivação principal de Orwell como escritor é a de expor uma mentira; um *fato* que lhe chama a atenção. Ressalto a palavra “fato” pois ela é utilizada para definir aqui um critério de realidade (como diria Marx, o “real é o critério de verdade”). Algo verdadeiro, que foi subvertido em uma falsidade. Mas não só isso; o *fato* a que Orwell se refere é muito próximo ao que em Comunicação é conhecido como “fato jornalístico”. Como disse o professor da ECA-USP, José Coelho Sobrinho (2008):

O fato para o jornalismo é uma informação escolhida intencionalmente pelo jornalista por ser de interesse de seu público. [...] a objetividade oferece uma multidão infinita de aspectos, nuances, dimensões e combinações possíveis de serem selecionadas. O conceito de fato, porém, implica a percepção social dessa objetividade. Os fatos jornalísticos são um recorte do fluxo contínuo, uma parte que, em certa medida, é separada arbitrariamente do todo (SANTOS, 2008)⁵⁹.

Orwell também se refere à “experiência estética” que vem, para ele, acoplada ao trabalho de escrita – ainda que o “parnasos estético” não seja o objetivo último desse seu trabalho. O que é necessário é *chamar atenção* para o *fato*. É interessante notar que, ainda que afirmasse que *fato* e *estética* são intrinsecamente articulados, Orwell fazia a separação característica de seu tempo. Ainda que nosso escritor afirme que *estética* e *fato*, em sua obra, sejam como duas notas harmonizando em uníssono, ele julga que ambas, em última instância, são tocadas por instrumentos diferentes.

⁵⁹ SANTOS, Fabíola Ortiz dos. A objetividade no jornalismo, o fato jornalístico e a abordagem de temas sociais em jornais de distribuição gratuita. Ciranda Brasil, 30/03/2008. Disponível em <http://www.ciranda.net/brasil/article/a-objetividade-no-jornalismo-o?lang=pt_br>.

Vejamos este excerto de *Why I Write*:

Meu livro sobre a Guerra Civil Espanhola, *Homage to Catalonia*, é, claro, abertamente político, mas a maior parte dele foi escrita com algum distanciamento e preocupação com a forma. Empenhei-me muito em contar toda a verdade sem violar meus instintos literários. Mas entre outras coisas o livro contém um longo capítulo, repleto de citações de jornais e coisas do gênero **[aqui ele se refere aos capítulos que foram posteriormente publicados como os apêndices I e II]**, que defende trotskistas acusados de tramar com Franco [...] Um crítico que respeito me passou um sermão sobre isso. 'Por que incluiu todo esse material?', perguntou. 'Transformou em jornalismo o que poderia ter sido um bom livro.' O que ele disse era verdade, mas eu não poderia ter feito de outra maneira. Ocorreu que eu sabia o que poucas pessoas na Inglaterra tiveram a oportunidade de saber: que homens inocentes estavam sendo falsamente acusados. Se não estivesse revoltado com isso, jamais teria escrito o livro (2005, p.29-30, Grifo nosso).

É a nossa opinião que *estética* e *fato* são mais como notas pretas e brancas de um mesmo piano. Gêneros como o jornalismo literário, ou a ficção jornalística passeiam entre esses dois conceitos. Em última instância, a divisão da escrita é o produto da divisão social do trabalho. Concordamos então com Raymond Williams, que identifica historicamente a separação desses conceitos:

Literature used not to be divided in these external ways. The rigid distinction between 'documentary' and 'imaginative' writing is a product of the nineteenth century, and most widely distributed in our own time. Its basis is a naïve definition of the 'real world', and then a naïve separation of it from the observation and imagination of men. If there is real life and its recording, on the one hand, and a separable imaginative world on the other, two kinds of literature can be confidently distinguished, and this is much more than a formal effect. In naturalist and positivist theories this effective dualism of 'the world' and 'the mind' is at least clearly recognisable. But the conventional dualism of most orthodox literary theory has scarcely been noted, let alone challenged. Terms like 'fiction' and 'non-fiction', 'documentary' and 'imaginative', continue to obscure many of the actual problems of writing. (WILLIAMS, 1971, p.41-42)

Nossa posição é de que *estética* e *fato* não compreendem uma dicotomia, mas sim uma relação *dialética*. É interessante ressaltar esse tipo de comportamento por parte de Orwell. Na realidade, a própria separação entre: a) idealisticamente acreditar na dissociação entre *estética* e *fato*, e; b) na práxis, entrelaçar os dois em sua escrita – denota um pensamento dialético. A síntese é o seu ser social. Teria sido tal lógica um dos germes do conceito de *doublethink*⁶⁰, apresentado em *Nineteen Eighty-Four*?

Por isso, é curioso Orwell afirmar que, apesar de muitos de seus escritos sejam propaganda (do seu socialismo democrático tão particular) há, em sua obra, coisas que um político comum certamente ignoraria. Vejamos de uma passagem de *Homage to Catalonia* em que, ao retornar do *front* para uma Barcelona que gradativamente retornava à ordem burguesa, Orwell descreve as enfeitadas vitrines, que contrastavam com a pobreza da cidade e com a própria penúria do narrador que – pasmem – relata a sua vontade nada-mais-que-humana de faltar-se.

A day or two after the street-fighting I remember passing through one of the fashionable streets and coming upon a confectioner's shop with a window full of pastries and bonbons of the most elegant kinds, at staggering prices. It was the kind of shop you see in Bond Street or the Rue de la Paix⁶¹. And I remember feeling a vague horror and amazement that money could still be wasted upon such things in a hungry war-stricken country. But God forbid that I should pretend to any personal superiority. After several months of discomfort I had a ravenous desire for decent food and wine, cocktails, American cigarettes, and so forth, and I admit to having wallowed in every luxury that I had money to buy (HtoC, loc 2186)⁶².

⁶⁰ Segundo Tavares, o *doublethink*, conceito que faz parte da ideologia *Ingsoc* do governo fictício de *Nineteen Eighty-Four*, é “um pensar que envolve ambiguidade, um jogo de palavras em que os significados das palavras são duplos: têm o significado real e ao mesmo tempo contrário” (TAVARES, 2013, p.24). Williams vê o *doublethink* (traduzido no Brasil como *duplipensar*) como uma criação advinda da observação de Orwell das contradições inerentes do capitalismo, enquanto membro da *upper-lower-middle class*.

⁶¹ Ruas de comércio de luxo e supérfluos, respectivamente em Londres e Paris, que à época de Orwell possuíam lojas e magazines como Cartier e The Royal London Arcade.

⁶² “Um ou dois dias depois das batalhas de rua, lembro-me de ter passado por uma das ruas elegantes e me deparado com uma confeitaria, com a vitrine cheia de doces e bombons dos tipos mais finos, a preços assombrosos. Era o tipo de loja que se vê em Bond Street ou na Rue de la Paix. E lembro-me de ter sentido um horror e um pasmo difusos que o dinheiro ainda pudesse ser gasto com coisas assim em um país faminto e devastado pela guerra. Mas Deus me livre de querer afetar qualquer superioridade pessoal. Depois de vários meses de desconforto, sentia um desejo voraz por comida e vinhos decentes, coquetéis, cigarros americanos e tudo o mais, e confesso ter me esgozado em todos os luxos que meu dinheiro podia comprar” (p.117).

Que político ou propagandista iria chamar a atenção para algo tão pessoal, carnal e brutalmente honesto? Em defesa de uma causa política – ou mesmo de uma causa própria – tais declarações certamente soariam pequeno-burguesas, sinais de fraqueza ou até mesmo de capitulação, frente aos ideais revolucionários. Mas, em meio à penúria da guerra, não são naturais os impulsos de alimentar-se, buscar conforto?

É pois, então, que sustentamos: a prosa orwelliana é *dialética*, bem como extremamente singular. Percebamos que, em um mesmo parágrafo, Orwell tece uma crítica social [*I remember feeling a vague horror and amazement that money could still be wasted upon such things in a war-stricken country*] e revela impulsos auto-indulgentes [*I had a ravenous for decent food and wine (...) and I admit to having wallowed in every luxury that I had money to buy*].

Em último lugar, mas não menos importante, reiteremos que Orwell considerava-se um socialista. Ainda que não claramente alinhado a nenhuma corrente política da Esquerda de seu tempo, ele sustentou essa posição até a sua morte, em 1950. O ensaio *Why I Write* é datado de 1946, o ano seguinte ao final da Segunda Guerra Mundial e à publicação de *Animal Farm*, o primeiro de seus dois romances que teriam como tema dominante o totalitarismo. Em 1936, aconteceriam os eventos estudados em nossa dissertação, relatados em “*Homage to Catalonia*”. Esse ínterim de cerca de dez anos entre a decisão de Eric Arthur Blair de lutar pela causa Republicana na Espanha, e a escrita de *Why I Write*, foi crucial para a cristalização dos ideais socialistas-democráticos tão particulares a George Orwell.

PARTE I – *Orwell & Spain*

Capítulo 2:

Origens da Guerra Civil Espanhola

This place has changed for good
Your economic theory said it would
It's hard for us to understand
We can't give up our jobs the way we should
Our blood has stained the coal
We tunneled deep inside the nation's soul
We matter more than pounds and pence
Your economic theory makes no sense

Canção *We Work The Black Seam*, do álbum *The Dream of the Blue Turtles* [Sting, 1985]

2.1. Para Começar, Uma Alegoria

“The truth, it is felt, becomes untruth when your enemy utters it”⁶³

Orwell, *Looking Back on the Spanish Civil War*

Caso perguntássemos a um leitor brasileiro quais seriam as imagens que lhe viriam à cabeça quando pensasse na Espanha, possivelmente elas seriam um tanto quanto estereotipadas: touradas, *paella*, galeões cruzando o Atlântico, famílias reais, a rainha de origem espanhola Carlota Joaquina batendo a areia do sapatos para fora da caravela, de volta à Península Ibérica. Talvez alguns poderiam lembrar-se da pintura *Guernica*, de Pablo Picasso, e das estranhas formas dilaceradas e agonizantes que ela reproduz. Se juntarmos essas duas visões da Espanha, temos como resultado uma mescla do cômico com o trágico. Talvez, por mais díspar que pareçam ambas as partes, essa seja uma mistura que represente bem a maneira como esse país é retratado na obra que estaremos estudando. Nos primeiros parágrafos de *Homage to Catalonia*, George Orwell nos descreve o encontro com a pessoa de um miliciano italiano, em Barcelona, um dia antes do escritor entrar nas fileiras do POUM⁶⁴:

He was a tough-looking youth of twenty-five or -six, with reddish-yellow hair and powerful shoulders. [...] He was standing in profile to me, his chin on his breast, gazing with a puzzled frown at a map which one of the officers had open on the table. Something in his face deeply moved me. It was the face of a man who would commit murder and throw away his life for a friend [...] There were both candour and ferocity in it; also the pathetic reverence that illiterate people have for their supposed superiors. Obviously he could not make head or tail of the map; obviously he regarded map-reading as a stupendous intellectual feat. (HtoC, loc 978).⁶⁵

⁶³ “A verdade, me parece, torna-se inverdade quando o seu inimigo a profere.”

⁶⁴ *Partit Obrer de Unificació Marxista*, inicialmente de viés Trotskista, que seria posteriormente cassado pelo Governo Republicano, em eventos descritos em “*Homage to Catalonia*”

⁶⁵ “Era um jovem com ar de durão, de vinte e cinco ou vinte e seis anos, cabelos louro-avermelhados e ombros largos. [...] De perfil para mim, queixo no peito, olhava intrigado, de cenho franzido, um mapa que um dos oficiais abria sobre a mesa. Algo em seu rosto me tocou profundamente. Era o rosto de um homem que iria matar e jogar sua vida

Presente nesta rápida descrição da personagem inominada, percebemos a adoração que Orwell sentia pela paixão revolucionária dos combatentes na Catalunha. Também percebemos um certo julgamento de classe por parte do escritor, uma abjeção pela “falta de civilidade” e “estupidez” a que os pobres estão sujeitos. Em apenas um parágrafo, é possível ver o conflito dialético que existiu neste homem, criado e engomado para tornar-se um burocrata xenófobo e classista do Império Inglês e que, contrariando todos os ditames das expectativas de sua classe social, tornou-se um escritor socialista e libertário que advogava contra a exploração do ser humano pelo capital.

E, se continuarmos a interpretar o tal miliciano como uma alegoria, podemos ver nela também o povo espanhol, senão a própria Espanha da década de 1930. A ferocidade e a candura – os ombros fortes, acostumados a carregar o peso dos séculos de manutenção de uma sociedade estamental; o rosto pleno de esperança de um porvir. A reverência patética pelos rituais da monarquia e pelos sermões da Igreja, as duas unidas em um casamento dinástico, fartando-se às custas do povo, enquanto esse último segue se alimentando de luz e parco pão.

A Espanha daquela época era um país com um atraso de pelo menos cento e trinta anos em relação às potências europeias, com uma aristocracia subsistindo das estruturas sociais e econômicas do *Ancien Régime*; uma burguesia incipiente pressionando para que seus projetos políticos fossem aceitos e seus mercados expandidos; um proletariado enraivecido e revolucionário, mas dividido, e um campesinato arrasado, mergulhado no obscurantismo.

Na segunda parte de nosso trabalho, vamos procurar compreender algumas causas que levaram à Guerra Civil Espanhola, e entender como esse conflito se desenrolou.

fora por um amigo [...] Havia tanto candura quanto ferocidade nele; havia, também, a reverência patética que os analfabetos têm para com seus supostos superiores. Era óbvio que o mapa não tinha nem pé nem cabeça para ele; era óbvio que ele encarava a leitura de um mapa como um feito intelectual estupendo.” (p.27)

2.2 *Spain, whose Spain?*⁶⁶

A região da Península Ibérica é formada por um Sul de clima agreste, mas estrategicamente posicionado em relação ao Mediterrâneo e ao Atlântico, e por um Norte verde e pastoral, com a cadeia de montanhas dos Pirineus funcionando como fronteira natural. Por anos, gregos e cartaginenses mantiveram interesse pela região, mas foi a República de Roma que de fato estabeleceu uma relação de conquista com a cultura celtíbera que ali havia se firmado. Após a queda do Império, a *Hispania*, já devidamente romanizada, seria invadida por povos germânicos da Europa Central, notadamente os Suevos e Visigodos. Os primeiros se instalaram no território que hoje compõe a Galícia e o Norte de Portugal, enquanto os últimos ficaram no norte-nordeste da península, até eventualmente conquistarem a região inteira por volta do ano 700. No início, eram chefes-guerreiros que seguiam as leis consuetudinárias, à moda germânica, mantendo-se ocupados em intrigas uns com os outros. Eram, em sua maioria, adeptos do arianismo cristão (considerado herege pela Igreja), e não se misturavam com a população local romanizada e católica. Eventualmente, com a conversão do rei Recaredo ao catolicismo, em 587, a fé romana foi consolidada na região. Foi nessa época também que desenvolveu-se uma economia feudal, baseada nas *Villas*, fazendas cercadas por muros fortificados.

Eventualmente, a Península Ibérica se tornaria alvo da expansão religiosa e territorial promovida pela Civilização Islâmica, que estabeleceu o *Al-Andalus*. Das áreas tomadas dos cristãos, somente restaria a região das Astúrias, no Extremo Norte. Esse feito, em 711, seria o ponto inicial e máximo da conquista muçulmana, e os reinos do Norte levariam mais de sete séculos para “retomar” o seu território original. Inicialmente, a Ibéria era uma extensão do grande Califado de Umayyad, mas disputas internas resultariam na independência da região e no Califado de Córdoba,

⁶⁶ “A Espanha de quem?”. Aqui, parafraseio Raymond Williams, no seu capítulo *England, whose England*, do livro *Orwell*, de 1971.

no século X. O período islâmico seria de relativa paz e coexistência entre judeus, cristãos e muçulmanos, e a pujança econômica resultaria em efervescência artística e científica. Tensões internas e externas contribuiriam para o declínio gradual até a *reconquista* do Emirado de Granada pelos Reis Católicos, Fernando de Aragão e Isabela de Castela, em 1492. À essa altura, Portugal já era um reino unificado (em 1139) e independente, e o Estado Nacional da Espanha eventualmente seria criado em 1479 com a união dos dois reinos mais poderosos da Península, por meio do casamento de Isabela e Fernando. A nova nação viveria um período de grande pujança econômica, baseada na extração de minérios e especiarias das colônias na América, Ásia e África, tornando-se o maior Império Colonial do mundo.

O século XIX seria especialmente ruim para a Espanha. Ela teve de reconquistar suas terras após a invasão da Península por Napoleão, em 1808, e a recuperação do Pós-Guerra foi agravada pela perda das principais colônias, a partir de 1824. Nesse pano de fundo de crise, o século foi marcado pela tímida ascensão de uma burguesia que procurou promover reformas liberais. Foi um período de tensão entre os resquícios do *Ancien Régime* e o capitalismo industrial e financeiro, que já se encontrava mais evoluído na França e, sobretudo, na Inglaterra. Na primeira parte do século, a Espanha viria a ser ultrapassada por essas duas potências; e pela Alemanha, no final do século XIX.

Até 1873, a política da Espanha foi uma miríade de disputas dinásticas, que culminaram nas guerras Carlistas⁶⁷. Eram tantas as facções políticas digladiando-se pelo controle do país, que até um príncipe italiano da casa dos Sabóia chegou a tornar-se rei. Esse monarca, Amadeo, celebrenemente iria renunciar ao trono com a frase “o povo da Espanha é ingovernável”. Em 1873, com a vacância do poder, uma Primeira República seria declamada, sendo eventualmente derrubada com a restauração da monarquia, no ano seguinte, sob a égide de Alfonso XII de Bourbon. O primeiro-ministro Cánovas del Castillo seria responsável por instalar o sistema de

⁶⁷ Grupo político que pregava a restauração do ramo da casa de Bourbon de Don Carlos, filho do monarca deposto Carlos IV, contra o ramo alfonsino da dinastia. As Guerras Carlistas dividiram a Espanha nas décadas de 1830 e 1870. Tal movimento iria perdurar até a queda do Franquismo, tendo uma participação pequena, mas representativa do monarquismo, durante a Guerra Civil.

turnos, similar ao caso brasileiro da República “café-com-leite”, em que os partidos liberal e conservador dividiam os governos:

Quando Cánovas del Castillo propôs o “turno organizado de partidos”, seu objetivo era equilibrar forças opostas de maneira que a oposição fosse feita, sempre, de partidos contra partidos, jamais contra o governo constituído e representante da nação. Garantia-se, dessa forma [...] a unidade nacional em torno da figura do rei: este representava a nação espanhola e o Estado, e a ele cabia presidir a “nova Espanha”, não dirigi-la (MEIHY [org.], 2011, p.64).

Esse foi um acordo entre as elites atávicas e as novas elites burguesas, para tentar dissolver o descontentamento popular e ignorar os problemas econômicos causados pela perda das colônias. O declínio do imperialismo espanhol significou a diminuição das reservas de metal precioso, o que, além de resultar na impossibilidade de cumprir os compromissos externos, e na perda de mercado consumidor para os produtos espanhóis, esvaziou qualquer esperança da população de que o Estado investisse em melhorias sociais. Também significou uma erosão na própria noção da Espanha como Estado Nacional, visto que o país unificou-se sob a égide da expansão ultramarina e do sistema de arrecadação, a partir das colônias. Em 1898, em uma guerra desastrosa com os Estados Unidos, a coroa espanhola perderia suas últimas colônias americanas (Cuba, que se tornou independente, mas esteve sob a influência política americana até 1959; e Porto Rico, que virou território estadunidense). A Espanha do final do século XIX estava terrivelmente atrasada em relação às outras potências capitalistas europeias: 66% da população trabalhava no setor primário da economia; 56% era composta por analfabetos, e a mortalidade infantil era de 200 crianças natimortas por mil nascimentos⁶⁸. A Igreja Católica assumiu o controle da educação primária e secundária; os militares poderiam declarar lei marcial em caso de revoltas; o sistema político regional era dominado pelos *caciques*, análogos aos “coronéis” do Nordeste brasileiro.

⁶⁸ SALVADÓ, 2008, p.28.

A transição do modo de produção feudal para o capitalista foi difícil: com a *desamortización*, os proprietários de terra puderam transformar seus antigos privilégios nobiliários em direitos de propriedade privada, arrendando as terras endividadas. O campesinato, antes ligado ao sistema de servidão, viu-se de repente liberado do contrato social. Houve um êxodo maciço para as cidades, e a agricultura não produzia excedente suficiente para alimentar a população urbana. Os que escolheram permanecer no campo tiveram que se sujeitar ao emprego sazonal (*jornaleros* e *braceros*). Isso dificultava a formação de um mercado interno para produtos industriais e manufaturados, o que irritava parte da burguesia, que não se via representada no Partido Liberal. Em meio à insatisfação geral, surgiam os primeiros sindicatos adeptos do anarcossindicalismo (*Conferencia Nacional de los Trabajadores* - CNT) e do socialismo de via marxista (*Unión General de los Trabajadores* - UGT). Explodia também o sentimento nacional-separatista de regiões culturalmente resistentes, notadamente o País Basco, a Galícia e a Catalunha. No campo intelectual, a chamada Geração de 1889 daria surgimento a grandes artistas e pensadores, como Pablo Picasso e José Ortega y Gasset, mas se dividindo em polos políticos opostos. Havia os que acreditavam na mobilização popular (os socialistas e anarquistas), os que buscavam uma “reforma moral” das elites (a burguesia liberal), e também os que pediam por um “cirurgião de ferro” que erradicasse a corrupção (os monarquistas, fascistas e direitistas em geral). Assim sendo, estava montado o palco para o que viria, trinta e poucos anos depois, a ser a maior tragédia humana da história da Espanha.

2.3. O que levou à Guerra?

Desde o começo do século XX até o golpe militar de julho de 1936, a Espanha se via dividida em dois blocos antagônicos, ainda que, entre si, extremamente divergentes. A Guerra Civil Espanhola foi, ela mesma, uma parte da grande guerra civil ideológica internacional, que ocorreu durante o século XX – entre o que o historiador Eric Hobsbawm chama de “os descendentes do Iluminismo do século XVIII e das grandes revoluções, incluindo a russa, e seus adversários”⁶⁹. Uma guerra civil entre *famílias ideológicas*. Na Espanha de 1936, as forças do *progresso* se configuravam nos partidários da República. Eles eram desde liberais burgueses descontentes com os desmandos da Monarquia dos Bourbon e dos latifundiários, passando pelos comunistas soviéticos do *Partido Comunista de España*, pelos socialistas não-alinhados ao Comintern (como o POUM e o PSOE), e pelos anarcossindicalistas das CNT-FAI.

As forças da *reação* estavam representadas em três grupos maiores: os monarquistas da *Renovación Española* e os Carlistas; os católicos conservadores da *Confederación Española de Derechas Autónomas* (CEDA); e os fascistas de inspiração italiana reunidos em torno da figura de José Antonio Primo de Rivera (e, posteriormente, Francisco Franco), fundador do partido Falange.

Vamos procurar compreender alguns dos eventos que levaram ao início da Guerra Civil Espanhola.

O declínio da Monarquia e do liberalismo

Com a virada do século XIX para o XX, a Espanha possuía uma das maiores proporções de oficiais (23 mil) em relação aos soldados (80 mil). Eram quase 500 generais, e mais do que essa quantidade de coronéis. Um Estado que gastava mais de

⁶⁹ HOBSBAWM, 2012, p.146.

40% de seu orçamento com as forças militares e, dessa percentagem, 70% eram dispensados com os salários dos oficiais⁷⁰.

Uma classe humilhada com a perda das colônias, e ameaçada pela contínua pressão social e política do proletariado, que se organizava em frentes anarquistas e socialistas. Dessa maneira, era natural a aliança dos militares com a monarquia, personificada na figura do rei Alfonso XIII. A Segunda Guerra do Rif (1909) surgiu como uma chance do oficialato provar-se em combate. O conflito, uma tentativa nostálgica de retomar parte da possessão espanhola no Marrocos, revelou jovens promessas no exército espanhol, sendo uma delas Francisco Franco. A conscrição forçada de militares da reserva para lutar na Guerra do Rif causou o que seria conhecido como a Semana Trágica, na Catalunha. O sindicato *Solidariedad Obrera*, que daria origem à CNT, convocou greve geral, e forças governamentais foram chamadas para purgar a rebelião. Mais de 1700 pessoas foram julgadas, e 17 condenadas à morte, incluindo Francesc Ferrer i Guardia, pensador anarquista e fundador da Escola Moderna. Como disse o historiador espanhol Salvadó:

Em pequena escala, [a **Semana Trágica**] prognosticou a selvageria da Guerra Civil: as rebeliões antimilitares e a violência anticlerical como expressão da frustração das classes trabalhadoras foram sufocadas no subsequente banho de sangue (SALVADÓ, 2008, p. 37).

Durante a Primeira Guerra Mundial, a Espanha passaria incólume, mantendo a neutralidade perante a Tríplice Entente e os Poderes Centrais. A direita tradicionalista apoiava (ainda que não abertamente) os Império Centrais, vistos como porta-estandartes dos valores “transcendentais” da monarquia. A Esquerda republicana, bem como parte da burguesia liberal e dos socialistas, era a favor da França e dos países aliados. Ainda assim, o *status* neutro do país possibilitou lucros estupendos nos setores industriais e comerciais, com a Espanha vendendo matérias-primas para ambos os lados da Guerra. Em uma economia capitalista pouco desenvolvida como a

⁷⁰ SALVADÓ, 2008, p.35.

espanhola, esse período de crescimento baseado em exportação expôs e radicalizou as contradições do país. O acúmulo de produtos básicos, a explosão da demanda interna, o aumento da circulação de dinheiro, entre outros fatores, resultaram em inflação, aumento do custo de vida e, notadamente, o êxodo rural em direção às metrópoles industrializadas, como Madrid e Barcelona.

No ano de 1917, as forças socialistas, tomadas pela euforia das notícias da Revolução Russa, planejaram a queda do regime monárquico, tido como decadente. Em março, os sindicatos UGT e CNT assinaram um manifesto que prometia a tomada do poder, a partir da deflagração de uma greve geral. Em agosto do mesmo ano, a greve foi massacrada, não conseguindo se expandir para além dos centros urbanos.

As marcadas contradições entre o emergente, mas diminuto proletariado das cidades, e o campesinato majoritário, mas pouco mobilizado, novamente eram demonstradas. A derrota serviu para radicalizar ainda mais as posições contrárias ao *status quo*. Os *cenetistas* perceberam que apenas a ação direta no ambiente de trabalho seria efetiva, e abandonaram a participação na política burguesa. Em contrapartida, grupos paramilitares, o Exército e a burguesia selaram um pacto de proteção mútua. Um exemplo dessa *reação* atávica foi a reinstituição do *El Somatén*, uma milícia rural de origens medievais que tinha salvo-conduto para prender e matar grevistas e outros dissidentes.

Ainda assim, o regime alfonsino, baseado nos *turnos* entre o Partido Liberal e o Conservador, mostrava visível fragilidade. Com a desculpa de proteger o Rei do perigo bolchevique, em 1923, o então capitão-geral de Barcelona, Miguel Primo de Rivera, deu um golpe de Estado, uma “solução exigida pelas classes dominantes assustadas, numa sociedade em transição entre a política oligárquica e a democracia”⁷¹. Seguiu-se então o banimento do Partido Comunista, bem como das CNT e de outras forças opositoras. Segundo Hobsbawm: “Nesse estágio, tendo falhado a política direitista ortodoxa, a Espanha reverteu a uma forma política em que fora pioneira, e que se tornara típica do mundo ibérico: o *pronunciamiento*, ou golpe

⁷¹ SALVADÓ, 2008, p.47.

militar”⁷².

De fato, houve um apaziguamento das tensões de classe. Nos anos 1920, o Marrocos Espanhol havia sido pacificado; no mesmo período, os setores industrial e de serviços cresceram timidamente, e começaram a abocanhar parte dos empregos gerados no campo. Um milhão de pessoas saíram do interior para as cidades, entre 1923 e 1930. A classe média aos poucos obtinha maior acesso ao rádio, ao cinema, e ao telefone. Ainda assim, Primo de Rivera mostrou-se nada mais que um aventureiro político, lutando para manter um regime sem muita coerência ideológica: ao mesmo tempo em que proibia a língua e cultura catalãs, promovia algumas reformas nos direitos trabalhistas. O governo de Primo de Rivera representou o canto dos cisnes para a antiga ordem liberal, com uma aproximação do fascismo à italiana de Mussolini. Comenta a historiadora britânica Helen Graham, sobre o fim do regime:

Quando a oposição do exército derrubou Primo de Rivera, em janeiro de 1930, o próprio rei se viu em apuros. Com a intensa propagação do sentimento republicano na Espanha Urbana, a Igreja Católica era a única instituição do antigo regime que apoiava a monarquia de maneira inequívoca. Por paradoxal que fosse, a lembrança dos perigosos elementos inovadores da ditadura fez a elite considerar menos grave a perspectiva de uma República. [...] No entanto, aqueles que acreditavam que a República seria apenas “um pouco mais do mesmo” - ordem política da monarquia sem o Rei – logo se decepcionaram (GRAHAM, 2013, p.17).

Isolado pela oposição de direita e esquerda, Primo de Rivera renunciou em janeiro de 1930, morrendo alguns meses depois. As estruturas de poder estavam abaladas, e os antigos partidos dinásticos não contavam mais com apoio. Logo após a queda de Primo de Rivera, representantes de diferentes grupos republicanos – socialistas, catalanistas e liberais burgueses – se reuniram com o objetivo de fundar a Segunda República Espanhola: uma continuação, em espírito, da falha experiência de 1873. Reunidos em torno de um antigo monarquista, Niceto Alcalá Zamora, eles

⁷² HOBBSBAWM, 2012, p.159.

declarariam fundada a República no dia 14 de abril de 1931, após vencerem as eleições municipais.

A Segunda República Espanhola

Com o exílio do rei Alfonso XIII, a monarquia fora derrubada. O Governo Republicano viu-se, então, com enormes desafios: a necessidade de realizar reformas econômicas, educacionais e políticas. Em 10 de dezembro de 1931, uma Constituição foi promulgada no governo de Manuel Azaña. Ela teve um caráter essencialmente progressista, reunindo atributos liberais, socialistas e anticlericais. Previa a separação entre Igreja e Estado, a instituição do casamento civil e o divórcio, bem como o voto feminino. Seria possível também a expropriação de propriedades em troca de uma indenização, e a nacionalização de serviços públicos.

Artículo 1. España es una República democrática de trabajadores de toda clase, que se organiza en régimen de Libertad y de Justicia. Los poderes de todos sus órganos emanan del pueblo. La República constituye un Estado integral, compatible con la autonomía de los Municipios y las Regiones. La bandera de la República española es roja, amarilla y morada. (1931)⁷³

A direita foi conivente com a derrubada da Monarquia. Os principais pilares da *reação* - o Exército, a Igreja e as oligarquias latifundiárias -, conseguiram preservar o seu poder institucional, o que resultou na dificuldade dos Republicanos de fazer valer a Constituição, principalmente nos recantos mais atrasados do país – como o interior

⁷³ “Artigo primeiro. 1. A Espanha é uma República democrática de trabalhadores de toda classe, que se organiza em regime de Liberdade e de Justiça. Os poderes de todos os seus órgãos emanam do povo. A República constitui um Estado integral, compatível com a autonomia dos municípios e das regiões. A bandeira da República espanhola é vermelha, amarela e roxa.”

rural da Andaluzia. Segundo o historiador catalão Josep Maria Buades Juan, “o triunfo do republicanismo deveu-se mais ao fracasso do projeto ditatorial [de Primo de Rivera] do que à consolidação da ideologia republicana no país”⁷⁴.

Apesar disso, a máquina estatal estava com o Governo, essencialmente formado pelas classes profissionais urbanas e comprometidas com o ideal de modernização. Investimentos foram focados na educação e, entre 1931 e 1933, quase 14 mil professores foram contratados na rede pública⁷⁵. Bibliotecas com obras de Tólstoi e Balzac, construídas em recantos rurais, e companhias teatrais como a *La Barraca*, de Federico García Lorca, foram patrocinadas pelo Estado. No campo, a jornada de trabalho fixada em oito horas diárias, além do aumento do salário dos *jornaleros*, e do estabelecimento do pagamento de horas extras desagradou os *caciques* espanhóis. No período, também ocorreu o crescimento das centrais sindicalistas UGT (socialista, ligada ao PSOE) e CNT (anarquista, cujo subgrupo FAI era a expressão mais radical). As tensões dentro da Esquerda, que culminariam nas Jornadas de Maio de 1937, se tornaram mais fortes nesse período, com as CNT-FAI – que advogavam a ação política direta –, e a UGT, governista, se digladiando publicamente.

Em agosto de 1932, o antigo chefe da Guarda Civil, general José Sanjurjo Sacanell, proclamou um *pronunciamiento* na cidade de Sevilha, o que seria um fracasso completo. Após a tentativa de golpe, a República se tornaria mais forte, conseguindo efetivar parte do seu conteúdo programático. A Catalunha recebeu maior autonomia com o governo da *Generalitat*⁷⁶ liderado por Francesc Macià da ERC, partido socialista majoritário da região. No mesmo ano, uma reforma agrária, dirigida especialmente aos camponeses do Sul da Espanha, expropriou cerca de um terço do

⁷⁴ JUAN in MEIHY [Org.], 2011, p.89.

⁷⁵ SALVADÓ, 2008, p.57.

⁷⁶ Órgão executivo cuja origem remonta a tempos medievais. Dissolvido no século XVIII, foi retomado por Francesc Macià após a proclamação da Segunda República Espanhola, em 1931. No início da Guerra, serviu como braço simbólico do Comité Central de Milícias Anti-fascistas, que detinha o poder militar. Foi abolida mais uma vez com a invasão da Catalunha por Franco em 1939. A *Generalitat* foi reestabelecida no ano de 1977, como parte do processo de descentralização do Estado Espanhol, possuindo grande autonomia de governo. Atualmente, é palco das tensões entre Independentistas e Nacionais, acirradas no governo de Artur Mas em resposta à Crise Financeira de 2007-2008.

total das terras. Em contrapartida, o tesouro da República foi insuficiente para pagar as indenizações aos proprietários e custear a infra-estrutura mínima necessária para o plantio dos camponeses.

Nesse período, a *reação* se reorganizava para fazer frente às reformas Republicanas: a *Renovación Española* de José Calvo Sotelo, ex-ministro de Miguel Primo de Rivera foi criada; bem como a *Falange*, fundada pelo filho de Miguel – José Antonio Primo de Rivera –, partido inspirado no fascismo de Mussolini, e apoiado pelos monarquistas⁷⁷. A Falange seria posteriormente a plataforma política de Francisco Franco, em seu governo como *caudillo*⁷⁸ da Espanha. Mas, à época, seria a *Confederación Española de Derechas Autónomas* (CEDA), capitaneada por Gil Robles, o partido de massa com maior poder dentro do jogo político da República. Uma verdadeira quimera direitista, possuía entre seus membros desde democratas-cristãos a monarquistas e latifundiários. É interessante notar a visão de Hobsbawm do caráter da *reação* espanhola: para ele, não seriam forças *propriamente* fascistas, as que declarariam o golpe contra a República, em julho de 1936:

[...] não tinham qualquer programa ideológico particular, além do anticomunismo e dos preconceitos tradicionais de sua classe. Podiam descobrir-se aliados à Alemanha de Hitler e a movimentos fascistas em seus países, mas só porque na conjuntura entreguerras a aliança “natural” era a feita por todos os setores da direita política (HOBSBAWM, 2012, p.117).

Assim, para as forças antiliberais dos anos 1930, era visível que o fascismo à italiana “parecia ser a onda do futuro”⁷⁹.

A crise econômica de 1929 teria os seus efeitos na Espanha: a produtividade caiu e o desemprego chegava a 72% no campo, em 1932. Em novembro de 1933, as eleições das Cortes dariam vitória à CEDA. Alcalá-Zamora se negou a chamar o

⁷⁷ É irônico notar que a *Falange* teve a sua cerimônia de fundação no Teatro da Comédia de Madrid.

⁷⁸ Termo originário do latim *capitellum*, ou chefe, “cabeça”. Foi usado por diferentes personagens do mundo hispânico, desde Simón Bolívar a Francisco Franco. Nesse último caso, o título tinha uma conotação demagógica, análogo ao da palavra *duce*, utilizada por Benito Mussolini.

⁷⁹ HOBSBAWM, 2012, p.116.

direitista Robles para formar o governo, colocando no lugar o moderado Alejandro Lerroux⁸⁰, do Partido Radical, como primeiro-ministro. A eleição marcaria o desabamento dos ideais liberais fundadores da República, além da incapacidade do Governo Republicano de resolver as tensões de classe, radicalizadas nas ações dos anarcossindicalistas e socialistas.

Em resposta à entrada da CEDA no governo, ocorreu a Greve Geral de Outubro de 1934. Convocada pelo PSOE e UGT, e parcialmente apoiada pelas CNT-FAI e pelo PCE, o objetivo era o acirramento do processo revolucionário e a queda do Governo Republicano dominado pelas forças conservadoras. O que se seguiu foi uma violenta repressão nas Astúrias, liderada por Francisco Franco (à época, ele já havia se tornado general, após as campanhas no Marrocos). Segundo Salvadó:

Franco e o Exército da África ganharam fama com a operação e aumentaram seu status nos círculos da direita. Seu papel decisivo ao esmagar a revolução também encorajou sua própria missão messiânica latente de restaurar a verdadeira identidade espanhola a partir dos quartéis do Marrocos espanhol (SALVADÓ, 2008, p.80).

Na Catalunha, Lluys Companys, presidente da *Generalitat*, proclamou a independência da região, que durou menos de um dia, com o bombardeio de Barcelona por forças governamentais. A repressão do governo foi dura: Companys foi deposto, e um governador-general leal a Madrid foi colocado em seu lugar.

Cerca de 40 mil socialistas e Republicanos, à época, estavam presos no país. Os industriais e latifundiários se vingaram dos trabalhadores por meio de demissões e cortes salariais. Em 1935, o reacionário Gil Robles assumiria o cargo de ministro da guerra, completando um processo de expurgo dos elementos revolucionários, nas Forças Armadas. No mesmo ano, Robles tentaria chegar ao cargo de primeiro-ministro, após o afastamento de Lerroux do poder. Sendo impedido pelo Republicano

⁸⁰ Lerroux foi uma das principais vozes da oposição anticlerical na Catalunha durante a monarquia e a ditadura de Primo de Rivera. Era anti-catalanista, contudo, e foi acusado de corrupção. Seu *Partido Radical* fluturaria entre a direita e o centro, até o golpe de 1936.

moderado Alcalá de Zamora, Robles sugeriu ao fortalecido Franco que tomasse o poder. A proximidade das eleições de 1936, bem como a falta de preparo dos generais, resultaram no postergamento do golpe de estado.

A Frente Popular e o Golpe de Julho de 1936

O comunismo soviético, representado internacionalmente pelo Comintern⁸¹ (formado em 1919), teve dificuldades em penetrar o espectro político da Espanha – cujas forças políticas à esquerda eram historicamente mais ligadas ao anarcossindicalismo do que ao bolchevismo. Como disse George Orwell, em *Homage to Catalonia*, referindo-se ao clima revolucionário na Catalunha de 1937: [...] *possibly Christian belief was replaced to some extent by Anarchism, whose influence is widely spread and which undoubtedly has a religious tinge*⁸².

Apesar disso, o *Partido Comunista de España*, ligado à União Soviética de Stalin, reconheceu que o momento ideal para se instalar nos quadros da República era às vésperas das eleições de 1936. O PCE se aproveitaria da necessidade de coesão política, entre as forças da Esquerda, para tomar um lugar de destaque no governo. Dessa maneira, foi se constituindo uma *Frente Popular*, à maneira do Comintern, em um movimento contíguo ao que levaria o socialista Leon Blum ao poder na França. Ela foi formada, em âmbito nacional, pelo PSOE, PCE e *Izquierda Republicana*, entre outros partidos; e na Catalunha (*Front D'Esquerres*⁸³), constituiu-se no POUM, PSUC, e ERC. Mesmo os anarquistas das CNT-FAI apoiaram a coalização.

Nas eleições de 16 de fevereiro de 1936, a *Frente* conseguiu o sufrágio majoritário, ainda que por muito pouco: foram 4,6 milhões de votos (e 286 assentos nas *Cortes*⁸⁴) da esquerda contra 4,5 milhões da direita (132 cadeiras). A Espanha

⁸¹ Também conhecido como Terceira Internacional Socialista.

⁸² “É possível que a crença cristã tenha sido substituída em parte pelo anarquismo, cuja influência é muito difundida e que, sem dúvida, possui uma coloração religiosa” (p.80) HtoC, loc 1694.

⁸³ “Frente de Esquerdas”.

⁸⁴ Órgão equivalente à Câmara de Deputados brasileira.

estava dividida – os moderados conseguiram apenas 42 representantes. A nova plataforma desejava discutir (e replanejar) as reformas propostas em 1931-33, mas, estava claro que não seria possível vingar a recém-eleita nova República, se não fossem realizadas reformas mais profundas do que as do início do período republicano. A *Generalitat* catalã foi restabelecida, e o País Basco e a Galícia obtiveram maior autonomia junto à República.

Contudo, nos meses seguintes às eleições de fevereiro, não ocorreu o cessar das manifestações populares e das greves gerais. Enquanto o *Partido Comunista* buscava manter a ordem burguesa liberal, as CNT-FAI continuaram com as suas ações diretas, com o objetivo de apressar o processo revolucionário. Ao mesmo tempo, a Direita derrotada nas urnas buscava mais uma vez, por meio da prática do *pronunciamiento*, tomar o poder. O oficialato, que já antevia a possibilidade do golpe desde o ano anterior, reuniu-se em março de 1936 na casa do líder da CEDA, Gil Robles, e montou o plano golpista encabeçado por Emilio Mola, para colocar como chefe de governo o general Sanjurjo, em uma ditadura nos moldes da de Primo de Rivera.

O fato que desencadeou o golpe de 17-18 de julho de 1936 foi o assassinato do monarquista Calvo Sotelo pela Guarda de Assalto da República. A sublevação, liderada a partir das Ilhas Baleares e do Marrocos Espanhol, conseguiu tomar a Galícia, Navarra e partes de Aragão, Castela e da Andaluzia – mas não as duas cidades mais importantes, a capital Madrid e Barcelona, bem como o pujante País Basco, Valência e a maior parte do Sul. Como disse Hobsbawm, “o *pronunciamiento* clássico é um jogo que se joga melhor nos momentos em que as massas estão em recesso ou os governos perderam a legitimidade. Essas condições não estavam presentes na Espanha”⁸⁵. O que houve, na realidade, foi a radicalização do processo revolucionário, que ocorria nas regiões mais industrializadas do país, particularmente na Catalunha.

Com a deflagração da Guerra Civil Espanhola, o apoio dos estados nacionais burgueses à República foi praticamente inexistente. A França e a Inglaterra, com

⁸⁵ HOBSBAWM, 2012, p. 159.

medo de provocar os alemães e italianos, optaram por um pacto de não-agressão.

Viriam em socorro à República a União Soviética e o México e, embora seja pouco claro o nível de comprometimento⁸⁶ que tinha para com a Espanha, a URSS vendeu armas e disponibilizou suporte tático e estratégico ao esforço de guerra. A Itália e a Alemanha proveram largamente o lado Nacionalista (como ficaram conhecidos os golpistas), buscando “extrair algum proveito moral e talvez político de uma vitória da direita”⁸⁷. Embora todas as potências estrangeiras envolvidas no conflito tivesse aproveitado para testar as suas mais recentes tecnologias militares, concordamos com a perspectiva de Hobsbawm de que a Guerra Espanhola não foi apenas um prólogo da Segunda Guerra Mundial⁸⁸.

Mesmo antes da organização das Brigadas Internacionais comunistas, uma grande quantidade de voluntários estrangeiros desembarcaria no território espanhol para lutar junto às milícias organizadas pelos partidos e centrais sindicais, logo após a sublevação dos Nacionalistas. Um destes dois mil voluntários⁸⁹ ingleses foi o inglês Eric Arthur Blair, que chegaria à Catalunha revolucionária em dezembro de 1936.

⁸⁶ Hobsbawm afirma que a URSS era a “espinha dorsal do esforço militar republicano” (HOBSBAWM, 2012, p.160); enquanto Helen Graham acredita serem “fantasiosas as alegações de 'sovietização' republicana” (GRAHAM, 2013, p.129). Sabe-se que o envio de armas para a República era feito de maneira não oficial, através de embarcações vindas do Mar Negro até o Mediterrâneo. Com o embargo italiano, muitos desses navios foram torpedeados. A República contraiu grandes dívidas para pagar esse apoio.

⁸⁷ HOBSBAWM, 2012, p.159.

⁸⁸ “Na verdade, e ao contrário das crenças da geração deste autor, a Guerra Civil Espanhola não foi a primeira fase da Segunda Guerra Mundial, e a vitória do general Franco [...] que nem mesmo pode ser descrito como fascista, não teve consequências globais. Apenas manteve a Espanha (e Portugal) isolada do resto do mundo por mais trinta anos” HOBSBAWM, 2012, p.158.

⁸⁹ THOMAS, 1977, p.980.

2.4 As Milícias

I remember coming upon a newspaper of only about two months earlier in which one of the POUM leaders, after a visit to the front, said that he would try to see to it that 'every militiaman had a blanket'. A phrase to make you shudder if you have ever slept on a trench. (HtoC, loc 1059)⁹⁰

A palavra inglesa *man-at-arms* descreve bem os milicianos que atuavam nos *fronts* espanhóis. Em tempos medievais, ela era utilizada para separar o cavaleiro armado de baixa casta do *knight*, aquele nascido nobre, dono de propriedades. De fato, os milicianos, que em sua maioria faziam parte do proletariado urbano proveniente das fábricas da pujante Catalunha, foram os primeiros a se organizar para combater o levante Fascista: a verdadeira vanguarda da República. Orwell descreve, em *Homage to Catalonia*, diversas vezes os *man-at-arms* sem cavalos, frequentemente muito jovens: “*The recruits were mostly boys of sixteen or seventeen from the back streets of Barcelona, full of revolutionary ardour but completely ignorant of the meaning of war*”.⁹¹ Eram adolescentes de pés descalços correndo pelo chão pedregulhoso da cidade, famintos, procurando a chance de conseguirem um par de botas e algumas refeições por dia, além do soldo de dez pesetas que recebia cada miliciano. Em uma cidade na qual as filas diárias para comprar pão duravam horas, era uma sábia escolha de sobrevivência juntar-se às fileiras milicianas, que detinham o poder *de facto* na capital catalã, e cujos membros alimentavam-se melhor do que o cidadão médio. Era notável a diferença entre um exército composto por milícias, apressadamente organizadas a partir de partidos da esquerda “radical”, anarquistas e trostkistas, ou de sindicatos e clubes de trabalhadores, de um exército burguês

⁹⁰ “Lembro-me de ter visto um jornal de apenas dois meses antes em que um dos líderes do POUM, depois de uma visita à frente de batalha, dizia que tentaria providenciar para que 'cada miliciano tivesse um cobertor'. Uma declaração para fazer a pessoa tremer, caso já tenha dormido numa trincheira” (p.33).

⁹¹ “Os recrutas eram na maioria garotos de dezesseis ou dezessete anos, da periferia de Barcelona, cheios de ardor revolucionário, mas completamente ignorantes do significado da guerra” (idem). HtoC, loc 1063.

tradicional. Em dezembro de 1936, quando Orwell havia chegado à Barcelona, as forças governistas que lutavam no *front* eram basicamente milícias formadas pouco depois da sublevação de Franco: “*The workers’ militias, hurriedly raised by the trade unions at the beginning of the war, had not yet been organised on an ordinary army basis*”⁹². Eram milícias de partidos como PSUC e POUM e sindicatos como UGT e CNT-FAI.

O POUM

Em nosso estudo, vamos nos demorar um pouco mais na análise do POUM, partido no qual Orwell militou de dezembro de 1936 até junho de 1937, quando da sua cassação pelo governo republicano. O *Partit Obrer D'Unificació Marxista*⁹³ surgiu como uma amálgama de dois setores da esquerda catalã que se distanciaram do comunismo de viés estalinista. O BOC (*Bloc Obrer i Camperol*)⁹⁴ de Joaquim Maurín fora um dos partidos que introduziram o marxismo-leninismo na Catalunha, enquanto que a ICE (*Izquierda Comunista de España*), de Andreu Nin, possuía inicialmente tendências trotskistas. O POUM foi criado em 1935, em meio à escalada de forças ideológicas opostas que ocorria na Espanha. Tinha como base de sustentação os sindicatos mercantis e de artes gráficas *barcelonins* e os sindicatos agrários das comarcas da Lleida e de Girona. No momento de sua fundação, era o partido que possuía o maior contingente de militantes da Catalunha, cerca de seis mil, e na época de sua cassação em junho de 1937, poderia ter chegado aos 40 mil. Ainda assim, eram pequenos perante o massivo sindicato anarquista CNT, que tinha cerca de um milhão e meio de membros.⁹⁵

⁹² “As milícias dos trabalhadores, formadas apressadamente pelos sindicatos no começo da guerra, ainda não tinham sido organizadas em uma estrutura de exército comum” (p.31). HtoC, loc 1029.

⁹³ Do catalão, “Partido Operário de Unificação Marxista”

⁹⁴ Do catalão, “Bloco Operário e Camponês”.

⁹⁵ SABATÉ; VILLARROYA, p.224.

O programa do partido se baseava no nacionalismo independentista catalão, indissociável da revolução do proletariado. Internacionalista, se solidarizava às causas revolucionárias europeias, especialmente as ibéricas. Promovia a autodeterminação dos povos, fundada na concepção democrático-socialista do processo revolucionário, que se contrapunha à intensa burocratização e centralização do poder na URSS operada por Josif Stalin.

Només la classe obrera resoldrà radicalment el problema de Catalunya i de les altres nacions ibèriques, reconeixent, sense condicions, el dret imprescriptible que tenen a disposar de llurs destins. Només la classe obrera al poder, en reconèixer la llibertat de totes les nacions, crearà la unió autèntica de tots els pobles ibèrics, fraternalment solidaris en una Unió de Repúbliques Socialistes (POUM, 1937).⁹⁶

Ainda assim, o POUM continha uma miríade de tendências dentro de si – apenas os conteúdos programáticos citados anteriormente não eram alvo de contestação – abrigando desde ex-trotskistas (Nin), comunistas não-soviéticos, catalanistas radicais (Josep Rovira, líder militar e comandante da divisão de Orwell) e sindicalistas (Maurín).

No campo eleitoral, o POUM se aliou ao *Front d'Esquerres*, na Catalunha, e à *Frente Popular*, no resto da Espanha. Essa coalização seria vitoriosa nas eleições de fevereiro de 1936. Com a escalada da Guerra, o POUM se junta às forças anarquistas das CNT-FAI, com a tarefa de aprofundar o processo revolucionário em curso na Catalunha. Nesse período, Andreu Nin assume o controle da secretaria-geral do partido, bem como passa a fazer parte dos quadros da *Generalitat*. Militarmente, o POUM atuou no *front* aragonês – zona de Huesca, formando junto com a CNT-FAI a 29ª Divisão do Exército Republicano do Leste, também conhecida como a Divisão Lênin, na qual George Orwell serviu.

⁹⁶ “Apenas a classe operária resolverá radicalmente o problema da Catalunha e das outras nações ibéricas, reconhecendo, sem condições, o direito imprescritível de guiar seus destinos. Apenas a classe operária no poder, reconhecendo a liberdade de todas as nações, criará a autêntica união de todos os povos ibéricos, fraternalmente solidários em uma União das Repúblicas Socialistas.” Comunicado “*Defensem les llibertats de Catalunya!*”, 16 de maio de 1937. Disponível em: <<http://www.marxists.org/catala/enciclopedia/people/p/documents-poum/cat051936.htm>> [Em catalão]

Andreu Nin e Lev Trotsky

Andreu Nin, secretário do POUM, foi um político revolucionário da Guerra Civil Espanhola com sólida base intelectual. Muito conhecido no mundo cultural, foi tradutor de grandes autores russos do século XIX para a língua catalã.

O começo do fim para o POUM ocorre a partir do verão de 1936, com a perseguição de Stalin aos antigos companheiros bolcheviques e, por conseguinte, a todo e qualquer pensamento socialista que não o oficial da URSS. Uma campanha contra Andreu Nin, associando-o ao trotskismo, é iniciada:

La campanya impulsada per l'URSS, i secundada amb més disciplina que convicció pels comunistes espanyols i catalans, tenia com a objectiu apartar el POUM dels òrgans de poder. La manca d'entusiasme, en un principi, per tirar endavant aquesta iniciativa resulta evident en le cas dels comunistes catalans del PSUC, que no utilitzaren el qualificatiu de trotskistes en referència despectiva envers el POUM fins al 15 d'octubre del 1936⁹⁷ (SABATÉ; VILLARROYA, 2005, p.226).

Em verdade, Andreu Nin já fora alinhado ideologicamente à Quarta Internacional, desde a época da ICE. Nin esteve na URSS em diferentes ocasiões, e manteve contato com altos quadros do Partido Comunista. Segundo Wilebaldo Solano⁹⁸, o contato entre Nin e Trotsky teria durado cerca de 15 anos, terminando em 1933 por conta de diferenças em relação à política de alianças da ICE. Percebe-se

⁹⁷ A campanha impulsionada pela URSS, e promovida com mais disciplina do que convicção por parte dos comunistas espanhóis e catalães, tinha como objetivo separar o POUM dos órgãos de poder. A falta de entusiasmo, no princípio, para levar à frente essa iniciativa resulta evidente no caso dos comunistas catalães do PSUC, que só utilizariam o qualificativo de “trotskistas” em referência pejorativa ao POUM depois de quinze de outubro de 1936.

⁹⁸ SOLANO, W. Andreu Nin y León Trotsky. Conferência, Madri, 1989. Disponível em <<http://www.fundanin.org/solano10.htm>>

neste excerto do prefácio de Trotsky à correspondência reunida com Nin uma reprimenda aos caminhos políticos do colega, ainda que complacente:

El camarada Nin, al mismo tiempo que se ha encontrado en lucha casi permanente con la dirección de la Oposición Internacional y las direcciones del resto de secciones, niega la existencia de divergencias teóricas o políticas. A menudo, se refiere en ese sentido a nuestra correspondencia, sin hacer por otra parte ninguna otra precisión. Pero, en realidad, mi correspondencia con el camarada Nin, que dura ya dos años y medio, no ha sido más que una constante polémica, pese a un aspecto formal de lo más amistoso. Esta polémica ha englobado casi todas las cuestiones que concernían a la vida y a la actividad de la Oposición Internacional. Aunque es cierto que el camarada Nin aceptaba formalmente las premisas fundamentales, llegado el caso, rehusaba siempre extraer las necesarias consecuencias. Frenó durante mucho tiempo la formación de la Oposición española. Hizo todo lo posible para aislarla y enfrentarla a la Oposición Internacional. (TROTSKI, 1933)⁹⁹

Trotsky ficou insatisfeito com a adesão do POUM ao *Front D'Esquerres*, assim como com a própria criação do partido. À época de sua comunicação com Andreu Nin, o revolucionário russo aconselhava a entrada do ICE no *Partido Comunista* espanhol, como uma maneira de organizar núcleos da Quarta Internacional para promover a mudança dos rumos ideológicos nesse partido.

Com a radicalização da resposta contrarrevolucionária às milícias de partidos durante a Guerra, Trotski endureceu o tom publicamente, culpando o POUM e, especificamente, Andreu Nin, pelo fracasso do processo revolucionário na Catalunha:

⁹⁹ “O camarada Nin, ao mesmo tempo que se encontrou em luta quase permanente com a direção da Oposição Internacional e as direções do resto das seções, nega a existência de divergências teóricas ou políticas. Frequentemente, se refere nesse sentido à nossa correspondência, sem fazer por outra parte nenhuma outra precisão. Mas, na verdade, minha correspondência com o camarada Nin, que já dura dois anos e meio, não tem sido mais que uma constante polémica, que pese a um aspecto formal do mais amistoso. Esta polémica englobou quase todas as questões que concernem à vida e à atividade da Oposição Internacional. Apesar de estar certo que o camarada Nin aceitava formalmente as premissas fundamentais, chegando ao caso, recusava-se sempre a extrair as consequências necessárias. Freou durante muito tempo a formação da Oposição espanhola. Fez todo o possível para isolá-la e confrontá-la com a Oposição Internacional”. (Prefácio à coletânea da correspondência entre Andreu Nin e Trotski. CORDOVILLA, Sergi Rosés; GUILLAMÓN, Agustín [Orgs]: Correspondencia de Andreu Nin Con Lev Trotsky y Con Ersilio Ambrogi. BALANCE, Cuaderno 37, Barcelona, 2013.

The genuinely revolutionary elements still have a certain interval at their disposal, not too long, to be sure, to take stock of themselves, to gather their forces and to prepare the future. This concerns, in the first place, the Spanish partisans of the Fourth International. Their tasks are as clear as day:

1. To condemn and denounce mercilessly before the masses the policy of all the leaders who take part in the Popular Front.

2. To understand fully and to bring clearly before the eyes of the advanced workers the pitiful rôle of the leadership of the "Workers Party of Marxian Unification" [POUM] and especially of the former "left communists", Andres Nin, Andrade, etc (TROTSKY, 1939)¹⁰⁰.

Tal declaração representaria a cisão definitiva de Trotsky com Andreu Nin e o POUM, que tomaria parte na *Frente Popular* junto aos partidos ideologicamente distantes, como o PCE e o PSUC.

A Queda do POUM

Com a queda do governo Largo Caballero - que ainda resistia às pressões soviéticas de erradicar a discórdia ideológica -, e a ascensão do governo de Juan Negrín, o POUM é declarado fascista e quinta-colunista, e tem seus dirigentes cassados. Andreu Nin é preso e assassinado pela NKVD¹⁰¹ (polícia secreta antecessora da KGB¹⁰²) com o beneplácito da *Generalitat* e do governo Negrín, em

¹⁰⁰ "As forças genuinamente revolucionárias ainda têm um certo intervalo à sua disposição, não muito longo, certamente, para tomar conta de si mesmos, para juntar suas forças e se prepararem para o futuro. Isso concerne, em primeiro lugar, aos partisaos espanhóis da Quarta Internacional. Suas tarefas são claras como o dia:

1. Condenar e denunciar, sem misericórdia e defronte as massas, as políticas de todos os líderes que tomam parte na Frente Popular. 2. Entender completamente e levar claramente aos olhos dos trabalhadores avançados o deplorável papel da liderança do Partido Operário de Unificação Marxista [POUM] e especialmente dos 'ex-comunistas de esquerda' Andreu Nin, Andrade, etc". TROTSKY, LEON. "The Task in Spain": New International, New York, Vol.5 No.4, April 1939, pp.125-126. Disponível em <<http://marxists.org/archive/trotsky/1936/04/spain01.htm#n1>>.

¹⁰¹ *Narodnyy Komissariat Vnutrennikh Del*, ou Comissariado do Povo Para Assuntos Interiores.

¹⁰² *Komitet gosudarstvennoy bezopasnosti*, ou Comitê para a Segurança do Estado.

um complô soviético conhecido como Operação Nikolai. Joaquim Maurín fora preso em 1936, em A Coruña, pelos militares franquistas e, após a queda da República, foi mantido em cárcere até imigrar para Nova York, depois de receber um indulto do regime franquista, em 1947.

A historiadora Helen Graham afirma que, mesmo sob as pressões soviéticas, o POUM teve um julgamento em que foi respeitada a ordem constitucional da República, em outubro de 1938:

O objetivo de levá-los aos tribunais nessa etapa final da guerra certamente era o de torná-los um exemplo, a fim de impor disciplina à retaguarda que naquele momento ameaçava desintegrar-se. Entretanto, o julgamento do POUM não foi de fachada. Apesar dos esforços da direção do PCE para influir nos procedimentos e, desse modo, livrar-se dos rivais, inclusive com uma campanha ameaçadora pela imprensa, o julgamento observou o devido processo constitucional. A cultura política da República permaneceu democrática a despeito de todas as dificuldades (GRAHAM, 2013, p.126).

A visão dos historiadores catalães Villaroya e Solé Sabaté já é diferente. Para eles, o PCE buscava reproduzir, em âmbito espanhol, os Julgamentos de Moscou, culpando o POUM do crime de “fascismo internacional”, acabando com qualquer rastro de heterodoxia no socialismo espanhol, “*aunque para ello hubiese de montar pruebas falsas*”¹⁰³.

Muitos dos veteranos da Guerra Civil que conseguiram sobreviver às perseguições e fugir da Espanha acabaram lutando como parte da Resistência Francesa, contra a invasão do Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial. Outros, menos afortunados, foram vítimas dos campos de concentração fascistas - os chamados *Espanoles Rojos*.

O POUM teve uma sobrevida no exílio, após a Segunda Guerra, sob o comando de Wilebaldo Solano, com sede em Paris, difundindo suas ideias por meio do jornal *La Batalla*, refundado. Com a redemocratização na Espanha, houve uma

¹⁰³ “Ainda que para conseguir aquilo fosse necessário montar provas falsas” VILLAROYA, SABATÉ in JULIÁ DÍAZ, Santos (Org.). *Víctimas de La Guerra Civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1999, p.242.

tentativa de reorganização do partido, que disputou as eleições do legislativo em 1977, não obtendo assento. O POUM da República já não existia mais, e seus membros daquela época estavam mortos, ou envolvidos em outras atividades políticas (alguns, como Juan Górrin, acabariam no PSOE, social-democrata). Na contemporaneidade, o POUM é lembrado principalmente por *Homage to Catalonia*, redescoberto após a morte de Orwell, com o sucesso de *Animal Farm* e *Nineteen Eighty-Four*, e também pelo filme *Land and Freedom*, do cineasta irlandês Ken Loach¹⁰⁴. Atualmente há uma biblioteca na Rambla, em Barcelona, com o nome de Andreu Nin, bem como uma fundação dedicada à memória das milícias antifascistas da Guerra Civil.

¹⁰⁴ Ken Loach dirigiu o filme em 1995, que tem vários pontos em comuns com a trajetória espanhola de Orwell. Apesar de lidar com temas importantes da Revolução Catalã (como as divergências políticas entre as diferentes forças, bem como os processos de coletivização no campo), pode-se tecer algumas críticas em relação às consistências históricas da película, notadamente a amalgamação das CNT-FAI com o POUM. Para mais sobre isso, ver a resenha sobre o filme na revista anarquista Black Flag, disponível em: <<http://libcom.org/library/land-and-freedom-review>> [em inglês].

PARTE II – *HOMAGE TO CATALONIA*

Capítulo 3:

Passion & Warfare

“At Monte Pocero, when they pointed to the position on our left and said: 'Those are the Socialists' (meaning the PSUC), I was puzzled and said: 'Aren't we all Socialists?'”¹⁰⁵

Homage to Catalonia, Apêndice I

¹⁰⁵ “No Monte Pocero, quando apontaram para a posição à nossa esquerda e disseram: 'Esses são os socialistas' (referindo-se ao PSUC), eu fiquei consernado e disse: 'Não somos todos nós socialistas?'”.

3.1 A Barcelona Revolucionária

George Orwell chegou a Barcelona em 26 de dezembro de 1936, dia que os povos de língua inglesa chamam de Boxing Day¹⁰⁶. Ele já acompanhava o desenrolar da guerra desde os idos de julho de 1936. Um dos resultados da apuração dos fatos, e da posterior redação do livro *The Road to Wigan Pier* foi a aproximação de Orwell do socialismo, ainda que de maneira bastante frouxa, nas questões teóricas. Comentando sobre o tom documental de *Homage to Catalonia*, o resenhista T.R. Fyvel do jornal norte-americano *New Leader* disse: “*in this early book he was writing with deliberate restraint, keeping his savage indignation in check, because he was still clarifying his own political view*”.¹⁰⁷

Sabe-se que Orwell leu de Marx ao menos o *Manifesto Comunista* (1848¹⁰⁸), e possuía grandes reservas em relação aos intelectuais da Esquerda britânica, a quem chamava de *sleeky little professors*¹⁰⁹, além da associação que fazia entre a ideologia e todos os tipos de “alternativos”, “moças de sandália” e vegetarianos. Preconceitos e generalizações à parte, Orwell tornou-se um socialista, ainda que somente a experiência espanhola confirmaria essa mudança de postura ideológica. Ainda assim, como disse Terry Eagleton¹¹⁰, “*outside Catalonia, Orwell's contact with Marx did not extend much further than his poodle, who was named after him*”¹¹¹. Em *Wigan Pier*, Orwell já delineia o que se tornaria a sua maneira tão particular de ver o socialismo, ainda que de forma bem elementar:

¹⁰⁶ Diz a etimologia popular que o *Boxing Day* teria esse nome por ser tradicional, no dia após o feriado de Natal, que os patrões apresentassem os empregados e prestadores de serviço com uma caixinha contendo presentes e comida.

¹⁰⁷ “[...] neste que é um de seus primeiros livros, ele estava escrevendo com uma deliberada restrição, mantendo a sua selvagem indignação em controle, pois ele ainda estava clarificando a sua própria visão política”. FYVEL, 1952 in MEYERS, 1975, p.138.

¹⁰⁸ BOWKER, 2003, p. 192.

¹⁰⁹ Algo como “polidos professorezinhas”.

¹¹⁰ EAGLETON, *Reach-me-down Romantic*, 2003.

¹¹¹ “Fora da Catalunha, o contato de Orwell com Marx não se estendeu além do com o seu poodle, que foi apelidado em homenagem ao filósofo”. É interessante notar que Bowker, o biógrafo de Orwell, ainda diria que não é possível saber se o apelido foi emprestado de Groucho (Marx, o comediante americano) ou de Karl.

[...] toda pessoa que usa o cérebro sabe que o socialismo, como sistema mundial posto em prática com entusiasmo, é uma saída. Garantiria, pelo menos, que conseguíssemos o suficiente para comer, mesmo que nos privasse de tudo o mais. De fato, desse ponto de vista o socialismo é de uma sensatez tão elementar que às vezes fico espantado ao ver que ele ainda não se estabeleceu (ORWELL, 2012, p. 193).

Como disse o biógrafo de Orwell, Gordon Bowker: “*If Wigan had turned him into a socialist, Spain would harden his socialism and give it a particular edge and temper*”¹¹².

Na Espanha, o *Partido Comunista de España* ganhava prestígio no governo republicano de Largo Caballero. O general Alexander Orlov¹¹³ da NKVD visitou Madrid, em setembro de 1936, levando consigo adidos militares especialistas em estratégia e tática; também foi assinado um acordo de venda de armas aos Republicanos – o que contraria a tese comunista da época de que Stalin oferecia ao governo apenas uma “ajuda desinteressada”.

Durante os três anos da guerra (1936-1939), navios repletos de armas atravessaram o Mediterrâneo, vindos dos portos do Mar Negro. Eram dissimulados como cargueiros mercantes, “contrabandeando” o armamento, que não poderia ser revelado. Muitos foram capturados ou destruídos por patrulhas fascistas na costa da Itália. Essa “venda disfarçada” custou ao Tesouro Republicano cerca de 510 toneladas de *spanish gold*¹¹⁴, enviadas ao porto de Odessa, após a assinatura do tratado com Stalin em outubro de 1936. A partir desse momento, a influência russa no governo espanhol e o crescimento dos partidos ideologicamente vinculados ao comunismo soviético (PCE, PSUC) aumentaram exponencialmente.

Ainda que Orwell ressalte (ou talvez, exagere) a importância da URSS para os Legalistas¹¹⁵, há leituras mais recentes do conflito espanhol que indicam certa

¹¹² BOWKER, 2003, p.200.

¹¹³ Orlov foi um dos cabeças da Operação Nikolai, que resultaria na cassação do POUM, bem como na prisão e assassinato de vários de seus membros.

¹¹⁴ “Ouro espanhol” DEVROEY, 1985, p.50.

¹¹⁵ Legalista é um outro nome utilizado para se referir aos Republicanos.

discordância. Para a historiadora Helen Graham, por exemplo, a alegação de “sovietização” da República “provém de uma interpretação profundamente anacrônica da história – de que a União Soviética que interveio na Espanha em 1936 já era a potência econômica e política do período posterior à Segunda Guerra Mundial”¹¹⁶. Para ela, entre a Rússia de Stalin e a Espanha de Largo Caballero havia um “abismo que nenhum intercâmbio político ou diplomático calculado podia superar”¹¹⁷.

De qualquer maneira, é importante notar que em agosto de 1936, o primeiro dos Julgamentos de Moscou ocorreu. No evento, que depois seria conhecido como o Julgamento dos Dezesesseis, Stalin ordenou a execução de parte da velha guarda bolchevique, notadamente seus adversários políticos Lév Kamenev e Grigory Zinoviev¹¹⁸.

Voltemos à Inglaterra de 1936. A opinião pública britânica estava dividida em relação à Guerra Civil Espanhola. Havia duas narrativas opostas, e ambas se mostravam exageradas. A Direita via o levante de Franco como uma luta legítima contra a ameaça bolchevique – em um momento em que o *Partido Comunista Español* havia obtido menos de 2% dos votos nas eleições gerais do mesmo ano¹¹⁹. A imprensa de esquerda, pró-Republicana (notadamente os jornais *News Chronicle*, *Daily Herald*, *Daily Express* e *Daily Mirror*) mostrava o conflito como uma defesa da civilização e da ordem democrática, contra os aventureiros pagos por Hitler¹²⁰. Antes de chegar em Barcelona, pode-se dizer que Orwell comprou essa segunda versão da guerra: “*I had accepted the News Chronicle – New Statesman version of the war as the defence of the civilization against a maniacal outbreak by an army of Colonel Blimps in the pay of Hitler*”¹²¹.

Ao mesmo tempo em que completava o manuscrito de *Wigan Pier*, Orwell

¹¹⁶ GRAHAM, 2013, p. 130.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ BOWKER, 2003, p.193.

¹¹⁹ DEVROEY, 1984, p.41.

¹²⁰ Idem, p.40.

¹²¹ “Aceitara a versão *News Chronicle – New Statesman* da guerra como defesa da civilização contra a insurreição maníaca de um exército de coronéis Blimp financiados por Hitler” (p.204). O Coronel Blimp é uma personagem dos quadrinhos de David Low, uma caricatura da Direita militarista e ufanista britânica. HtoC, loc 3418.

preparava a sua viagem para a Espanha. Em 10 de dezembro, conseguiu o passaporte. Eileen, sua esposa de alguns meses, deveria ficar na Inglaterra e supervisionar a publicação do livro. Havia dificuldades financeiras – Orwell estava falido –, e a prataria da família teve de ser penhorada.

O ideal era obter o aval de alguma organização política envolvida com a causa Republicana, para garantir passagem segura pelo território espanhol. Victor Gollancz¹²², então editor de Orwell (sua casa publicaria *Down and Out in Paris and London* [1933], bem como *Wigan Pier* [1937] e três dos romances menos conhecidos, *A Clergyman's Daughter*¹²³ [1935], *Keep the Aspidochelone Flying*¹²⁴ [1936] e *Coming Up for Air* [1939]), facilitaria o encontro do escritor com o secretário do Partido Comunista Britânico, Harry Pollitt. O comunista, receoso da coerência ideológica de Orwell, não o ajudou dando-lhe credenciais do partido, mas aconselhou-o a conseguir um salvo-conduto na embaixada espanhola em Paris.

De fato, George Orwell foi à França. Mas, antes, procurou o amigo Fenner Brockway, escritor também publicado por Gollancz e ex-parlamentar pelo *Independent Labour Party* - uma secessão do Partido Trabalhista Britânico, com tendências social-democratas, não-alinhado à URSS. Através do ILP, Orwell conseguiu uma carta de recomendação, endereçada a John McNair, representante do partido em Barcelona. Brockway e McNair seriam a ligação que resultaria na participação de Orwell na milícia do *Partit Obrer D'Unificació Marxista*, o POUM.

Em Paris, Orwell visitou o escritor Henry Miller, que lhe ofereceu uma jaqueta de couro e um conselho: ir à Espanha é um “ato de idiotas”¹²⁵. A visão de Miller do conflito era a de uma neutralidade cínica – derivada de uma postura crítica, mas

¹²² Gollancz teve uma relação profissional difícil com Orwell. Ao mesmo tempo em que foi fundamental para o reconhecimento do nosso escritor, ao publicá-lo em sua editora The Left Book Club (que possuía grande alcance no público-alvo da Esquerda britânica), Gollancz rejeitou a publicação de *Homage to Catalonia*, por questões ideológicas (ele era ligado ao Partido Comunista Britânico). Eventualmente, o livro que estamos estudando foi publicado pelo editor Fredric Warburg. A editora Secker & Warburg, embora tivesse uma linha editorial socialista menos ortodoxa, bem como um extenso catálogo (incluindo Thomas Mann e Franz Kafka) estava, à época, com problemas financeiros. O sucesso de *Nineteen Eighty-Four* e *Animal Farm* acabou por tornar Orwell a galinha dos ovos de ouro da editora.

¹²³ Publicado no Brasil como “A Filha do Reverendo”, pela Nova Fronteira, em 1985.

¹²⁴ Publicado no Brasil como “A Flor da Inglaterra”, pela Companhia das Letras, em 2007.

¹²⁵ ORWELL, Dentro da Baleia e Outros Ensaios, 2005, p.133.

essencialmente derrotista dos conflitos humanos e da sociedade ocidental como um todo. Orwell, apesar de politicamente engajado, era fascinado pela figura de Miller e, especialmente, por seu livro *Tropic of Cancer* (1935), dedicando à obra um ensaio posterior, chamado *Inside the Whale* (1940):

[...] minhas ideias sobre o combate ao fascismo, a defesa da democracia, etc. Eram todas [para Miller] pura garganta. Nossa civilização estava destinada a desaparecer e ser substituída por algo tão diferente que mal poderíamos considerar humano – uma perspectiva que não o afligia, disse. E um pouco dessa atitude está implícita em todas as suas obras (ORWELL, 2005, p.133).

Chegando em Barcelona após atravessar a fronteira por trem, Orwell apresentou-se ao escritório do ILP e a John McNair, que teve uma má impressão inicial do nosso escritor: “*the accent, the suit, the rather languid manner betrayed him not only as a bourgeois but a public-school man*”¹²⁶. Mas, ao ler a carta de Fenner Brockway, percebeu de que se tratava do autor de *Down and Out in Paris and London*. Orwell então fez uma visita da cidade com um jornalista do diário poumista *La Batalla*, que lhe resumiu os acontecimentos desde julho de 1936, e o levou à Rambla, onde ficavam à época as sedes das principais forças políticas da Catalunha Republicana. Vejamos as primeiras impressões de Orwell da Barcelona revolucionária:

This was in late December, 1936, less than seven months ago as I write, and yet it is a period that has already receded into enormous distance. Later events have obliterated it much more completely than they have obliterated 1935, or 1905, for that matter. I had come to Spain with some notion of writing newspaper articles, but I had joined the militia almost immediately, because at that time and in that atmosphere it seemed the only conceivable thing to do. The Anarchists were still in virtual control of Catalonia and the revolution was still in full swing. To anyone who had been there since the beginning it probably seemed even in December or January that the revolutionary period was ending; but when one came straight from

¹²⁶ “O sotaque, o terno e o jeito lânguido revelaram-no como um burguês, bem como um homem educado em escolas de elite” BOWKER, 2003, p. 194.

England the aspect of Barcelona was something startling and overwhelming. It was the first time that I had ever been in a town where the working class was in the saddle (HtoC, loc 992)¹²⁷.

A escolha de Orwell em utilizar os verbos no tempo passado é típica da reportagem jornalística mas, em determinados momentos, ele interrompe a narrativa para fazer intervenções: [*This was in late december, 1936 less than seven months ago as I write (...)*]. Nesse caso, ele claramente indica o tempo presente da escrita do livro. Essas interrupções são parecidas com as que a personagem Brás Cubas, narrador de “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, realiza na obra de Machado de Assis: “Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade”¹²⁸. O artifício dá ao leitor a informação de que Orwell está escrevendo com o benefício da distância temporal, o que poderia conceder ao texto um caráter menos “contaminado” pelos calores do conflito. Esse artifício, por sua vez, é tomado emprestado dos romances do século XVIII¹²⁹. É também semelhante ao recurso de “quebrar a quarta parede”, utilizado no teatro. Ao mesmo tempo, ocorre o que Miquel Berga chama de “sutis insinuações” de que o clima da Catalunha poderia não ser tão revolucionário assim:

Es decir, aunque el mensaje central del libro [...] no va a hacerse explícita hasta los capítulos finales, el lector está siendo "entrenado" para aceptar que, en aquella guerra, las cosas no son lo que parecen, que las primeras impresiones pueden resultar falsas [...] (BERGA, 2003, p.22).¹³⁰

¹²⁷ “Estávamos no fim de dezembro de 1936, há menos de sete meses de quando escrevo e, no entanto, é um período que já recuou a uma distância enorme. De resto, acontecimentos posteriores o obliteraram muito mais completamente do que o ano de 1935, ou mesmo o de 1905. Viera para a Espanha com a vaga ideia de escrever artigos para a imprensa, mas ingressei na milícia quase imediatamente, porque naquele tempo e naquela atmosfera parecia a única coisa imaginável a se fazer. Os anarquistas tinham o controle virtual da Catalunha, e a revolução ainda ia de vento em popa. Para qualquer um que estivesse lá desde o começo, provavelmente parecia, já em dezembro ou janeiro, que o período revolucionário estivesse terminando; mas para alguém vindo direto da Inglaterra, o aspecto de Barcelona era algo surpreendente e irresistível. Pela primeira vez na vida me encontrava numa cidade onde a classe trabalhadora estava no comando” (p.28).

¹²⁸ ASSIS, Machado de. Obras Completas. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p.3.

¹²⁹ BERGA, 2003, p. 23.

¹³⁰ “Quer dizer, ainda que a mensagem central do livro [...] não vai se fazer explícita até os capítulos finais, o leitor está sendo 'treinado' para aceitar que, naquela guerra, as coisas não são o que parecem, que as primeiras impressões

No mesmo parágrafo, Orwell apresenta uma dessas “insinuações” ao leitor: [*To anyone who has been there since the beginning, it probably seemed in December or January that the revolutionary period was ending*]. De fato, os primeiros dias da Revolução Espanhola na Catalunha foram marcados pela tomada efetiva do poder pelos trabalhadores e milicianos que faziam parte dos sindicatos e partidos anticapitalistas, que realmente formaram a vanguarda na luta contra a sublevação dos fascistas, em 17 e 18 de julho de 1936. Era a *nova ordem revolucionária*. Segundo o historiador José Antonio Pozo:

[...] les organitzacions obreres es convertiren elles mateixes en un poder, que els venia donant tant per la capacitat que desenvoluparen en aquells moments d'actuar com a autoritats que establien i aplicaven normes que afectaven al conjunt de la societat, com pel fet que aconseguiren aglutinar darrere d'elles tota la massa de treballadors que s'havien mobilitzat o es mobilitzarien a continuació. El poder real no deixava de ser la suma de tots ells, de cadascun dels trossos en què es fraccionà el poder legal com a conseqüència de l'esclat produït en la majoria dels seus components (POZO in VILLAROYA, SABATÉ, 2005, p.101)¹³¹

No momento em que Orwell chegou a Barcelona, o poder das milícias diminuía, frente ao crescimento da influência dos partidos comunistas no governo da *Generalitat*, que reagrupou, durante setembro a dezembro de 1936, todo o espectro ideológico antifascista na Catalunha, de liberais a comunistas soviéticos, passando pelas CNT e pelo POUM. Essa coesão, no entanto, começava a desmoronar frente à crescente influência russa na política espanhola.

Vejamos agora a seguinte afirmação de Orwell: [*Later events have obliterated it much more completely than they have obliterated 1935, or 1905, for that matter*]. A

podem se mostrar falsas.”

¹³¹ “As organizações operárias se converteram elas mesmas em um poder, que lhes foi dado tanto pela capacidade que desenvolveram naqueles momentos de atuar como autoridades, que estabeleciam e aplicavam normas que afetavam o conjunto da sociedade, como pelo feito de terem conseguido aglutinar em torno delas mesmas toda a massa dos trabalhadores que haviam se mobilizado, bem como os que se mobilizariam depois. O poder real não deixava de ser a soma de cada uma das peças do poder legal fracionado, como consequência do surto produzido na maioria de seus componentes.”

frase, aparentemente críptica, provavelmente se refere a uma sequência de eventos históricos. Primeiramente, os acontecimentos contidos em “*Later events*” são, muito provavelmente, as Jornadas de Maio de 1937 – que resultaram no expurgo do POUM e das CNT-FAI e na perseguição de Orwell e seus companheiros, e foram o ponto culminante do processo de estalinização da República espanhola, até a sua queda frente às forças de Francisco Franco. Na frase, “*Later events*” possui uma relação com o pronome “*it*”, que se refere aos eventos do *momento presente* na narrativa (a Revolução em curso na Catalunha, no mês de dezembro de 1936), mas no *momento passado* em relação ao momento em que Orwell escreveu *Homage to Catalonia* (segundo semestre de 1937).

Por sua vez, ele ainda afirma que, se os acontecimentos de maio de 1937 foram grandes o suficiente para apagar os de dezembro de 1936, esse último ano foi politicamente forte o suficiente para deixar à sombra o ano de 1935, bem como 1905. Ao citar essas duas últimas datas, Orwell poderia estar falando do ano (1935) em que houve o acirramento do conflito entre as forças da *reação* e do *progresso* na República da Espanha, que resultariam na formação da Frente Popular, culminando na Guerra Civil; e é também provável que esteja se referindo à Revolução Russa de 1905¹³².

Na frase [*I had come to Spain with some notion of writing newspaper articles...*], Orwell explica que a sua visão inicial, ao ir para a Espanha, era a de atuar como repórter, fazendo a sua cobertura do conflito em Barcelona. Na realidade, ele já alimentava algumas esperanças de participar como combatente, mas estava inseguro quanto à sua saúde frágil e pouca experiência militar (que se resumiam ao treinamento da Polícia Imperial na Birmânia). De qualquer maneira, ao perceber a situação em que estava, compreendeu que entrar para a milícia do POUM era a “única coisa concebível a se fazer”. Essa mudança, de uma prévia atitude no campo

¹³² A Revolução Russa de 1905 foi um movimento popular de reação contra o absolutismo do Império Russo, intensificado com a derrota na guerra contra o Japão em 1904, bem como após as greves de 1902 e 1903. A Revolução se radicalizou com a repressão dos protestantes após o episódio que ficou conhecido como o Domingo Sangrento. Em seu seio, Lev Trotsky e Vladimir Lênin ganharam proeminência, com a Greve Geral de 1905 e a criação do Soviete de São Petersburgo.

das *ideias*, para uma *atuação prática*, marca o primeiro momento da tomada de consciência *para-si* de Orwell. Como disse Raymond Williams:

He went to Spain to fight fascism; partly, to begin with, as a way of being a writer, but then deliberately, as a way of setting his life against an evil and destructive social force. His courage and persistence in this repeated exposure to the hardest facts of his time are by any standard remarkable¹³³ (WILLIAMS, 1971, p.34).

O biógrafo Stephen Ingle faz uma ligação entre a decisão de Orwell de se juntar à milícia com a visão do filósofo Georges Sorel da natureza intrinsecamente violenta da revolução: apenas por meio da luta revolucionária é que um grupo poderia realizar completamente o seu potencial político. Para Sorel, a violência era uma força criativa. Disse Ingle:

The justification [...] rested on the historical expectation that revolution would unlock the virtue and the true consciousness of the exploited, and lead to a genuine transfer of power. Orwell too hoped for this, though it seems unlikely that he expected it. [...] Orwell considered himself morally and emotionally committed to the workers in a struggle that, for much of his life, he regarded as inevitable and just, whatever its outcome (INGLE, 2006, p.71)¹³⁴.

É interessante notar que, após a Guerra Civil Espanhola, Orwell brevemente abraçou o pacifismo, que era a posição ideológica do *Independent Labour Party* frente ao acirramento dos confrontos entre a Alemanha Nazista e a Europa liberal. Logo após o início da Segunda Guerra, no entanto, Orwell retornou à sua visão espanhola, e advogou por uma revolução britânica concomitante ao esforço de guerra.

¹³³ “Ele foi para a Espanha para lutar contra o fascismo; em parte e inicialmente, como um escritor, mas também, deliberadamente, como uma maneira de pôr a sua vida contra uma força social maligna e destrutiva. Sua coragem e persistência frente à repetida exposição aos fatos mais duros de seu tempo são, por qualquer padrão, notáveis”.

¹³⁴ “A justificativa [...] mantinha-se na expectativa histórica de que a revolução iria destravar a virtude e a verdadeira consciência dos explorados, e levar a uma genuína transferência de poder. Orwell também tinha esperança nisso, mas parece pouco provável que ele esperasse que fosse acontecer, de fato. Orwell se considerava moralmente e emocionalmente comprometido com os trabalhadores em uma luta que, por boa parte de sua vida, ele viu como inevitável e justa, independente de como viesse a se realizar.”

Voltemos ao relato de Orwell da Barcelona Revolucionária:

Practically every building of any size had been seized by the workers and was draped with red flags or with the red and black flag of the Anarchists; every wall was scrawled with the hammer and sickle and with the initials of the revolutionary parties; almost every church had been gutted and its images burnt. Churches here and there were being systematically demolished by gangs of workmen. Every shop and café had an inscription saying that it had been collectivised; even the bootblacks had been collectivised and their boxes painted red and black. Waiters and shop-walkers looked you in the face and treated you as an equal. Servile and even ceremonial forms of speech had temporarily disappeared. Nobody said ‘Señor’ or ‘Don’ or even ‘Usted’; everyone called everyone else ‘Comrade’ and ‘Thou’, and said ‘Salud!’ instead of ‘Buenos días’ (HtoC, loc 1000)¹³⁵.

No resto da passagem, observemos que a descrição da cidade revolucionária se inicia pelo edifícios e os símbolos da sua tomada – as bandeiras negras e vermelhas, os grafites das iniciais dos partidos e do símbolo socialista da foice e do martelo; bem como a destruição das igrejas da cidade, representantes do conservadorismo cristão, aliado de Franco e da monarquia.

Logo depois, a descrição sai do campo dos objetos concretos para o das atitudes: particularmente, o desaparecimento do tratamento servil. Orwell exemplifica a revolução dos costumes, com a abolição dos pronomes de tratamentos e substantivos da língua espanhola que carregam conotação de subserviência de classe. *Señor* e *Don*, bem como *Usted*, são desnecessários em uma sociedade na qual há a verdadeira igualdade entre seus cidadãos.

Vejamos¹³⁶ a etimologia dessas formas de tratamento: *Señor*, vindo do latim

¹³⁵ “Praticamente todos os prédios, do tamanho que fosse, tinham sido tomados pelos trabalhadores e estavam enfeitados com bandeiras vermelhas ou com a bandeira rubro-negra dos anarquistas; todas as paredes rabiscadas com a foice e o martelo e com as iniciais dos partidos revolucionários; quase todas as igrejas tinham sido pilhadas e suas imagens queimadas. Igrejas aqui e ali estavam sendo sistematicamente demolidas por bandos de trabalhadores. Todas as lojas e cafés exibiam uma inscrição dizendo que tinham sido coletivizadas; até mesmo os engraxates tinham sido coletivizados e suas caixas pintadas de vermelho e preto. Garçons e lojistas nos encaravam e nos tratavam de igual para igual. As formas de tratamento servis e até mesmo as de cortesia haviam desaparecido temporariamente. Ninguém dizia *señor* ou *don*, ou mesmo *usted*; todo mundo chamava todo mundo de “camarada” e “tu”, e dizia *salud* ao invés de *buenos días*” (p. 29).

¹³⁶ Consultamos o Dicionário da Real Academia Espanhola, que pode ser acessado em: <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>>

Senior, é relativo originalmente daquele de maior idade, idoso. De maneira próxima, *Don* tem relação com *Dominus*, aquele que governa a casa familiar. Ambos os substantivos se vinculam aos proprietários de terra medievais – o senhor feudal -, e à divisão social do trabalho.

Assim como após a Revolução Russa de 1917, *Camarada* é adotado nas ruas de Barcelona, e o pronome familiar *Tú* torna-se universal, em contraposição a *Usted*, com sua conotação de distância e respeito. Até mesmo a saudação relativamente neutra *Buenos Días* é substituída por *Salúd*, de cunho originalmente militar. Sobre o substantivo *Camarada*, de origem franco-espanhola, é interessante notar o seu uso no contexto revolucionário¹³⁷, que teria se iniciado à época da Comuna de Paris de 1871 como uma maneira de substituir *madame & monsieur* por uma palavra sem gênero definido e que evoca um ideal de socialização na figura do quarto compartilhado (“câmara”). O substantivo foi utilizado novamente à época da Revolução Russa, já na tradução *Tovarisch* (товарищ), de onde provavelmente veio o uso de *Camarada* durante a Revolução Espanhola.

And it was the aspect of the crowds that was the queerest thing of all. In outward appearance it was a town in which the wealthy classes had practically ceased to exist. Except for a small number of women and foreigners there were no 'well-dressed' people at all. Practically everyone wore rough working-class clothes, or blue overalls or some variant of the militia uniform. All this was queer and moving. There was much in it that I did not understand, in some ways I did not even like it, but I recognised it immediately as a state of affairs worth fighting for. Also I believed that things were as they appeared, that this was really was a workers' State and that the entire bourgeoisie had either fled, been killed, or voluntarily come over to the workers' side; I did not realise that great numbers of well-to-do bourgeois were simply lying low and disguising themselves as proletarians for the time being (HtoC, loc 1009).¹³⁸

¹³⁷ MORAES, Antonio C. de. Em busca das origens da palavra camarada. Jornal Opinião Socialista, 30 de janeiro de 2007. Acesso em <<http://www.pstu.org.br/node/12085>>

¹³⁸ “E era o aspecto das multidões a coisa mais estranha de todas. Na aparência exterior, era uma cidade em que as classes abastadas tinham praticamente deixado de existir. Exceto por um pequeno número de mulheres e estrangeiros, não havia pessoas 'bem vestidas' de jeito nenhum. Praticamente todo mundo usava as roupas rudes da classe trabalhadora, ou macacões azuis, ou alguma variante do uniforme da milícia. Tudo isso era estranho e emocionante. Havia muita coisa que eu não compreendia, e de muitas delas de certa forma nem gostava, mas reconheci imediatamente que era um estado de coisas pelo qual valia a pena lutar. Também acreditava que as coisas eram como pareciam ser, que aquele era realmente um Estado dos trabalhadores e que toda a burguesia tinha fugido,

A Barcelona de fins de 1936 ainda era a vermelha e negra, dominada pelas milícias anarcossindicalistas e socialistas. Com a Revolução, a troca de comando suscitou mudanças não apenas no tratamento entre as pessoas e na coletivização de propriedades e dos meios de produção, mas também no vestuário. Se, antes da Revolução, Barcelona era uma cidade onde se podia encontrar o melhor da moda europeia, depois dos acontecimentos de julho de 1936 era difícil achar uma pessoa vestida de “burguês”. Mesmo antes de chegar na cidade, Orwell foi aconselhado a jogar fora o colarinho e a gravata de seu terno inglês, por um passageiro no trem em que estava rumo à Catalunha¹³⁹. A Barcelona que encontrou parecia, à primeira vista [*In outward appearance...*], completamente ausente de burgueses. É importante lembrar-nos aqui da visão do anarquista italiano Carlo Cafiero sobre a relação entre a burguesia e a Revolução:

Os burgueses são muito temerosos e devotos para poder apelar à lei natural da revolução. Em alguns momentos de veleidade, eles podem até invocá-la; mas, depois, voltando a si, feitas as contas, chegam ao resultado de que tudo se desenvolve perfeitamente bem, no melhor dos mundos, para eles; e então passam a gritar, torturando os nossos tímpanos: ordem, religião, tradição, família e propriedade! (CAFIERO, 1980, p.105)

No relato de Orwell em *Homage to Catalonia*, e para além dele, podemos compreender as atitudes da burguesia catalã perante a Revolução. Encontrando sua voz nos espectro liberal do arco-íris político da *Frente Popular/Front D'Esquerres*, a burguesia clamou por uma “revolução” à sua maneira – preservando a “ordem democrática” e os direitos de propriedade. Em uma Espanha recém saída de um feudalismo tardio, em que o capitalismo ainda engatinhava, era necessário resguardar os interesses da incipiente burguesia industrial. Após o estouro da Revolução Popular

ou sido morta, ou passado voluntariamente para o lado dos trabalhadores; não percebia que muitos dos burgueses abastados estavam simplesmente escondidos e disfarçados de proletários, por enquanto” (p.30).

¹³⁹BOWKER, 2003, p.202

na Catalunha, e a respectiva tomada de poder por parte das forças políticas anarquistas e socialistas, ela se viu desamparada. Como Orwell relatou nos capítulos posteriores de *Homage to Catalonia*, a burguesia retornou, aos poucos, a partir do momento em que o comunismo da Rússia de Stalin foi tomando as rédeas do esforço de guerra, solapando a revolução em curso na Catalunha. Iremos tratar desse assunto mais adiante, em nosso estudo.

Na nova ordem social, era necessário vestir-se à maneira da classe trabalhadora da época: macacões azuis, roupas de algodão grosso, boinas na cabeça e lenços no pescoço; ou então identificar-se, por meio da vestimenta, como um miliciano. Tendo em vista que, à época, o governo não havia ainda organizado uma Guarda Republicana, cada combatente vestia-se como podia. Dessa maneira, na ausência de um uniforme, havia o *multiforme*, uma verdadeira quimera, em que era necessário utilizar broches com as iniciais do partido, ou pelo menos lenços vermelhos (socialistas) ou vermelhos e negros (anarquistas) para se ter uma mínima noção de pertencimento.

É interessante notar a reação de Orwell ao clima revolucionário da Catalunha: [*All this was queer¹⁴⁰ and moving¹⁴¹*]. É um motivo recorrente na narrativa, o contraste entre uma rejeição inicial ao fato, logo seguida por uma reação emocional, que leva ao reconhecimento e à aceitação do acontecimento. Vejamos também a seguinte proposição: [*I did not understand... I did not like it... but, I recognised immediately a state of affairs worth fighting for*]. São estranhamentos, em um primeiro momento, que dão lugar à fascinação. É algo próprio da retórica de Orwell: duas sentenças negativas, seguidas por uma positiva, afirmativa. É um padrão que se repete, com algumas variações, por várias vezes no texto de *Homage to Catalonia* (e também em outros de seus escritos), e iremos demonstrá-lo em outras passagens do livro, mais à frente no nosso estudo.

É necessário notar que, na mesma passagem, Orwell já antecipa ao leitor o

¹⁴⁰ Aqui, a palavra aparece em seu sentido original, “estranho”, “diferente”, “desviado” - não se relacionando com o movimento *Queer*, relativo aos homossexuais, bissexuais e transgêneros.

¹⁴¹ *Moving* aparece nesse caso como um adjetivo, no sentido de “causar emoção, sentimento”.

declínio que a Revolução Espanhola sofria gradativamente, e que ele descreve em seu retorno à Barcelona em maio de 1937. É mais uma intervenção direta do narrador na cronologia dos fatos: *[I believed that things were as they appeared (...) I did not realise that great numbers of well-to-do bourgeois were simply lying low and disguising themselves as proletarians (...)]*. Williams compreende o relato de Orwell das diferenças de classe, por um lado, como uma descrição que enfatiza e reconhece a complexidade inerente às estruturas sociais. A maneira como Orwell constrói o seu relato é magistral em criar o *clima*, ou a *atmosfera* do período revolucionário. Ao mesmo tempo, Williams critica essa construção: um *clima*, afinal, não pode ser uma estrutura social. Vejamos a questão da descrição das diferenças de classe:

Class, for example, is described mainly in terms of differences and snobberies in accent, clothes, tastes, furnishing, food. And this has become habitual. [...] In this way of thinking, Orwell prepared the orthodox political beliefs of a generation. [...] But by keeping the definition of class to these characteristics, which any prosperous industrial society will in any case erode, another set of facts, in which class is a powerful and continuing economic relationship - as between the owners of property and capital and the owners only of labour and skill - is effectively masked (WILLIAMS, 1971, p. 23-24).¹⁴²

Orwell, dessa maneira, falha em fazer uma crítica mais aprofundada das relações de classe, pois vê as suas diferenças apenas em termos estéticos, acessórios. Ele, segundo Williams, não compreende a divisão das classes entre aqueles que têm a posse do capital e dos meios de produção, e aqueles que vendem sua força de trabalho. Williams ainda acrescenta: essa visão inspiraria toda uma geração (ele se refere à parte da *New Left* britânica do Pós-Segunda Guerra Mundial). E, brutalmente, conclui: *“It is much easier to despise the ruling class than to hate and break them”*¹⁴³.

¹⁴² “A classe, por exemplo, é descrita principalmente em termos de diferenças e esnobismos nos sotaques, roupas, gostos, mobília, comida. E isso tornou-se habitual. [...] Com essa sua maneira de pensar, Orwell preparou as crenças ortodoxo-políticas de toda uma geração. [...] Mas ao manter a definição de classe a essas características, em que qualquer sociedade industrial próspera irá de qualquer maneira erodir, outros fatos, em que classe é uma poderosa e contínua relação econômica – entre os donos de propriedade e capital e os donos de apenas força de trabalho – é, efetivamente mascarada.”

¹⁴³ “É muito mais fácil desprezar a classe dominante do que odiá-la e quebrá-la.”

Após alistar-se na milícia do POUM, Orwell – que ainda não tinha consciência das lutas internas dentro do *Front D'Esquerres* – foi levado por McNair ao Quartel Lênin, na Rambla, sede militar do partido¹⁴⁴. Lá, ele se inscreveu como “Eric Blair, *grocer*”¹⁴⁵, o que refletia a sua vontade de ser reconhecido por credenciais menos burguesas que escritor ou jornalista (Orwell de fato ganhava algum dinheiro por fora vendendo itens gerais em sua propriedade de Wallington, na região metropolitana de Londres). Isso não foi de muita ajuda para esconder sua identidade, visto que era de interesse do ILP e do POUM que um “famoso escritor britânico” estivesse combatendo em suas frentes. A presença de Orwell foi utilizada com fins propagandísticos nos periódicos desses partidos, o que eventualmente iria contribuir para o interesse da rede comunista de espões em sua pessoa.¹⁴⁶

Orwell ficou cerca de uma semana no Quartel Lênin, dormindo em estábulos com a sua *centuria*¹⁴⁷ de recrutas, reclamando do terrível *porrón*¹⁴⁸ e da pouca idade da maioria dos milicianos. Junto com ele, havia um certo número de mulheres milicianas. Orwell descreve particularmente a mulher, inominada, de um de seus companheiros ingleses, Williams: “*She was a gentle, dark-eyed, intensely feminine creature who looked as though her life-work was to rock a cradle, but who as a matter of fact had fought bravely in the street-battles of July.*”¹⁴⁹ Com o advento da

¹⁴⁴ O Quartel ou Caserna Lênin foi tomado pelo POUM em 20 de julho de 1936, após as lutas contra os sublevados Fascistas. Antes do conflito, funcionava como o 4º Batalhão de Sapadores e Mineradores. Situava-se no Carrer de Tarragona, uma rua que serve como ponto de encontro dos bairros de Sants, l'Eixample e Montjuïc. A localização próxima à Praça de Espanya era aproveitada pelo partido para desfiles e marchas militares, bem como para treinamentos nas colinas de Montjuïc. Com o franquismo, ficou conhecido como Quartel de Lepanto, e foi derrubado em 1999. Hoje em dia o local abriga os prédios da *Ciudad de la Justicia* de Barcelona.

¹⁴⁵ *Grocer* é o dono de uma *grocery*, uma venda ou mercearia que lida com diversas mercadorias, desde frutas e hortaliças, até itens gerais de casa. Até a introdução dos supermercados nos países anglo-saxões, as *groceries* eram uma presença marcante nos bairros residenciais, muitas dessas lojas sendo de propriedade de pequenos comerciantes.

¹⁴⁶ A espionagem soviética do casal Blair foi feita em grande parte pelo britânico David Crook, desde abril de 1937.

¹⁴⁷ Similar à sua contrapartida romana, a *centuria* das milícias catalãs consistia em cem homens, por si dividida em *secciones* de cerca de trinta homens, e ambas faziam parte da *coluna* que, segundo Orwell, consistia em qualquer número grande de homens. Uma famosa *coluna* é a de Buenaventura Durruti, líder anarquista que foi morto em 1936 na cidade de Madrid, e cujos seguidores, conhecidos como os Amigos de Durruti, faziam parte da coligação entre CNT e POUM durante as Jornadas de Maio de 1937.

¹⁴⁸ O porró, ou porrón é uma espécie de garrafa usada para servir vinhos, em restaurantes da Catalunha. Tem uma abertura pequena que facilita o compartilhamento da garrafa com outras pessoas, produzindo uma corrente fina de líquido que pode ser tomado sem que se toque com os lábios a superfície do orifício. É interessante notar que Orwell tinha verdadeira ojeriza do uso do *porrón*, o que denunciava a sua origem burguesa perante os companheiros de milícia proletários.

¹⁴⁹ “Era uma criatura delicada, de olhos escuros, intensamente feminina, que parecia ter como único trabalho na vida

guerra, as milicianas lutaram junto com os homens pelo controle da cidade, um resultado natural da igualdade frente às questões práticas da luta, em uma revolução socialista. Nos primeiros dias da rebelião franquista, “*no one would have seen anything comic in a woman handling a gun*”¹⁵⁰. Apesar disso, com o passar dos meses, o machismo voltava junto com a ordem burguesa e, no Quartel Lênin, as mulheres tinham de ser separadas dos homens nos momentos de exercício, para evitar abusos. É interessante notar que, ao mesmo tempo que Orwell via essa emancipação feminina com certa fascinação e respeito, ele ainda estava preso às concepções de gênero do seu tempo. Comentando uma ajuda que recebeu da mulher de Williams, “*It was rather humiliating that I had to be shown how to put on my new leather cartridge-boxes by a Spanish girl*”¹⁵¹. O próprio fato, talvez, de não nomear a personagem poderia ser uma certa negligência perante o papel feminino, na sua visão de mundo. A crítica feminista Daphne Patai tece o seu comentário sobre *Homage to Catalonia*:

O autor cultivou “uma ideia tradicional de masculinidade, complementada por uma misoginia generalizada”, evidenciando “adesão teimosa a uma polarização de gênero que passa pela assunção da centralidade e superioridade do elemento masculino” (PATAI, 1984 *apud* NEWSINGER, 2010, p.101).

E ainda: para ela, a associação de Orwell ao socialismo seria conjugada ao movimento masculino arquetípico - a guerra -, e que o escritor seria incitado por noções de desafio masculino e pela idealização da fraternidade nas trincheiras. Parece-nos pertinente a manutenção de valores machistas por Orwell, visto que ele era, afinal, um homem de seu tempo. Mas soa reducionista a formulação de Patai sobre a adoção do socialismo pelo escritor. Como comentaria o biógrafo político John Newsinger, Orwell “tornou-se socialista devido à sua oposição à opressão e à

balançar um berço, mas que na verdade lutara bravamente nas batalhas de rua, em julho” (p.38) HtoC, loc 1128.

¹⁵⁰ “Ninguém veria algo de cômico em uma mulher carregando um arma” (p.34) HtoC, loc 1107.

¹⁵¹ “Era bastante humilhante o fato de eu ter sido ensinado a vestir os meus porta-cartuchos de couro por uma garota” Idem.

exploração [...] embora que o seu socialismo nunca o tivesse levado a questionar as noções de masculinidade e superioridade masculina que lhe haviam sido inculcadas”¹⁵².

Por fim, o trecho seguinte resume e ilustra muito bem os sentimentos renovados de Orwell sobre o socialismo à catalã:

Above all, there was a belief in the revolution and the future, a feeling of having suddenly emerged into an era of equality and freedom. Human beings were trying to behave as human beings and not as cogs in the capitalist machine (HtoC, loc 1018).¹⁵³

Era a realização do sonho utópico: o trabalhador, livre para exercer as suas potencialidades humanas, livre de ser uma engrenagem na máquina capitalista. A afirmação nos remete à cena de Charles Chaplin, encarnando a clássica personagem Carlitos, mendigo-herói, no célebre filme *Tempos Modernos*. A película, coincidentemente exibida pela primeira vez em 1936 (ano em que estourou a Guerra Civil), acompanha a trajetória de um operário de fábrica que, após servir de cobaia para experimentos e sofrer *overworking*, entra em colapso e começa a desconstruir humoristicamente a ordem da linha de produção. Na cena mais célebre do filme, Carlitos se encontra perdido dentro das engrenagens de uma grande máquina.

“Tempos Modernos” é um comentário sobre as condições da classe trabalhadora no período entre-guerras, particularmente após a Grande Depressão de 1929. Toca em temas caros aos socialistas de ontem e hoje, como a mecanização do trabalho, a repressão do sistema policial, o desemprego e as agruras do proletariado e lumpemproletariado. George Orwell era admirador confesso de Charles Chaplin, e escreveu um artigo¹⁵⁴ sobre o filme “O Grande Ditador” (1940), uma paródia da ascensão do fascismo na Alemanha, em plena Segunda Guerra Mundial:

¹⁵² NEWSINGER, John. *George Orwell: uma biografia política*. Lisboa: Antígona, 2012, p. 102.

¹⁵³ “Acima de tudo, havia uma crença na revolução e no futuro, um sentimento de ter-se subitamente emergido numa era de igualdade e liberdade. Os seres humanos estavam tentando se comportar como seres humanos e não como dentes da engrenagem capitalista” (p.30).

¹⁵⁴ ORWELL, George. *Film Review: The Great Dictator*. 21 de dezembro de 1940, in *All Art is Propaganda: critical essays*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2009. [E-book em inglês]

What is Chaplin's peculiar gift? It is his power to stand for a sort of concentrated essence of the common man, for the ineradicable belief in decency that exists in the hearts of ordinary people, at any rate in the West. [...] More than in any humorous trick, I believe, Chaplin's appeal lies in his power to reassert the fact, overlaid by Fascism and, ironically enough, by Socialism, that vox populi is vox Dei and giants are vermin¹⁵⁵. (ORWELL, 2009, loc 2632)

Nessa época (1940), Orwell já havia mudado a sua postura perante a Segunda Guerra, distanciando-se do pacifismo pregado pelo ILP (do qual faria parte após a Guerra Civil Espanhola). Sua postura era a favor da defesa do Reino Unido contra o ataque fascista do Eixo. Diferentemente da maioria dos colegas socialistas britânicos, Orwell mantinha a sua completa ojeriza ao comunismo soviético e a Stalin. Sua interpretação do filme de Chaplin se encaixa bem no seu conceito de *common decency*. O filósofo francês Jean-Claude Michéa nos explica a sua visão da *common decency* de Orwell:

For “ordinary human feelings” are summarized in the ability to feel “love, or friendship, or joy of living, or laughter, or curiosity, or courage, or integrity”, qualities frequently lacking in the powerful. Taken as a whole, these dispositions define common decency, that is, the everyday practice of mutual aid and generous reciprocity, which may be “innate”, and which in any event represent the minimum necessary for any good life and the indispensable precondition for any rebellion that aspires to be just. (MICHÉA, 2013)¹⁵⁶

Ao mesmo tempo, Orwell via essas características como sendo imprescindíveis a uma sociedade revolucionária. Ele identificou-as como inerentes aos camaradas catalães com quem teve contato na Espanha.

¹⁵⁵ “Qual é o dom peculiar de Chaplin? É o seu poder de mostrar-se como uma espécie de essência concentrada do homem comum, pela crença inextirpável na decência que existe no coração das pessoas comuns, no Oeste. [...] Mais do que qualquer truque cômico, acredito, o apelo de Chaplin está em seu poder de ressaltar o fato – sobreposto pelo Fascismo e, ironicamente, pelo Socialismo, que a voz do povo é a voz de Deus e de que os gigantes são vermes.”

¹⁵⁶ “Pois os 'seres humanos normais' podem ser resumidos na sua capacidade de sentir 'amor, ou amizade, ou alegria de viver, ou curiosidade, ou coragem ou integridade', qualidades frequentemente ausentes nos poderosos. De uma maneira geral, essas disposições definem a decência comum, isto é, a prática diária da ajuda mútua e da reciprocidade generosa, que pode ser 'inata', e que pode representar o mínimo necessário para uma boa vida, e a indispensável pré-condição de qualquer rebelião que aspire em ser justa.”

Os exercícios dos milicianos eram patéticos para um ex-policia imperial como Orwell, e consistiam em marchar pelas colinas da montanha de Montjuïc¹⁵⁷ por algumas horas, para depois debandarem na Plaça de Espanya, onde Orwell conheceu melhor os companheiros de luta durante tardes regadas a vinho barato.

No começo de janeiro de 1937, a *centuria* de Orwell recebeu ordens de ir até Alcubierre, na vizinha região de Aragão, para lutar contra os fascistas lá entrincheirados. Sob o comando do líder militar do POUM Josep Rovira, Orwell muito lutou, cansou-se, entendiou-se e escreveu durante os 115 dias em que passou no *front*. Na próxima parte, vamos procurar compreender o que se passou durante esse período.

¹⁵⁷ Descendo a Rambla até o porto, e olhando para a direita, é possível ver a região de Montjuïc (Monte Judeu, por conta da antiga função de cemitério), um monte natural e um dos três lugares mais altos de Barcelona. Sendo uma defesa natural contra navios provenientes do Mediterrâneo, ela abriga o Castelo, que tem origens no século XVII e foi utilizada como prisão até os anos 1960. Lá, foram executados personagens importantes da política espanhola, notadamente o presidente da *Generalitat* Lluís Companys, após a tomada da cidade por Franco. Hoje em dia, o Castelo é de posse da prefeitura de Barcelona, e no momento está em transição de um atávico museu militar para um Espaço da Memória da Guerra Civil.

3.2 Na Pior no *Front* Aragonês

War is the continuation of politics by other means¹⁵⁸.
(Carl Von Clausewitz, *On War*)

Orwell passou cerca de três semanas em Alcubierre, na região de Aragão que, à época (janeiro de 1937), era território disputado entre os Fascistas e Republicanos. Eric Blair fez sucesso com os milicianos, e logo foi promovido a *cabo*. O líder militar da 29ª Divisão do POUM, Josep Rovira, diria que com cem homens como Blair, a Guerra certamente seria ganha¹⁵⁹.

No *front*, Orwell conheceu Georges Kopp, que seria comandante da sua *centuria*. Kopp era um homem bonachão, inteligente e corajoso, muito respeitado pelos seus pares, e uma personagem que recebe bastante destaque em *Homage to Catalonia*. Em contrapartida, vivia uma vida dupla: criou uma narrativa diferente para a sua trajetória, em que dizia ter nascido na Bélgica, ser viúvo e ex-oficial desertor do exército daquele país, pego tentando contrabandear armamentos para a Espanha revolucionária. Em verdade, Kopp era um russo criado na Bélgica, engenheiro, divorciado e com filhos, que tinha um amor pela vida clandestina e viu na Guerra Civil Espanhola uma oportunidade para escapar de um cotidiano monótono. Orwell acreditou piamente na versão fictícia da história, e há suspeitas de que fizesse vista grossa para um suposto romance entre Kopp e sua mulher, Eileen Blair. Orwell atribuiu a Kopp a frase “*This is not a war, it is a comic opera with an occasional death*”¹⁶⁰. A sentença, que confere uma certa desilusão perante o caráter revolucionário da Guerra Civil Espanhola, aparece em várias ocasiões em *Homage to Catalonia*, ainda que de outras formas, como um *leitmotiv*¹⁶¹ do conflito.

Em fevereiro de 1937, Orwell foi transferido para uma outra posição no *front*, a oeste de Alcubierre e próximo da capital aragonesa de Zaragoza, tomada pelos

¹⁵⁸ “A Guerra é a continuação da Política por outros meios”.

¹⁵⁹ BOWKER, 2003, p.206.

¹⁶⁰ “Isso não é uma guerra, é uma ópera bufa com uma morte ocasional” HtoC, loc 1381.

¹⁶¹ Na música, o *leitmotiv* é um tema recorrente, geralmente associado a um personagem ou situação, tomando a forma de uma melodia simples, que serve para dar uma unidade à narrativa de uma ópera ou musical, por exemplo.

Fascistas. Lá, ele se juntou a uma *sección* de cerca de trinta voluntários ingleses vinculados ao *Independent Labour Party*. É interessante notarmos a descrição de Orwell, feita por seu superior Bob Edwards: “[...] *I’ve never seen boots that were so large, clogged in mud. He had a yellow pigskin jerkin, a coffee coloured balaclava hat and he wore the longest scarf I’ve ever seen, [...] and on his shoulder he carried an old-fashioned german rifle, I think it must have been fifty years old.*”¹⁶² Orwell utilizava o *multiforme* das milícias, que era basicamente aquilo que cada combatente conseguiu angariar por conta própria. Seu rifle era velhíssimo, um Mauser inscrito com a data “1896”. Se Orwell destacava-se pelo seu carisma pessoal, sua altura de um metro e oitenta e oito centímetros e pelo seu sotaque oxfordiano (à época, associado ao esnobismo e à *intelligentsia* aristocrática britânica), essas características também causavam outras impressões. Stafford Cottman, um jovem voluntário inglês que mais tarde fugiria junto com Orwell da Espanha, ressaltava a “liderança natural”, bem como o “*common touch*” e “as vestimentas bizarras” de nosso escritor.

Outra personagem importante no livro é Bob Smillie. Neto de um renomado líder sindical minerador, Smillie era um garoto escocês de 19 anos que foi para a Espanha como representante da Juventude do ILP, e acabou se voluntariando para o contingente inglês do POUM. Era conhecido pelo seu carisma e coragem pessoal, e a sua morte em condições pouco esclarecidas, como prisioneiro do PCE, foi talvez o maior catalisador emocional do anti-estalinismo de Orwell.

Nosso escritor descreve as condições que encontrou nas trincheiras da região de Aragão:

In trench warfare five things are important: firewood, food, tobacco, candles and the enemy. In winter on the Saragossa front they were important in that order, with the enemy a bad last. Except at night, when a surprise-attack was always conceivable, nobody bothered about the enemy. They were simply remote black insects whom one occasionally saw hopping to and fro. The real preoccupation of both armies was trying to keep warm (HtoC, loc 1246).¹⁶³

¹⁶² BOWKER, 2003, p.207-208.

¹⁶³ 'Na guerra de trincheiras, cinco coisas são importantes: lenha, comida, fumo, velas e o inimigo. No inverno, no front

Lenha, comida, tabaco, velas, o inimigo. No inverno, nas montanhas do entorno da região de Zaragoza, enlameando as botas nas trincheiras cavadas pela milícia do POUM, Eric Arhur Blair enxergava os Falangistas como pontinhos pretos em uma imensidão cinza, a bandeira monarquista da Espanha (a mesma que o Reino contemporâneo utiliza) flamulando. Com uma distância de mais de um quilômetro entre as trincheiras Republicanas e Fascistas, não valia a pena tentar atirar nos pontinhos verdes, mesmo porque os rifles Mauser tinham em média quarenta anos de uso e costumavam travar aleatoriamente.

Era mais urgente preocupar-se com a própria sobrevivência. Aprender quais tipos de madeira queimam melhor e durante mais tempo, caçando pedaços de graveto no meio da *no man's land*¹⁶⁴; Valia a pena arriscar alguns disparos para poder manter-se esquentado – até porque os fascistas tinham uma pontaria tão ruim quanto a dos Republicanos, daquela distância.

Naquele inverno especialmente rigoroso de 1937, os milicianos do POUM e seus companheiros de *front* das CNT-FAI vestiam todas as roupas que pudessem; racionavam velas, usadas para iluminar minimamente as vigílias noturnas¹⁶⁵; tornavam-se mestres em reutilizar bitucas, os cigarros sem filtro funcionando como estimulantes necessários para aguentar as horas em pé, no frio. Aliás, a guerra é a única ocasião na qual o discurso antitabagista se prova invalidado: o cigarro, em situações de intenso estresse e luta - não somente contra o inimigo, mas também

de Zaragoza, essas coisas eram importantes nessa ordem, com o inimigo bem por último. Exceto à noite, quando um ataque surpresa era sempre concebível, ninguém estava nem aí para o inimigo. Eles eram apenas remotos insetos pretos que ocasionalmente pulavam de um lado para o outro. A real preocupação de ambos os exércitos era manter-se quentes” (p.47).

¹⁶⁴ “Terra de ninguém”, território disputado entre duas formações de trincheiras inimigas.

¹⁶⁵ “ Later on the famine of matches and candles made life a misery. You do not realise the importance of these things until you lack them. In a night-alarm, for instance, when everyone in the dug-out is scrambling for his rifle and treading on everybody else’s face, being able to strike a light may make the difference between life and death. Every militiaman possessed a tinder-lighter and several yards of yellow wick. Next to his rifle it was his most important possession.” / “Depois, a falta de fósforos e velas fez da vida uma miséria. Você não percebe a importância dessas coisas até que elas comecem a rarear. Em um alarme noturno, por exemplo, quando todos na trincheira estão tateando por seu rifle e pisando na cara dos outros, poder acender um fogo pode significar a diferença entre a vida e a morte. Todo miliciano possuía um acendedor e várias jardas de pavio amarelo. Junto com o rifle, era a mais importante possessão” (p.56) HtoC, loc 1372.

contra as intempéries da natureza -, funcionava como um paliativo necessário para a sanidade e o moral das tropas.

A dificuldade em encontrar cigarros naquela parte da Espanha Republicana era um pequeno sinal da ruína da economia, causada pela guerra. Franco ocupava o território das Ilhas Canárias, principais produtoras de tabaco na Espanha, e o Governo Republicano impedia a importação do produto – uma tentativa de não desfavorecer ainda mais a balança comercial do país. Em Barcelona, as lojas de fumo abriam apenas uma vez por semana, com filas enormes. A burguesia e os estrangeiros abastados, por sua vez, não sofriam o racionamento: podiam comprar maços de Lucky Strike contrabandeados pela fronteira com a França nos melhores hotéis da capital catalã, pela bagatela de dez pesetas (o soldo mensal de um miliciano). O povo, em contrapartida, se virava com o fumo em circulação desde antes da Guerra, ou enrolava cigarros preenchidos com raiz de alcaçuz¹⁶⁶.

Podemos perceber, nas descrições feitas por Orwell do *front* aragonês, que as condições dos soldados - e até a própria batalha em si - distanciavam-se de qualquer Torre de Marfim heroica:

Up here, in the hills round Saragossa, it was simply the mingled boredom and discomfort of stationary warfare. A life as uneventful as a city clerk's, and almost as regular. Sentry-go, patrols, digging; digging, patrols, sentry-go. On every hill-top, Fascist or Loyalist, a knot of ragged, dirty men shivering round their flag and trying to keep warm. And all day and night the meaningless bullets wandering across the empty valleys and only by some rare improbable chance getting home on a human body (HtoC, loc 1256).¹⁶⁷

Em verdade, o tema da futilidade da guerra é algo que permeia boa parte do livro, dando o tom para os primeiros capítulos de *Homage to Catalonia*, que relatam

¹⁶⁶ HtoC, loc 2171.

¹⁶⁷ “Aqui em cima, nas colinas ao redor de Zaragoza, havia simplesmente a mistura de tédio e desconforto da guerra estacionária. Uma vida tão sem eventos como a de um burocrata da cidade, e quase tão regular quanto. Sentinelas, patrulhas, cavar; cavar, patrulhas, sentinelas. Em cada topo de colina, Fascista ou Legalista, um punhado de homens esfarrapados, sujos, tremendo em volta da sua bandeira e tentando se manter aquecidos. E todo dia e noite, as balas sem sentidos vagando através dos vales esvaziados, e apenas em uma rara e improvável chance tomando fim em um corpo humano” (p.48).

as primeiras experiências milicianas de Eric Blair: [*A life as uneventful as a city clerk's*]. Nessa comparação da vida militar nas trincheiras com a de um funcionário de escritório, percebemos uma quebra de Orwell com o heroísmo romântico de, por exemplo, um *Ivanhoe*, de Sir Walter Scott, em que o valor masculino era provado na guerra. A geração de Orwell, na verdade, era muito mais influenciada pela literatura da Primeira Guerra Mundial, um conflito que ele não participou – Eric era um menino de 11 anos quando a guerra estourou em 1914 -, mas que viveu indiretamente pelos relatos dos adultos e dos autores que sobre ela escreveram. Como notou Williams: “*He had frequent military training, since childhood and the cadet corps, and 'part of the fascination that the Spanish civil war had for people of about my age was that it was so like the Great War'*”¹⁶⁸. Era comum para os jovens da sua geração e classe (a tal *upper-lower-middle class*) que aprendessem desde cedo os modos e meios da vida militar, uma maneira do sistema educacional inglês de promover a disciplina e o respeito pela ordem formada.

Esse apreço por relatar o lado “fútil” da guerra ecoa uma tendência em voga na literatura do Pós-Primeira Guerra. A estupidez do conflito armado, as agruras das trincheiras e a insignificância de cada combatente perante o contexto geral da guerra são temas presentes em romances como “Nada de Novo no Front”, de Erich Maria Remarque, que Orwell parece emular - ainda que de maneira bem menos intensa: “*The things that one normally thinks of as the horrors of war seldom happened to me. No aeroplane ever dropped a bomb anywhere near me, I do not think a shell ever exploded within fifty yards of me, and I was only in hand-to-hand fighting once [...]*”¹⁶⁹.

Em nenhum momento percebemos, por exemplo, uma obsessão do escritor pelo lado *gore*, grotesco do conflito espanhol. O sofrimento, quando aparece em

¹⁶⁸ Ele tinha com frequência treinamento militar, desde a infância e a escola de cadetes, e “parte da fascinação que a Guerra Civil Espanhola exercia sobre pessoas de minha idade, é que era tão parecida com a Grande Guerra” WILLIAMS, 1971, p.64 apud Orwell, “My Country Right or Left”.

¹⁶⁹ “As coisas em que normalmente pensamos como os horrores da guerra raras vezes aconteceram comigo. Nenhum avião jamais soltou uma bomba perto de mim, e acho que nem mesmo uma granada tenha explodido a menos de cinquenta metros de onde eu estava, e só estive em uma luta corpo-a-corpo uma vez [...]” HtoC, loc 1253.

Homage to Catalonia, serve muito mais para ressaltar uma visão humanista – em que tanto os Fascistas quanto os Republicanos, enquanto seres humanos, padecem das mesmas intempéries provocadas pela natureza (fome, cansaço, frio, etc) - do que um desespero frente aos terrores do sangue e da carne dilacerada. Vejamos:

These deserters were the first ‘real’ Fascists I had ever seen. It struck me that they were indistinguishable from ourselves, except that they wore khaki overalls. They were always ravenously hungry when they arrived – natural enough after a day or two of dodging about in no-man’s-land, but it was always triumphantly pointed to as a proof that the Fascist troops were starving (HtoC, loc 1169)¹⁷⁰.

Apesar de ter chegado à Espanha para lutar contra os fascistas da Quinta Coluna Franquista – seja com palavras ou com rifles -, Orwell não pecou pelo maniqueísmo ao retratar o seu rápido contato com os combatentes do lado Nacionalista¹⁷¹ da guerra. Na citação anterior, percebemos a profunda humanidade com que ele descreve os desertores das trincheiras fascistas em Alcubierre: [*It struck me that they were indistinguishable from ourselves...*]. Assim como os indisciplinados rapazes catalães, que formavam a maior parte da milícia do POUM, muitos conscritos do lado franquista eram jovens, vindos das fazendas do interior campestre da Espanha, geralmente das áreas mais pobres, como a Andaluzia e a Meseta Central.

Orwell relata que esses desertores, após arriscarem suas vidas na *no man's land*, chegavam famintos e cansados às trincheiras inimigas. Esse fato era utilizado politicamente pelo lado governamental, para “provar” que o inimigo estava desprovido materialmente. Contemporaneamente, sabe-se que, com a ajuda recebida pelos governos fascistas da Itália e Alemanha, os Nacionalistas dispunham de uma logística superior de alimentos e armamentos. Da mesma maneira, as Brigadas Internacionais e a Guarda Nacional (que estavam sendo formadas à época em que

¹⁷⁰ “Esses desertores foram os primeiros fascistas 'de verdade' que vi. Impressionou-me que não se diferenciavam de nós, a não ser por vestirem macacões cáqui. Estavam sempre esfomeados quando chegavam – muito natural depois de um ou dois dias se escondendo pela terra de ninguém, mas eram sempre apontados em triunfo como a prova cabal de que as tropas fascistas estavam passando fome” (p.41).

¹⁷¹ Nacionalistas, Fascistas e Falangistas são nomes utilizados para se referir aos partidários de Franco.

Orwell estava no *front* aragonês) tinham o privilégio de receber as melhores provisões vindas da União Soviética. Como disse a historiadora britânica Helen Graham, “do ponto de vista militar, todas as potências intervenientes estavam interessadas em aproveitar a oportunidade oferecida pela Guerra Civil Espanhola para treinar seu pessoal e testar equipamentos e estratégias em situações de combate [...]”¹⁷².

As milícias antifascistas da Catalunha que não estavam ligadas ideologicamente ao estalinismo, conseqüentemente, não obtiveram acesso aos melhores armamentos e materiais de guerra. Esses, sobretudo os de artilharia, eram distribuídos conforme as afinidades políticas de cada partido e sindicato, e não pelo critério da necessidade militar¹⁷³. Nos primeiros meses da guerra, as milícias contaram basicamente apenas com os equipamentos e armas deixados nos quartéis de Barcelona. Daí as descrições de Orwell dos rifles Mauser 1896 que explodiam no rosto dos combatentes e das granadas improvisadas a que chamavam de “imparciais” - pois matavam tanto quem as jogava quanto aqueles no raio de explosão.¹⁷⁴

A descrição de Orwell de um jovem desertor fascista é reveladora do seu humanismo:

I watched one of them being fed in a peasant's house. It was somehow rather a pitiful sight. A tall boy of twenty, deeply windburnt, with his clothes in rags, crouched over the fire shovelling a pannikinful of stew into himself at desperate speed; and all the while his eyes flitted nervously round the ring of militiamen who stood watching him. I think he still half-believed that we were bloodthirsty 'Reds' and were going to shoot him as soon as he had finished his meal; the armed man who guarded him kept stroking his shoulder and making reassuring noises (HtoC, loc 1170).

¹⁷² GRAHAM, 2013, p.127.

¹⁷³ VILLAROYA in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.132.

¹⁷⁴ “The bomb in use at this time was a frightful object known as the ‘FAI bomb’, it having been produced by the Anarchists in the early days of the war. [...] It was said of these bombs that they were ‘impartial’; they killed the man they were thrown at and the man who threw them”./ “A bomba usada nessa época era um objeto medonho conhecido como ‘bomba FAI’, tendo sido produzida pelos anarquistas nos primeiros dias da guerra. [...] Dizia-se dessas bombas que eram ‘imparciais’: matavam o homem em que eram lançadas e o homem que as lançava”(p.59) HtoC, loc 1415.

O estado do desertor é deplorável, evocando a imagem de um náufrago recém-resgatado, exposto às agruras da natureza, devorando a comida oferecida. Ainda assim, contaminado pela propaganda fascista contra os “vermelhos” - descritos por Franco como parte da grande conspiração “judaico-maçônica-comunista internacional”¹⁷⁵ - ele se mantém alerta frente aos milicianos que o fazem cativo. O gesto do miliciano, ao afagar o ombro do jovem soldado franquista, nos evoca a paternalidade. Nessa breve descrição, Orwell estabelece uma relação entre pai e filho para o miliciano e o desertor, que simbolicamente funciona como uma fugaz trégua no conflito entre as ideologias.

Ao ressaltar esse lado profundamente humano da guerra, nos recordamos da “Trégua de Natal de 1914” - também um episódio da Primeira Guerra Mundial -, em que combatentes alemães, ingleses e franceses, em diferentes *fronts* de batalha, celebraram a véspera de Natal. O evento foi tratado por muito tempo como mítico, embora existam inúmeros relatos das partes. Vejamos o relato do tenente Bruce Bairnsfather sobre um soldado inglês cortando o cabelo de um inimigo alemão: “*The last I saw of this little affair was a vision of one of my machine gunners, who was a bit of an amateur hairdresser in civilian life, cutting the unnaturally long hair of a docile Boche, who was patiently kneeling on the ground while the automatic clippers crept up the back of his neck*”¹⁷⁶.

Entre ambos os relatos há em comum o tratamento íntimo – talvez até mesmo carinhoso, no caso do miliciano do POUM e o soldado capturado -, bem como uma certa relação de igualdade, ainda que limitada: no primeiro caso pela condição de prisioneiro do jovem fascista; e no segundo, pela questão temporal (a trégua foi

¹⁷⁵ Franco era um homem, segundo o jornalista Manuel Vázquez Montalbán, que tinha “obsessões persecutórias” com origem na sua infância – as duas primeiras a sífilis e os *bullying* nas academias militares. As outras duas: “El comunismo, porque leía una revista francesa dedicada a impedir que la Tercera Internacional penetrara en los ejércitos de Europa, revista a la que le había suscrito Primo de Rivera. Su odio a la masonería es consecuencia de lo que aprendió en los libros de devoción y desinformación histórica de su infancia y del espectáculo de la masonería influyendo en carreras militares y en la ruina del imperio español.” Conjugadas com o ódio aos judeus importado da ideologia nazista, Franco construiu o mito da suposta “conspiração judaico-maçônica-comunista internacional”, que seria um verdadeiro *leitmotiv* durante o seu governo ditatorial (MONTALBÁN, 1992).

¹⁷⁶ “A última visão que tive deste pequeno episódio foi um de meus metralhadores, que em sua vida civil era um cabeleireiro amador, cortando o estranhamente longo cabelo de um dócil Boche [alemão], que pacientemente se ajoelhava enquanto os cortadores automáticos subiam pela sua nuca” VINCIGUERRA, 2005.

dissolvida com o fim da data natalina).

Outro relato afamado da “Trégua do Natal de 1914” é o que se refere a um jogo de futebol que reuniu alemães e ingleses, disputando a bola na *terra de ninguém*¹⁷⁷. Curiosamente, Orwell, no Apêndice II de *Homage to Catalonia*, reporta a informação publicada na revista americana *New Republic* (inicialmente um semanário de orientação pró-comunista que, com o macarthismo, viria a pender para o liberalismo) de que o POUM teria organizado um jogo semelhante com os Fascistas. Orwell veementemente nega a informação, chamando atenção para o fato de que o partido estaria sofrendo fortes baixas à época, fevereiro de 1937¹⁷⁸. É interessante notar que o repórter de *New Republic*, Ralph Bates – um americano radicado na Espanha, que durante a Guerra Civil ajudou a organizar as Brigadas Internacionais, recebendo o posto de *comissário político* – seria considerado como um dos mais “bem informados cronistas da Espanha republicana”¹⁷⁹, segundo o autor Stanley Kunitz. Orwell relaciona a reportagem de Bates, assim como as de outros jornalistas dos veículos de linha editorial comunista que cobriam a Guerra Civil (como o *Daily Worker* e o *New Statesman*), como parte de um complô para vincular as forças políticas socialistas não-soviéticas e anarquistas ao quinta-colunismo franquista e ao “trotskismo”. É interessante notarmos aqui a liberdade, à época, com que o termo *trotskista* era utilizado. Como disse o historiador Matheus Cardoso da Silva:

É fundamental notar que, no imaginário político da década de 1930, o conceito 'trotskista' [...] assumia, no discurso oficial comunista, um caráter contraditório: entre aqueles que eram partidários de Leon Trotski [...] e aqueles que, simplesmente, discordavam das determinações de Stalin e do Comintern, colocando-se com isso, automaticamente contra a causa socialista e o proletariado internacional (DA SILVA, 2010, p.184).

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ HtoC, loc 4098.

¹⁷⁹ KUNITZ, 1948 apud MARTIN, 2000.

Retornemos às observações de Orwell sobre a interlocução entre os militantes do POUM e os combatentes Nacionalistas. Orwell descreve um meio utilizado para provocar deserções: o megafone. Em ambos os lados, slogans, frases de efeito e músicas eram cantadas. Os Republicanos gritavam chistes como “*fascistas – maricones!*”¹⁸⁰, e os Nacionalistas respondiam: “*Viva Franco! Viva España!*”. O repertório que saía dos megafones do POUM costumava ser um texto padronizado que apelava para os sentimentos de classe, pedindo aos combatentes franquistas que deixassem de ser “mercenários do capitalismo internacional” e abandonassem as trincheiras. Na seguinte passagem, é interessante notar como Orwell coloca-se no lugar daquele que é, em tese, seu inimigo:

If one comes to think of it, when some poor devil of a sentry – very likely a Socialist or Anarchist trade union member who has been conscripted against his will – is freezing at his post, the slogan ‘Don’t fight against your own class!’ ringing again and again through the darkness is bound to make an impression on him. It might make just the difference between deserting and not deserting (HtoC, loc 1513)¹⁸¹.

“Não lute contra a sua própria classe!” pode funcionar como um boa sugestão para o soldado anarcossindicalista conscrito à força, mas para um homem comum passando pelas agruras da vida nas trincheiras, nada pode ser mais coercitivo do que a promessa de comida. Orwell descreve um dos milicianos do megafone – um “artista em seu trabalho”, que gritava no aparelho imaginativos relatos de ricos alimentos: “Torrada amanteigada!”.

“We’re just sitting down to buttered toast here! Love slices of buttered toast!” I do not doubt that, like the rest of us, he had not seen butter for weeks or months past, but in the icy night the news of buttered toast probably sent many a fascist mouth watering. It even made mine water, though i knew he was lying (Htoc, loc 1523).

¹⁸⁰ Algo como “Fascistas – bichas!”

¹⁸¹ “- Por aqui, estamos comendo torradas com manteiga! Não duvido que ele, como todos nós, não visse manteiga há semanas ou meses mas, na noite gelada, a notícias de torradas com manteiga provavelmente fez muita boca fascista babar. Até a minha, embora eu soubesse que ele estava mentindo” (p.67).

Uma das capacidades mais dignas de nota de Orwell era a de encontrar humor em meio às desgraças da traição política e às agruras do *front*.

Orwell inicialmente indignou-se com a tática do megafone: “*it made us feel that the Spaniards were not taking this war of theirs sufficiently seriously*”¹⁸², mas depois compreendeu o procedimento. A sua racionalização foi a de que a ideia de tentar converter o inimigo ao invés de atirar nele era funcional. Assim, em uma situação em que há uma distância de cerca de 350 metros entre uma trincheira e outra, e não existe artilharia (morteiros, canhões) à disposição, as chances dos Republicanos de atingirem os Fascistas e as chances dos Fascistas atingirem os Republicanos eram, teoricamente, as mesmas. Dessa maneira, se for possível imobilizar uma quantidade de combatentes fazendo-os desertar, é melhor, pois “*deserters are actually more useful to you than corpses*”¹⁸³ e podem dar informações ou até se converterem ao lado Republicano. Essa constatação faz parte do *padrão Orwell* de retórica, que é recorrente em *Homage to Catalonia*: um estranhamento inicial com o fato. Isto é, geralmente provocado pelo confronto da cultura espanhola/comportamento revolucionário/sistema de milícias com o seu *background lower-upper middle class* e os respectivos preconceitos de classe. Em seguida, o estranhamento é substituído pelo encantamento e pela aceitação do fato – por meio da racionalização provocada pela experiência. Orwell era um escritor que tomava em alta conta a experiência direta: era a partir dela que poderia formatar o seu caráter, bem como a sua ideologia e ação política. É o que Terry Eagleton chama de o *empirismo* de Orwell, ao qual ele faz uma crítica:

Orwell detested those, mostly on the Left, who theorised about situations without having experienced them, a common empiricist prejudice. There is no need to have your legs chopped off to sympathise with the legless, and no reason why being legless yourself should necessarily entail compassion for those in a similar state. ‘In order to hate

¹⁸² “(...) fez com que sentíssemos que os espanhóis não estavam levando a guerra deles a sério o bastante” (p.67) Htoc, loc 1517.

¹⁸³ “(...) desertores são mais úteis que cadáveres” Idem.

imperialism, you have got to be part of it,' Orwell wrote, which is plainly false: being part of it in the way he was is as likely to blunt your hatred as to sharpen it. This, in fact, is just the kind of slipshod generalisation that Orwell's cult of the particular is supposed to resist. It is good, of course, for the nobs to get about a bit and see how the other half lives; but this will not necessarily benefit anybody but themselves, whereas joining a political organisation might bring the masses real gains (EAGLETON, 2003, p.6-9).¹⁸⁴

Esse *empirismo* de Orwell era um fator componente do seu professo anti-intelectualismo, permitindo ao nosso escritor compreender, através da experiência direta, as principais questões de seu tempo – como diria Christopher Hitchens, o Imperialismo, o Estalinismo e o Fascismo. Como um violonista que memoriza os acordes de seu instrumento com a prática diária, ou o atleta que conquista o domínio de seu corpo com o treino, Orwell formatou a sua consciência política por meio da experiência concreta. Um esforço consciente, que perdurou por toda a vida, de exorcizar os traços reacionários de sua personalidade, lapidados desde o seu nascimento. Como diria Lionel Trilling, em seu prefácio da edição americana (1952) de *Homage to Catalonia*: “*At a time when most intellectuals still thought of politics as a nightmare abstraction [...] Orwell was using the imagination of a man whose hands and eyes and whole body were part of his thinking apparatus*”¹⁸⁵.

Os dias na Birmânia, as viagens como vagabundo, o contato com a classe operária inglesa, foram todos parte do despertar da sua *consciência em-si*. Mas a experiência transformadora, aquela que foi a tomada da *consciência para-si*, foi a Espanha: encontrando um sentimento de *comunidade* junto com a classe trabalhadora

¹⁸⁴ “Orwell detestava aqueles, em sua maioria da Esquerda, que teorizavam sobre situações sem as ter experimentado antes, um comum preconceito empiricista. Não há necessidade de ter suas pernas cortadas fora para simpatizar com os que não possuem esses membros, e não há razão no fato de você mesmo, sendo perneta, dever sentir necessariamente compaixão por aqueles que estão no mesmo estado. 'Para odiar o imperialismo, você tem de ser parte dele mesmo', Orwell escreveu, o que é plenamente falso: fazer parte do imperialismo, da maneira que ele fizera, pode resultar tanto em um ódio afiado, quanto em um ódio cego. Esse, de fato, é o tipo de generalização desleixada que o culto do particular de Orwell deveria resistir. É bom, claro, que os esnobes vão lá ver como o outro lado vive; mas isso não vai beneficiar necessariamente ninguém além deles próprios, enquanto que juntar-se a uma organização política pode trazer às massas ganhos reais”.

¹⁸⁵ “Em um tempo em que a maioria dos intelectuais ainda pensavam na política como um pesadelo de abstração [...] Orwell utilizava a imaginação de um homem cujas mãos, olhos e o corpo inteiro faziam parte do seu aparato de pensamento”

catalã, e fazendo parte do processo revolucionário como membro da milícia do POUM. Dessa maneira, Orwell não apenas buscou ver como a outra metade vivia, mas transcendeu esse estágio – verdadeiramente se engajando politicamente ao lado dos milicianos catalães.

As descrições por vezes passeiam pela melancolia:

On a ruinous wall I came upon a poster dating from the previous year and announcing that ‘six handsome bulls’ would be killed in the arena on such and such a date. How forlorn its faded colours looked! Where were the handsome bulls and the handsome bullfighters now? It appeared that even in Barcelona there were hardly any bullfights nowadays; for some reason all the best matadors were Fascists (HtoC, loc 1144)¹⁸⁶.

O pôster que sobra pregado na parede destruída evoca dias antes vívidos. As “cores lavadas”, o questionamento pelos “belos touros” e “belos toureiros”: a ausência do espetáculo, tão “espanhol”, é sintomático da decadência da guerra¹⁸⁷. Há uma nostalgia por lugares e tempos que Orwell não viveu, especialmente ligados ao estereótipo-imagem do país Espanha. Em outra ocasião, Orwell afirma só ter visto o mar catalão, pela primeira vez, entrincheirado em uma torre de observatório durante as Jornadas de Maio em Barcelona¹⁸⁸. Apesar de isso provavelmente ser um exagero (o próprio hotel em que Orwell ficou hospedado ficava no topo das Ramblas, e seria impossível não notar o oceano a partir de um ponto de vantagem), a colocação denota um lamento por aquilo que ele poderia ter vivido – mas não o fez, por conta de suas obrigações revolucionárias. Temos aqui o Orwell *visitante*: ainda que esteja lutando, ele é um estrangeiro, imerso em uma cultura desconhecida, que ele em parte repudia, e em parte ama.

¹⁸⁶ “Numa parede em ruínas, encontrei um cartaz do ano anterior, anunciando que ‘seis touros imponentes’ seriam mortos na arena em tal e tal data. Como pareciam lastimáveis suas cores desbotadas! Onde estavam os touros e os toureiros imponentes agora? Parecia que, atualmente, nem em Barcelona havia mais touradas; por algum motivo, todos os melhores matadores eram fascistas”(p.39).

¹⁸⁷ Ao mesmo tempo, é interessante notar que as touradas não são eventos típicos da Catalunha e, nos últimos anos, elas foram proibidas em Barcelona como parte da reação ecológica/protecionista à matança dos animais, que vem tomando força, na contemporaneidade.

¹⁸⁸ HtoC, loc 2383.

O *front* aragonês, Orwell relata, era de uma paisagem especialmente dura. As colinas e montes, parte da cadeia dos Pirineus – ainda que em uma zona de altitude mais baixa –, são áridas, cinzentas e de difícil acesso. O trabalho, diário, era tedioso. As trincheiras, normalmente preenchidas por detritos de todo o tipo – incluindo excreção humana – tinham de ser navegadas com cuidado. A expectativa de um ataque tornava o sono difícil e, apesar de bem-alimentados, os soldados sofriam continuamente com o frio inverno do Norte da Espanha. Ainda assim, em meio a todas as dificuldades:

But there were mornings when the sight of the dawn among the mountain-tops made it almost worthwhile to be out of bed at godless hours. I hate mountains, even from a spectacular point of view. But sometimes the dawn breaking behind the hill-tops in our rear, the first narrow streaks of gold, like swords slitting the darkness, and then the growing light and the seas of carmine clouds stretching away into inconceivable distances, were worth watching even when you had been up all night, when your legs were numb from the knees down and you were sullenly reflecting that there was no hope of food for another three hours. I saw the dawn oftener during this campaign than during the rest of my life put together – or during the part that is to come, I hope (HtoC, loc 1482).¹⁸⁹

Se Orwell era um *visitante* na Espanha, ele decerto pôde fazer um *sightseeing*, ainda que em condições bem distintas do turista comum. Mais uma vez, notamos aqui o *padrão retórico* da escrita orwelliana: ele abre com uma afirmação negativa [*I hate mountains, even from a spectacular view*]; em seguida, há uma afirmação positiva contrária à anterior [*but sometimes the dawn (...) were worth watching*]; depois disso, uma afirmação condicional complementa a afirmação contrária anterior [*even when you had been up all night...*]. É um conflito entre *teses e antíteses*. Os mesmos padrões das formulações argumentativas da sua prosa podem ser encontrados na sua

¹⁸⁹ “Mas havia manhãs em que a vista do amanhecer nos topos das montanhas fazia quase valer a pena estar fora da cama em horários terríveis. Eu odeio montanhas, mesmo que tenham vistas espetaculares. Mas às vezes, a manhã nascendo atrás dos topos das colinas em nosso flanco anterior, os primeiros raios dourados – como navalhas cortando a escuridão – e então a crescente luz e o oceano de carmim, as nuvens alongando-se até distâncias inconcebíveis, valiam a pena assistir mesmo quando você esteve em pé a noite inteira, quando suas pernas estão dormentes do joelho para baixo e você morosamente reflete que não há esperança de comida por pelo menos mais três horas. Eu vi o amanhecer mais vezes durante esta campanha do que durante o resto da minha vida inteira – ou ao menos durante a parte dela que virá, espero” (p.64).

biografia: é o ex-estudante de Eton tornado soldado imperial que odeia a ocupação inglesa da Birmânia; ao mesmo tempo, se aborrece com os nativos que atrapalham o seu trabalho. É o miliciano inglês que admira os espanhóis pela sua solidariedade e coragem; mas que também abomina o atraso nos compromissos, o azeite que encharca a comida, o *porrón* que passa de boca em boca.

Uma das passagens que chegam mais próximo do grotesco é a seguinte descrição da vila de Alcubierre, em Aragão:

Alcubierre had never been shelled and was in a better state than most of the villages immediately behind the line. Yet I believe that even in peacetime you could not travel in that part of Spain without being struck by the peculiar squalid misery of the Aragonese villages. They are built like fortresses, a mass of mean little houses of mud and stone huddling round the church, and even in spring you see hardly a flower anywhere; the houses have no gardens, only backyards where ragged fowls skate over the beds of muledung (HtoC, loc 1155).¹⁹⁰

E, ainda assim, essa descrição apela menos ao grotesco e mais à feiúra, e serve para ressaltar as contradições presentes entre a bela, urbana e *haussmaniana* Barcelona (a quem o leitor foi apresentado no capítulo anterior a essa passagem) e a rural, quase feudal e decrépita Alcubierre. Em outra passagem, Orwell longamente descreve o que ele assume ser um ancinho da Idade da Pedra:

I remember my feeling almost of horror when I first came upon one of these things in a derelict hut in no-man's-land. I had to puzzle over it for a long while before grasping that it was a harrow. It made me sick to think of the work that must go into the making of such a thing, and the poverty that was obliged to use flint in place of steel. I have felt more kindly towards industrialism ever since (HtoC, loc

¹⁹⁰ “Alcubierre nunca havia sido bombardeada, e estava em um melhor estado do que a maioria das vilas imediatamente atrás da linha do *front*. Ainda assim, eu acredito que mesmo em tempos de paz não é possível viajar por aquela parte da Espanha sem tomar nota da peculiar e esqualida miséria das vilas aragonesas. Elas são construídas como fortalezas, uma massa de feias e pequenas casas feitas de lama e pedra se aglomerando perto da igreja, e mesmo na primavera quase não se vê uma flor em qualquer lugar; as casas não têm jardins, apenas quintais onde aves estrupiadas patinam sobre o chão de excremento de mula” (p.40).

1682).¹⁹¹

É importante destacar alguns pontos da passagem anterior. Primeiramente, o uso de uma ferramenta agrícola feita de sílex (uma pedra que faz parte da cultura material do Neolítico) escancara o abismo econômico entre os feudais “sertões espanhóis” e as metrópoles burguesas; entre os grandes proprietários de terra e os camponeses. No mesmo parágrafo em que descreve o ancinho, Orwell finaliza com uma colocação que serve como um contraponto à penúria da vila: “*But in the village there were two up-to-date farm tractors, no doubt seized from some big landowner’s estate.*”¹⁹².

A Revolução, àquela época (inverno de 1937), ainda estava em curso na região de Aragão. Com o estourar da guerra, os camponeses sublevaram-se contra os oligarcas, tomando-lhes os meios de produção e terras. Boa parte das vilas se autogestionavam por meio de uma democracia direta com fortes tintas anarquistas. Semelhantes aos “coronéis” do Nordeste brasileiro, os *caciques* da Espanha eram latifundiários, padres, burocratas e agiotas que, nos “sertões espanhóis”, funcionavam como o “elo entre o Estado distante e alheio e os distritos isolados. Distribuíam os votos de seus eleitorados e, em troca, tinham a permissão de administrar áreas como se fossem feudos [...]”¹⁹³.

Ainda sobre a passagem anterior, é interessante ressaltar a frase [*I have felt more kindly towards industrialism ever since*]; pois Orwell era conhecido pelo seu bucolismo – preferindo, como muitos da sua geração, as paisagens do interior da Inglaterra ao caos da metrópole. Parte desse bucolismo inglês do entre-guerras reclamava o retorno do homem ao seu “estado natural”, louvando o trabalho no

¹⁹¹ “Recordo-me de um sentimento de quase-horror ao ver uma destas coisas dentro de uma cabana em ruínas na terra-de-ninguém. Tive de matutar por um bom tempo, até perceber que era um ancinho. Senti-me enojado só de pensar no trabalho que deve levar uma coisa dessas, e na pobreza que é obrigada a usar o sílex no lugar do aço. Tenho me sentido mais simpático à Industrialização depois disso” (p.78).

¹⁹² “Mas na vila havia dois tratores de última geração, sem dúvida confiscados da propriedade de algum grande fazendeiro” Idem.

¹⁹³ SALVADÓ, 2008, p.27

campo, o culto às mudanças de estação, etc. Essa ideologia era especialmente associada à classe média beletrada de Londres e “Oxbridge”¹⁹⁴.

Lionel Trilling, em sua visão de Orwell como um escritor *moral*, percebia o seu “radicalismo” - sua consciência política -, como profundamente arraigada ao solo e ao passado. Ainda assim, há um ponto de ruptura em relação a outros “bucólicos”, britânicos, como William Corbett e William Hazlitt: Orwell rejeita toda e qualquer aspiração aristocrática, uma marca notável da literatura de inspiração bucólica da primeira metade do século XX¹⁹⁵.

Mesmo não tendo sido abertamente um “bucólico”, é possível perceber essa influência em passagens como a seguinte: “Enquanto viver e estiver com saúde, continuarei a ter um forte apego ao estilo da prosa, a amar a superfície da terra, **[grifo nosso]** a sentir prazer com objetos sólidos e fragmentos de informações inúteis”¹⁹⁶. O fato de Orwell, imaginando o sofrimento que um trabalhador teria ao manusear o ancinho neolítico, reconhecer os benefícios de uma cultura industrial resulta, ainda que brevemente, em um rompimento com esse bucolismo romântico.

Nos casos antes apresentados, vemos que a descrição enfatizando a feiúra e a decrepitude ocorre não como uma obsessão pelo grotesco; mas sim como uma maneira de fazer uma crítica social pertinente à situação econômica da Espanha, e mais além, revela a destruição causada por anos de *caciquismo* nas áreas rurais do país, obra de uma *landed gentry*, uma aristocracia baseada na propriedade da terra. São passagens que evidenciam uma influência naturalista, que está presente em todo o corpo da obra de Orwell, ainda que mais fortemente nos seus primeiros escritos de não-ficção. Esse gosto pelo feio por vezes pode soar cômico: vejamos em *Nineteen Eighty-Four*, por exemplo, os goles do oleoso Gim Vitória que Winston Smith toma; ou o cheiro de repolho cozido que parece entranhar as paredes do prédio onde mora a personagem; em *Wigan Pier*, há o dono da *tripe shop*¹⁹⁷ que tem o hábito de manusear

¹⁹⁴ *Portmanteau* de Oxford e Cambridge, as duas universidades mais antigas e prestigiosas da Inglaterra.

¹⁹⁵ TRILLING, Lionel. Prefácio à edição americana de *Homage to Catalonia*. ORWELL, 1952, p.22.

¹⁹⁶ ORWELL, “Por Que Escrevo” in “Dentro da Baleia”, 2005, p.29

¹⁹⁷ Açougue especializado em tripas de porco.

os alimentos com as mãos sujas, deixando impressões digitais negras nas fatias de pão.

Orwell e o contingente do ILP foram transferidos para Huesca, importante cidade da região de Aragão, cuja posse era dos Fascistas. Em abril de 1937, Orwell, que se tornara o oficial responsável pela sua *sección* de milicianos ingleses, recebeu ordens do comandante da Divisão Lênin, Josep Rovira, para lançar uma investida contra uma posição Franquista em Huesca, chamada de Casa Francesa. O objetivo do ataque era criar uma distração que atrairia os inimigos para aquele ponto, possibilitando um avanço massivo de milícias das CNT-FAI na estrada da cidade vizinha de Jaca – uma posição estratégica. Junto com Georges Kopp e quinze voluntários, Orwell passou a madrugada caminhando no pântano, evitando fazer qualquer barulho. Quando chegaram perto da barreira de arame farpado, um dos milicianos jogou uma granada, aparentemente sem querer, obviamente despertando a atenção de toda a posição Fascista. Em meio ao caos do confronto, Orwell conseguiu chegar ao parapeito da trincheira. Lá, ele encontrou um soldado Fascista aparentemente nu, enrolado em um cobertor, e pôs-se a perseguí-lo. Lembrando das instruções cômicas do instrutor de boxe da escola, Orwell tentou atingir o homem com a baioneta de seu rifle:

If I had fired I could have blown him to pieces. [...]I gripped my rifle by the small of the butt and lunged at the man's back. He was just out of my reach. Another lunge: still out of reach. And for a little distance we proceeded like this, he rushing up the trench and I after him on the ground above, prodding at his shoulder-blades and never quite getting there – a comic memory for me to look back upon, though I suppose it seemed less comic to him (HtoC, loc 1859)¹⁹⁸.

A narrativa do trecho evoca os filmes de comédia pastelão do começo de

¹⁹⁸ “Se tivesse atirado, poderia tê-lo despedaçado. [...] Agarrei meu fuzil pela parte mais estreita da soleira e dei estocadas em direção às costas do homem. Ele estava quase fora do meu alcance. Outra estocada: ainda fora de alcance. E por uma pequena distância, continuamos assim, ele correndo pela trincheira, eu no terreno acima, investindo contra suas omoplatas e nunca conseguindo chegar lá – uma lembrança cômica quando a recordo, embora ache que parecia menos cômico para ele” (p.93).

século XX, como os dos Três Patetas ou os de Charlie Chaplin, esse último uma influência confessa de Orwell, como vimos. Apesar de ser uma das “pílulas de humor” presentes irregularmente no livro (que funcionam como um contraponto cômico em meio à sisudez da guerra e ao terror da perseguição política), podemos perceber em duas frases da passagem um certo chauvinismo beligerante por parte de Orwell: [*If I had fired I could have blown him to pieces*] e [...*it seemed less comic to him*]. É como se o escritor tentasse afirmar sua “masculinidade guerreira”, mesmo que perante uma situação absurda, o que dá fôlego a interpretações feministas da obra de Orwell, como a de Daphne Patai.

É interessante contrapor essa mistura de machismo e humor com o humanismo e piedade da descrição de Orwell dos buracos de trincheiras Fascistas. Logo depois de perder de vista o soldado nu, os milicianos do POUM invadiram a posição conquistada em busca de pilhagem. Observou Orwell: “*It was impossible not to be struck by the bare misery of the Fascist dug-outs. The litter of spare clothes, books, food, petty personal belongings that you saw in our own dug-outs was completely absent; these poor unpaid conscripts seemed to own nothing except blankets and a few soggy hunks of bread*”¹⁹⁹. Vemos aqui, mais uma vez, a capacidade de Orwell de ver os soldados inimigos como semelhantes seus. Ainda assim, é importante ressaltar que a aparente pobreza das trincheiras ao redor da Casa Francesa não representa o todo das condições materiais das forças Nacionalistas em 1937 pois, já nessa época, elas recebiam largo apoio da Itália e da Alemanha.

Eventualmente, reforços Franquistas chegaram, e o contingente do ILP teve de retroceder frente ao fogo de artilharia e metralhadoras²⁰⁰. Pouco antes, Orwell viu de relance o brilho de rifles em meio à madrugada, pegou uma granada de um

¹⁹⁹ “Era impossível não ficar impressionado com a flagrante miséria dos abrigos fascistas. Não se viam nem mesmo os montículos de roupas, livros, comida, pequenos objetos pessoais que se viam em nossos abrigos; esses pobres conscritos sem salário pareciam não possuir nada além de cobertores e alguns nacos de pão mofado” (p.94) HtoC, loc 1883. Grifo nosso.

²⁰⁰ Devemos ressaltar aqui que, à época da Guerra Civil Espanhola, não existiam ainda os rifles automáticos (como o AK-47) que se popularizaram no combate moderno, após a Segunda Guerra Mundial (a exceção notável é a submetralhadora americana Thompson “Tommy Gun”, associada aos mafiosos da era da Proibição). Dessa maneira, todas as vezes em que Orwell se refere às “metralhadoras”, ele está falando das pesadas armas que necessitavam de uma base giratória removível para funcionar, sendo tanto mortíferas quanto desajeitadas.

companheiro e a jogou. Após escutar “gritos diabólicos”, ele descreveu: “*We had got one of them, anyway; I don’t know whether he was killed, but certainly he was badly hurt. Poor wretch, poor wretch! I felt a vague sorrow as I heard him screaming*”²⁰¹. É interessante notar que, ao mesmo tempo em que Orwell sentiu pena do único soldado Fascista que aparentemente matou, ele usou o adjetivo [*vague*] para descrever a sua tristeza – provavelmente atenuada pelo fato de não ter visto com clareza quem e como era o seu inimigo. O miliciano irlandês Paddy Donovan, companheiro de Orwell no contingente do ILP, descreveu a cena de uma outra maneira: “*a scream was heard and Orwell said: 'That's got one bastard!'*”²⁰².

²⁰¹ “Pegámos um deles, de qualquer forma; não sei se morreu, mas estava certamente muito ferido. Pobre desgraçado, pobre desgraçado! Sentia uma vaga tristeza, enquanto o ouvia gritar” (p.97). HtoC, loc 1925. Grifo nosso.

²⁰² “Um grito foi ouvido e Orwell disse: 'acertamos um bastardo!'" BOWKER, 2003, p.212.

3.3 Interregno: reflexões sobre o *front*

Com o sucesso parcial do ataque à Casa Francesa – que rendeu aos Republicanos os armamentos roubados dos Fascistas, mas não resultou na queda da cidade de Huesca –, Eric Blair havia passado por sua primeira experiência de combate direto, que terminou de maneira tragicômica. Perseguiu um soldado franquista que fugia pela própria vida, e decidiu, por pena, não matá-lo. Logo após, a companhia de Orwell perdeu alguns homens que, em meio ao fogo cruzado, acabaram por ficar para trás. O ataque do POUM à posição Fascista, naquele momento, serviu para desviar as atenções da incursão anarquista ao outro flanco de Huesca.

Um mote comum no *front* aragonês era o de “amanhã, vamos tomar café em Huesca”. Com as sucessivas falhas para conquistar a cidade, a frase acabou tornando-se uma piada. Ao final da Guerra, a cidade aragonesa nunca chegaria a hastear as cores da República. Orwell, à sua maneira particular de ver o cômico no dramático, escreveu: “*If I ever go back to Spain I shall make a point of having a cup of coffee in Huesca*”²⁰³. É necessário dizer que Orwell, após sair fugido da Catalunha em junho de 1937, nunca mais retornou à Espanha em vida.

No sétimo capítulo de *Homage to Catalonia*, o narrador (como diria Williams, a personagem-Orwell²⁰⁴), muda o foco da descrição para a reflexão. É um capítulo que funciona como um interregno entre a ação no *front*, das partes V e VI, e os

²⁰³ “Se algum dia voltar à Espanha, farei questão de tomar um cafezinho em Huesca” (p.69). Htoc, loc 1560.

²⁰⁴ O que Williams chama de *Orwell-figure* é a “única personagem de sucesso de Orwell”: o narrador – baseado nas experiências de Eric Blair – da obra de não-ficção do escritor, incluindo aí *Homage to Catalonia*. Em última instância, é a *persona* literária “George Orwell”, criada a partir do ser social Eric Arthur Blair. Falando sobre *Wigan Pier*, em Orwell (WILLIAMS, 1971, p.51): “*The writer shapes and organises what happened to produce a particular effect, based on experience but then created out of it. The overall organisation of The Road to Wigan Pier is a major example. In the first part, the 'observation' of the industrial north, one of the key points, in literary terms, is that Orwell is the isolated observer going around and seeing for himself. This created character is then used to important effect in the second half, the argument about socialism, where the man who has gone and seen for himself is contrasted with the jargon-ridden bourgeois socialists [...].*” / “O escritor formata e organiza o que aconteceu para produzir um efeito particular, baseado na experiência, mas então criado a partir dela. A organização geral de *The Road to Wigan Pier* é um exemplo maior. Na primeira parte, a ‘observação’ do Norte industrial, um dos pontos-chave, em termos literários, é que Orwell é o observador isolado andando por aí e vendo por si mesmo. Essa personagem criada e então usada com importante efeito na segunda metade, a dissertação sobre o socialismo, onde o homem que foi lá e viu por si mesmo é contrastado com os socialistas-burgueses que abusam dos jargões.”

acontecimentos das Jornadas de Maio de 1937 de Barcelona, igualmente descritivos (capítulos VIII e IX). Escrito em 1938, já com o benefício da distância física e do passar do tempo, Orwell procurou nessa seção refletir sobre os acontecimentos dos tempo em que passou no *front*. Vejamos este excerto:

When we went on leave I had been a hundred and fifteen days in the line, and at the time this period seemed to me to have been one of the most futile of my whole life. I had joined the militia in order to fight against Fascism, and as yet I had scarcely fought at all, had merely existed as a sort of passive object, doing nothing in return for my rations except to suffer from cold and lack of sleep. Perhaps that is the fate of most soldiers in most wars. But now that I can see this period in perspective I do not altogether regret it. I wish, indeed, that I could have served the Spanish Government a little more effectively (HtoC, loc 2014; Grifo nosso)²⁰⁵.

Nos 115 dias em que passou nas trincheiras do *front* aragonês, Eric Blair mais passou frio e cansaço do que de fato lutou. Podemos fazer algumas observações a partir do excerto. Primeiramente, procuremos entender a “futilidade da guerra” da qual fala Orwell. A geração de Orwell (aqueles que nasceram após a virada do século XIX para o XX), foi bastante influenciada pela literatura da Primeira Guerra Mundial, um conflito do qual ele próprio não participou. Eric era um menino de 11 anos quando a Guerra estourou em 1914, e tomou consciência do conflito indiretamente, pelos relatos dos adultos e dos autores que escreveram sobre o período. Como notou Williams: “*He had frequent military training, since childhood and the cadet corps, and 'part of the fascination that the Spanish civil war had for people of about my age was that it was so like the Great War'*”²⁰⁶. Era comum para os jovens da sua geração e classe (a tal *upper-lower-middle class*) que aprendessem

²⁰⁵ “Quando saímos de licença, completaram-se cento e quinze dias na linha e, na época, este período me pareceu ter sido um dos mais fúteis de toda a minha vida. Ingressara na milícia para lutar contra o fascismo e, até então, não tinha lutado quase nada, tinha simplesmente existido como uma espécie de objeto passivo, sem fazer nada em troca de minhas rações, a não ser sofrer com o frio e a falta de sono. Talvez seja esse o destino da maioria dos soldados na maioria das guerras. Mas agora que posso enxergar esse período de outra perspectiva, não me arrependo dele de todo. Desejaria, na verdade, ter podido servir ao governo espanhol de uma maneira um pouco mais eficaz” (p. 104).

²⁰⁶ “Ele tinha com frequência treinamento militar, desde a infância e a escola de cadetes, e 'parte da fascinação que a Guerra Civil Espanhola exercia sobre pessoas de minha idade, é que era tão parecida com a Grande Guerra’” Williams, 1971, p.64.

desde cedo os modos e meios da vida militar, uma maneira do sistema educacional inglês de promover a disciplina e o respeito pela ordem formada. Como disse Miquel Berga²⁰⁷, em seu prefácio à edição espanhola de *Orwell in Spain*:

El narrador evita cualquier tentación de presentarse como un héroe luchando en una contienda heroica. [...] Orwell sabe que los lectores de los años treinta tienen vivos los ecos amargos de los combatientes en la primera guerra mundial. Las novelas de Remarque, de Hemingway o de Graves, los poemas de Owen, de E. E. Cummings o de Sassoon han vacunado al público contra la propaganda bélica y contra cualquier representación sublimada de los desastres de la guerra (BERGA, 2003, p.24).²⁰⁸

O leitor de *Homage to Catalonia*, até então já acostumado com as descrições por vezes naturalistas das agruras, decrepitudes e ironias da guerra, compreende a frustração de Orwell. É interessante notar também que o fato de Orwell expressar certa culpa por estar consumindo recursos do esforço de guerra, [...*doing nothing in return for my rations*], assim como acreditar não estar sendo útil o suficiente como miliciano (não estar retribuindo de acordo com o que recebeu) ilustra o seu comprometimento com a causa revolucionária. Se, por um lado, ele era um *visitante*, Orwell estava na Espanha com o intuito de lutar. Mas destaquemos o que vem a seguir, na sua reflexão:

[...] but from a personal point of view – from the point of view of my own development – those first three or four months that I spent in the line were less futile than I then thought. They formed a kind of interregnum in my life, quite different from anything that had gone before and perhaps from anything that is to come, and they taught me things that I could not have learned in any other way. The essential point is that all this time I had been isolated [...] among people who could roughly but not too inaccurately described as revolutionaries. This was a result of the militia-system, which on the Aragon front was not radically altered till about June 1937 (HtoC, loc 2014; Grifo nosso)²⁰⁹.

²⁰⁷ Miquel Berga i Baguí é professor de filologia inglesa na Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, e é especialista na obra de Orwell e de outros escritores ingleses que participaram da Guerra Civil Espanhola.

²⁰⁸ “O narrador evita qualquer tentação de apresentar-se como um herói lutando em uma contenda heróica. [...] Orwell sabe que os leitores dos anos trinta têm vivos os amargos ecos dos combatentes da Primeira Guerra Mundial. Os romances de Remarque, Hemingway ou Graves, os Poemas de Owen, de E.E. Cummings ou de Sassoon vacinaram o público contra a propaganda bélica e contra qualquer representação sublimada dos desastres da guerra”.

²⁰⁹ “; mas, de um ponto de vista pessoal – do ponto de vista de meu próprio desenvolvimento – aqueles primeiros três

Do ponto de vista do seu desenvolvimento pessoal, Orwell reconhece que o tempo que passou no *front* foi “menos fútil”, pois “aprendeu coisas que não poderia ter aprendido de outra maneira”. A razão disso foi o seu contato com pessoas a que “grosseiramente”, mas ainda assim “acuradamente”, poderiam ser chamadas de revolucionários.

Apesar de suas ações como miliciano, no contexto geral da guerra, terem sido bastante diminutas, as experiências do *front* consistiram em um aprendizado que, no campo pessoal, viria a ser crucial para a formação de Eric Blair, o ser social, e George Orwell, o escritor-combatente, a *persona* literária. Essa transformação teve como catalisador o contato de Blair com a classe trabalhadora catalã, organizada em milícias. Leandro Konder, falando sobre a busca do indivíduo por uma comunidade, comenta:

Por um lado, há um número crescente de indivíduos com maior riqueza e complexidade interior; e esses indivíduos experimentam uma necessidade mais imperiosa de superar seus limites como indivíduos, uma necessidade mais imperiosa de se completarem em alguma forma de existência *comunitária*, que os aproxime uns dos outros (sem prejuízo da identidade deles). Por outro lado, a “racionalização” utilitária do capitalismo e o espírito exageradamente competitivo estimulado pelo *mercado* agravam muito as contradições entre os homens, diminuem a importância das velhas formas tradicionais de *comunidade* (família, vizinhança antiga) [...] (KONDER, 1981, p.80-81)

Aqui afirmamos a nossa hipótese sobre a transformação do *em-si/para-si* em Orwell, a partir do conflito espanhol. Ao organizar-se coletivamente – participando da milícia do POUM, e lutando ao lado de seus membros -, Orwell vivenciou a dialética do individual/subjetivo para a universalidade. Assim sendo, a exemplo das

ou quatro meses que passei na linha foram menos fúteis do que pensara, então. Formavam um tipo de interregno em minha vida, bem diferente de qualquer coisa que acontecera antes e talvez de qualquer coisa que viria depois, e ensinaram-me coisas que não poderia ter aprendido de nenhuma outra forma. A questão essencial é que, durante todo este tempo, estivera isolado – pois no front, fica-se quase completamente isolado [...] entre pessoas que poderiam de modo grosseiro, mas não por demais impreciso, ser descritas como revolucionárias” (p.104) HtoC, loc 2014.

palavras de Marx²¹⁰ em “O Capital”, Orwell tomou consciência de que “[O] homem deve reconhecer suas próprias forças como forças sociais, organizá-las e portanto, não mais separar forças sociais de si mesmo na forma de forças políticas.” A partir de suas experiências, ele percebe que os seus questionamentos não são apenas seus, mas tangem também à classe trabalhadora como um todo. Concordamos, então, com Williams, em seu trabalho *Orwell*, de 1971:

During those months in Spain Orwell became a revolutionary socialist. Up to a point there is a clear line from his experience in the years of poverty, exposure, and rejection of privilege - the wandering years - to the experience of shared hardship in Barcelona. But there is also a clear break, from a personal option to a common cause. What had been mainly a passive exposure to the worst kinds of hardship became an active involvement in the struggle to end them. It is, then, ironic that at the moment when Orwell became a revolutionary socialist he became involved with an internal struggle so deep and lasting that it is still very difficult to see his experience and his development clearly. (WILLIAMS, 1971, p.56-57; Grifo nosso)²¹¹

Segundo Williams, Orwell fazia parte da chamada *upper-lower-middle class*, uma classe que dependia de seus salários profissionais (isto é, da venda de sua força de trabalho) para a subsistência. Os membros dessa classe recebiam mais do que os membros da classe operária, certamente estando em um patamar bem mais confortável do que o lumpemproletariado, por exemplo. Mas, ainda assim, não eram proprietários – não tinham a posse dos meios de produção. Williams sustenta que os membros da *upper-lower-middle class*, estando em um estrato social pouco estável

²¹⁰“O homem individual real deve retirar para dentro de si mesmo o cidadão abstrato e, como homem individual em sua vida empírica, e em seu trabalho individual e relações individuais se tornar um ser-específico. O homem deve reconhecer suas próprias forças como forças sociais, organizá-las e portanto, não mais separar forças sociais de si mesmo na forma de forças políticas. Somente quando se tiver conseguido isso, a emancipação humana estará completa.” MARX, O Capital (Vol. 3), Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

²¹¹ “Durante aqueles meses na Espanha, Orwell tornou-se um socialista revolucionário. Até certo ponto há uma linha clara que demarca a sua experiência de anos de pobreza, exposição e rejeição do privilégio – os anos vagrantes -, da experiência de dificuldades compartilhadas em Barcelona. Mas há também uma clara ruptura de uma opção pessoal para uma causa comum. O que havia sido principalmente uma exposição passiva aos piores tipos de dificuldades, tornou-se um envolvimento ativo na luta para acabar com as mesmas. É então, irônico que no momento em que Orwell transforma-se em um socialista revolucionário, ele se envolve em uma disputa interna tão profunda e duradoura que ainda é difícil perceber a sua experiência e seu desenvolvimento de maneira clara.”

(sujeito aos sabores da economia e da estruturação do Império Colonial Inglês), possuíam a tendência de se posicionar mais radicalmente a favor do Estado e, por conseguinte, da burguesia e do capitalismo, encarnando fervorosamente o nacionalismo britânico²¹².

Orwell, ao dissociar-se da classe em que nasceu, buscou junto ao *outro* uma *comunidade* - para além da classe em que nasceu. Procurou-a nos pedintes da sarjeta de Londres; nos lavadores de pratos dos hotéis chiques de Paris; nos mineradores de carvão do norte da Inglaterra. Mas foi apenas na Espanha que ele encontrou esse sentido de *comunidade*:

The workers' militias, based on the trade unions and each composed of people of approximately the same political opinions, had the effect of canalising into one place all the most revolutionary sentiment in the country. I had dropped more or less by chance into the only community of any size in Western Europe where political consciousness and disbelief in capitalism were more normal than their opposites. [...] Of course such a state of affairs could not last. It was simply a temporary and local phase in an enormous game that is being played over the whole surface of the earth. But it lasted long enough to have its effect upon anyone who experienced it. However much one cursed at the time, one realised afterwards that one had been in contact with something strange and valuable. One had been in a community where hope was more normal than apathy or cynicism, where the word 'comrade' stood for comradeship and not, as in most countries, for humbug. One had breathed the air of equality (HtoC, loc 2032)²¹³.

Ao conhecer os verdadeiros revolucionários (os militantes catalães e estrangeiros do POUM, das CNT-FAI, e até mesmo do PSUC), ele finalmente percebeu a necessidade do agir coletivo, ao longo de sua busca. Nesse momento, ele

²¹² WILLIAMS, 1971, p.19.

²¹³ “As milícias dos trabalhadores, baseadas nos sindicatos e cada uma composta por pessoas com aproximadamente as mesmas opiniões políticas, tiveram o efeito de canalizar para um só lugar todos os sentimentos mais revolucionários do país. Eu tinha caído, mais ou menos por acaso, na única comunidade da Europa ocidental em que era muito mais comum se ter consciência política e descrer no capitalismo do que o contrário. [...] É claro que um estado de coisas assim não podia durar. Era simplesmente uma fase temporária e localizada, num imenso jogo que se desenrola em toda a superfície da Terra. Mas durou o bastante para fazer efeito sobre qualquer um que o experimentara. Por mais que tenhamos praguejado na hora, compreendíamos depois que estivéramos em contato com algo estranho e valioso. Estivéramos numa comunidade onde a esperança era mais comum que a apatia ou o cinismo, onde a palavra 'camarada' significava camaradagem e não, como na maioria dos países, tapeação. Respirávamos o ar da igualdade” (p.105).

transcendeu o *em-si*, tomando a consciência do *para-si*. Eric Blair percebeu-se como um trabalhador; e, por ser um trabalhador, estava no cerne da luta de classes, sujeito às intempéries da história; deu-se conta de que a maneira de superar os problemas sociais era por meio da revolução socialista, e jurou por ela combater – seja no campo das armas, ou no campo da literatura.

A única *comunidade* na Europa Ocidental em que a consciência política e a descrença no capitalismo eram mais comuns que o oposto era, para Orwell, a Catalunha revolucionária. Naquela época, às portas da Segunda Guerra Mundial, acirrava-se a competição entre os estados *totalitários* e *capitalistas*. Na esteira daquele processo, as forças genuinamente revolucionárias eram aniquiladas: naquele mesmo período da Guerra Espanhola, entre 1936 e 1938, Josif Stalin comandara os Julgamentos de Moscou, que aniquilariam quase todos os participantes bolcheviques da Revolução Russa vivos até então; e, apenas alguns anos antes, o incêndio do Reichstag daria a Hitler e o Partido Nazista um pressuposto para caçar os militantes socialistas e anarquistas na Alemanha.

A perseguição dos revolucionários pelo Estalinismo, associado à burguesia e representado na Guerra Civil Espanhola pelo Governo Republicano e o *Partido Comunista de España*, cristalizou em Orwell o seu horror perante os *totalitarismos*. A Revolução interrompida representou a destruição da sua *comunidade*. Vendo seus companheiros de *front* sendo executados e presos, um desejo de vingança surgiu em si. Esse desejo de vingança – transformado na sua denúncia aos *totalitarismos* - é a marca mais forte da obra de Orwell, a partir da publicação de *Homage to Catalonia*.

No mesmo capítulo, Orwell associa a sua *comunidade* ao socialismo.

The thing that attracts ordinary men to Socialism and makes them willing to risk their skins for it, the ‘mystique’ of Socialism, is the idea of equality; to the vast majority of people Socialism means a classless society, or it means nothing at all. And it was here that those few months in the militia were valuable to me. For the Spanish militias, while they lasted, were a sort of microcosm of a classless society. In that community where no one was on the make, where there was a shortage of everything but no privilege and no boot-licking, one got, perhaps, a crude forecast of what the

opening stages of Socialism might be like. And, after all, instead of disillusioning me it deeply attracted me. The effect was to make my desire to see Socialism established much more actual than it had been before. Partly, perhaps, this was due to the good luck of being among Spaniards, who, with their innate decency and their ever-present Anarchist tinge, would make even the opening stages of Socialism tolerable if they had the chance (HtoC, loc 2038)²¹⁴.

Cada milícia era baseada em um sindicato ou partido que, teoricamente, corresponderia ideologicamente à sua organização-mãe: as CNT-FAI eram anarcossindicalistas; o POUM, socialista, mas não alinhado à URSS; o PSUC, alinhado à URSS, etc. Ainda assim, Orwell sustenta que no *front*, o pragmatismo necessário ao cotidiano de uma guerra de trincheiras terminava por diluir essas diferenças ideológicas. A organização social/política da Catalunha e Aragão revolucionárias era baseada na igualdade, não somente de classe, mas também na divisão social do trabalho equitativa entre o sexos, por exemplo. Foi o microcosmo de uma sociedade revolucionária, que ocorreu durante aqueles poucos meses, entre o estouro da Guerra Civil em julho de 1936 e os eventos das Jornadas de Maio de 1937, mas foi suficiente para transformar o pensamento e a ação política de Orwell, de maneira ativamente positiva.

Mesmo em meio às dificuldades (o racionamento de alimentos; as condições materiais empobrecidas no *front*; o desafio moral de combater outros seres humanos, ainda que fascistas; e até mesmo a falta de cigarros) nosso escritor é categórico sobre a Revolução Espanhola: “Em vez de provocar uma desilusão, ela me atraiu profundamente”. A assertiva de Orwell é clara – e suficiente para provar equivocada qualquer interpretação (ou melhor, apropriação) conservadora de sua obra.

²¹⁴ “O que atrai os homens comuns para o socialismo e os deixa com vontade de arriscarem a pele por ele, a 'mística' do socialismo, é a ideia de igualdade; para a grande maioria das pessoas o socialismo significa uma sociedade sem classes, ou não significa nada. E foi por isso que esses poucos meses na milícia foram valiosos para mim. Pois as milícias espanholas, enquanto duraram, foram uma espécie de microcosmo de uma sociedade sem classes. Naquela comunidade onde ninguém estava atrás do lucro, onde havia uma escassez de tudo, mas nenhum privilégio e nenhum lambar de botas, tinha-se, talvez, uma previsão incipiente do que seriam os estágios iniciais do socialismo. E, no fim das contas, ao invés de desiludir-me, atraiu-me profundamente. O efeito foi fazer com que meu desejo de ver o socialismo se estabelecer ficasse muito mais intenso do que antes. Em parte, talvez isto se devesse à sorte de estar entre espanhóis que, com sua decência inata e seu matiz anarquista sempre presentes, tornariam até mesmo os estágios iniciais do socialismo toleráveis, se tivessem essa chance” (p.106).

Em seu ensaio sobre Orwell, chamado *Reach-me-down Romantic*²¹⁵, Terry Eagleton, ao comparar a visão do socialismo de Orwell com a de Raymond Williams e E.P. Thompson, reafirma o pertencimento de Eric Blair àquela *comunidade*:

As with the work of Williams and Thompson, it insists on the continuities between the class-bound present and the socialist future, rather than on some apocalyptic break between them. Socialism will indeed involve such ruptures; but it is primarily an extension of the existing values of comradeship and solidarity to society as a whole. This, from beginning to end, is the theme of Williams's work. The socialist future is not just a nebulous utopian ideal, but is in some sense immanent in the present, and would not be valid if it were not. Orwell was exactly this kind of radical, one, ironically enough, not at all far from Marx. He found in the Catalan working class a solidarity which was an earnest of the political future, rather as Williams found such a prefigurative society in his Welsh working-class childhood, and Thompson in the co-operative values of the nascent English working class (EAGLETON, 2003, p.9)²¹⁶.

É também do sentido de *comunidade* que também surge o próprio título do livro que estamos estudando. Como disse Berga²¹⁷, o *Catalonia* serve como uma figura de linguagem, uma sinédoque²¹⁸, representando, na realidade, os revolucionários que Orwell teve como companheiros na Catalunha (sejam eles catalães ou estrangeiros) – e não o “Estado Catalão”, como gostariam os nacionalistas daquela região. É uma homenagem aos milicianos caídos, que formaram o cerne da Revolução Espanhola. Ainda no ensaio *Reach-me-down Romantic*, Eagleton completa: “*solitary, aloof and self-absorbed as he was, he never abandoned the idea*”.

²¹⁵ EAGLETON, Terry. *Reach-me-down Romantic*, London Review of Books, Vol 25, n.º 12, 19 de junho de 2003. Disponível em <<http://www.lrb.co.uk/v25/n12/terry-eagleton/reach-me-down-romantic>>

²¹⁶ “Assim como com o trabalho de Williams e Thompson, ele insiste nas continuidades entre o presente preso às relações de classe e o futuro socialista, em contraposição a uma ruptura apocalíptica entre os dois. O socialismo vai envolver tais rupturas; mas é primariamente uma extensão dos valores existentes de camaradagem e solidariedade à sociedade como um todo. Isso, do início ao fim, é o tema do trabalho de Williams. O futuro socialista não é apenas um ideal utópico e nebuloso, mas em algum sentido imanente no presente, e não seria válido se não o fosse. Orwell era exatamente esse tipo de radical, ironicamente, não tão distante de Marx. Ele encontrou na classe trabalhadora catalã uma solidariedade que era um presságio do futuro político, em contraposição à sociedade pré-figurativa que Williams encontrava em sua própria infância junto à classe trabalhadora galesa, e Thompson, nos valores cooperativos da nascente classe trabalhadora inglesa.”

²¹⁷ Prefácio à edição em castelhano de *Orwell en España*, 2003, p.21. [Grifo nosso]

²¹⁸ Figura de linguagem próxima da metonímia, na qual o todo se atribui pela parte ou a parte se atribui pelo todo.

of working-class solidarity, which figures however abstractly or romantically even in 1984”²¹⁹.

Com a roupa do corpo infestada de piolhos, as botas carcomidas e um corpo cansado anseando por um banho de água quente e lençóis limpos, Orwell marchou junto a sua companhia até a vila de Monflorite, e embarcou no trem das cinco da manhã em Barbastro, conectando-se com um comboio mais rápido em Lleida, que o levou de volta a Barcelona às três da tarde do dia 26 de abril. Em breve, tudo haveria de mudar. Orwell presenciaria os eventos que seriam definidores em sua trajetória política: as Jornadas de Maio de 1937.

²¹⁹ “Solitário, reservado e introspectivo como era, ele nunca abandonou a ideia de solidariedade entre a classe trabalhadora, o que aparece abstrata ou romanticamente mesmo em *1984* [o livro]” EAGLETON, 2003, p.8.

PARTE II – *Homage to Catalonia*

Capítulo 4:

“...Shatters the Crystal Spirit.”

MIGJORN²²⁰

el millor vent per tornar a casa
 però, Migjorn no bufa,
 Migjorn plora,
 Migjorn està trist,
 la barca més preada
 navega sense rumb
 no té al capità en el vell timó
 el velam desfet i mig desarborat
 i resta a la deriva
 tot MIGJORN t'empenta
 vol que redreces el rumb.
 La travessia és dura
 però Ítaca és Vinaròs
 i el tens al teu abast
 Reviscola vella barca
 pren el timó i empopa el port
 Et volem a casa
 navegarem junts un altra vegada
S.Fabregat.

²²⁰ Vento Sul. É o melhor vento para voltar à casa / Mas, o vento sul não sopra / O vento sul chora / o vento sul está triste / o barco mais precioso / navega sem rumo / não tem capitão ao velho timão / a vela desfeita e meio desmastreada / e fica à deriva / então, o vento sul propulsiona o vôo / que redireciona o rumo. / A travessia é dura / mas Ítaca é Vinaròs / e ela tem o seu alcance / Revive o velho barco / toma o timão, empopa até o porto / E voltemos à casa / naveguemos juntos uma outra vez.

4.1 As Jornadas de Maio de 1937

“A Revolução e a Guerra são inseparáveis” (Cartaz das CNT-FAI e FIJL)

George Orwell quase saiu do POUM para juntar-se à defesa de Madrid. Isso lhe foi impossibilitado por um motivo de natureza puramente prática: visto que após chegar do *front* seus dedos do pés estavam praticamente de fora das botas carcomidas, teve de esperar dias até que um sapateiro fizesse um calçado que servisse o inglês de quase um metro e noventa de altura. Essa demora possibilitou ao nosso escritor permanecer em Barcelona o suficiente para ser testemunha dos eventos que acabariam por talhar o seu pensamento ideológico e, por consequência, sua carreira e obra.

Na realidade, Orwell também estava cansado dos problemas enfrentados pela milícia do POUM: a falta de treinamento adequado dos novos recrutas e, principalmente, as intrigas políticas dentro do partido. Por vontade própria, o ideal seria juntar-se a uma das colunas anarquistas na defesa de Madrid²²¹ (à época, quase que completamente cercada por forças Franquistas). Orwell, que tinha grande interesse desde jovem pela Espanha, pretendia ver mais do país, além do microcosmo da Catalunha. A maneira mais segura de ser mandado para o *front madrileño* seria entrando nas fileiras das Brigadas Internacionais²²², organização militar formada por voluntários de todo o mundo, filiada à ideologia hierarquizante do comunismo russo.

Os eventos ocorridos em Barcelona entre os dias 3 e 7 de maio de 1937 seriam cruciais para a transformação de Eric Arthur Blair no George Orwell que viria a ser reconhecido por *Nineteen Eighty-Four* e *Animal Farm*. Narrado em primeira pessoa pelo escritor, o período foi o momento culminante de um processo de transformação ideológica em percurso, que resultaria em um despertar de consciência do autor,

²²¹ HtoC, loc 2198.

²²² Newsinger fala sobre as Brigadas: “Essa força de voluntários oriundos de todo o lado do mundo, agrupados à volta da causa republicana por intermédio do Comintern, constituiu uma das mais notáveis manifestações de internacionalismo [do século XX]. [...] A grande tragédia da Espanha foi toda esta grande manifestação de idealismo ter-se revelado ao serviço da política externa de Estaline, com agentes do Comintern, tanto em Espanha como noutros lados, aproveitando-a cinicamente” NEWSINGER, 2010, p.103-104.

perante os crimes do estalinismo. Dessa maneira, segundo o pesquisador catalão Miquel Berga, *Homage to Catalonia* é também um “*bildungsroman* ideológico”²²³.

As sementes do processo de interrupção da Revolução se encontram logo após a vitoriosa resistência das forças Republicanas, aliadas às milícias de partidos e sindicatos, que expulsaram os rebeldes Franquistas que intentavam tomar o poder, nos dias 18 e 19 de julho de 1936. Entre os Republicanos, havia dois blocos majoritários e antagônicos. Por um lado, o PSUC, representante do *Partido Comunista de España* na Catalunha, a central sindical UGT (socialista ortodoxa, mas não completamente associada ao comunismo russo); de outro, havia a Federação Anarquista Ibérica (FAI) e seus aliados sindicalistas da CNT, além do POUM.

Essas forças políticas antagônicas foram a principal razão do sucesso da defesa da Catalunha contra Franco, pois conseguiram organizar os trabalhadores e cidadãos que haviam se juntado à luta de maneira orgânica, resistindo aos Fascistas bem antes que qualquer reforço governamental chegasse. Após as lutas de julho de 1936, o que se sucedeu na prática foi a tomada do poder naquela região por essas milícias, que se aglomeraram em um Comitê Central de Milícias Antifascistas. Ainda que o governo institucional se mantivesse na figura da *Generalitat*, o poder que esse órgão exercia era muito mais representativo do que *de facto*.

Entre as forças antagônicas do Comitê, havia ao menos dois grandes projetos políticos para a Catalunha e a Guerra Civil que se desenrolava. O primeiro, apoiado pela UGT e pelo PSUC, era o *Pla de Victòria*, que consistia no seguintes pontos principais: organizar um exército popular regular (aos moldes dos exércitos burgueses europeus); criar um corpo de segurança interior e de tribunais populares para manter o status-quo na retaguarda; assegurar a liberdade dos camponeses de decidir manter a propriedade privada das suas terras ou coletivizá-las; e, finalmente, manter uma colaboração direta com o Governo Republicano de Largo Caballero, ex-presidente do sindicato UGT.

Esse plano entrava em conflito direto com o projeto de Revolução proletária

²²³ BERGA, Miquel. “Las Raíces Catalanas de 1984”, Jornal La Vanguardia, 30 de setembro de 2009. Disponível em <<http://hemerotecadigital.institutdelteatre.cat/jspui/bitstream/65324/20220/1/articlediari%203.pdf>>.

pleiteado pelas CNT-FAI e pelo POUM. Ainda que, sendo anarquistas e socialistas heterodoxos, eles partissem de posturas ideológicas distintas, a Revolução era um ponto em comum. O *Pla de Victòria*, na prática, resultaria na perda do poder militar das milícias do POUM e das CNT-FAI, pois a tarefa de proteção interior e do esforço de guerra passaria para as mãos da *Generalitat* e do Governo Republicano. As milícias teriam de ser extintas. Da mesma maneira, não era interessante para o projeto anarco-poumista que o campesinato detivesse a propriedade privada das terras, de maneira que a Revolução era baseada em uma hierarquia do proletariado urbano perante o rural.

Estava implícito então que, desde o seu nascimento, a aliança do Comitê de Milícias Antifascistas (baseado no modelo da *Frente Popular*) estava fadada a dissolver-se. Nos meses após as lutas de julho de 1936, o colapso era evidente: “*amb un govern d'unitat que no governava, uns decrets de la Generalitat que no s'acomplien i un llistat d'enfrontaments interns que creixia per moments*”²²⁴.

As CNT-FAI, embora comprometidas com o projeto revolucionário, buscavam uma política de alianças com a UGT e o PSUC. Dessa maneira, aceitaram fazer parte do Conselho da *Generalitat*, órgão sucessor do Comitê de Milícias Antifascistas, e que representava uma *devolução de poderes* ao governo catalão institucional. Nele, a UGT e as CNT representavam a classe trabalhadora; a *Esquerra Republicana de Catalunya* (ERC), a pequena e a média burguesias, e a *Unió de Rabassaires* (UR), o campesinato. Na prática, a correlação de forças pendia fortemente para o projeto não-revolucionário, visto que as CNT-FAI estavam isoladas, perante os outros membros. Notadamente, o POUM ficou de fora do Conselho. Por ser uma força política bastante pequena perante as CNT-FAI e UGT, terminou tornando-se um pária e, mais tarde, bode expiatório.

O acirramento dos embates políticos também tomava corpo em lutas físicas por toda a Catalunha. Episódios de violência eclodiram, causados por ambos os lados. Alguns setores das FAI (que eram coligadas com a CNT), além de outras forças

²²⁴ “Com um governo de unidade que não governava, decretos da *Generalitat* que não se cumpriam e uma lista de enfrentamentos internos que crescia a olhos vistos” RÚA, in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p. 432.

anarquistas como os Amigos de Durruti, bem como o POUM, tomaram a posição de não intervir nas “reações espontâneas de defesa” que ocorriam – mas, ao mesmo tempo, não prepararam um *pronunciamiento* contra a nova correlação de forças.

Assassinatos *high profile* de proeminentes políticos comunistas, como Roldán Cortada, acabaram sendo vistos como uma agressão aberta, pelos partidários do projeto não-revolucionário. Sobre a morte de Cortada, o historiador inglês Hugh Thomas comenta: “*People began to say that the murder of Roldán Cortada had been a communist provocation to justify police action in the anarchist quarters of Barcelona*”²²⁵. A afirmação é sintomática da importância a que eram dados os boatos e as notícias falsas naquele período, algo que Orwell relata como parte da “atmosfera de pesadelo” que havia se formado em Barcelona:

For under the surface-aspect of the town, under the luxury and growing poverty, under the seeming gaiety of the streets, with their flower-stalls, their many-coloured flags, their propaganda-posters, and thronging crowds, there was an unmistakable and horrible feeling of political rivalry and hatred. The danger was quite simple and intelligible. It was the antagonism between those who wished the revolution to go forward and those who wished to check or prevent it – ultimately, between Anarchists and Communists (HtoC, loc 2212. Grifo nosso)²²⁶.

Em primeiro de março de 1937, a *Generalitat* e seu Conselho travaram um acordo de dissolução das patrulhas milicianas, e da criação das Guardas de Assalto, uma verdadeira polícia militar na Catalunha que servia como complemento aos *Mossos D'Esquadra*²²⁷.

Nesse clima de tensão, Orwell narra os capítulos oito e nove de *Homage to*

²²⁵ “As pessoas começaram a dizer que o assassinato de Roldán Cortada havia sido uma provocação comunista para justificar ações policiais nos bairros anarquistas de Barcelona” THOMAS, 2001, p.635.

²²⁶ “Pois, sob o aspecto superficial da cidade, sob o luxo e a crescente pobreza, sob a alegria aparente das ruas, com suas bancas de flores, suas bandeiras multicoloridas, seus cartazes de propaganda e as multidões se aglomerando, havia um sentimento horrível e inequívoco de rivalidade e ódio político. Pessoas de todos os tipos de opinião estavam dizendo como um presságio: 'Daqui a pouco vai haver confusão'. O problema era muito simples e compreensível. Tratava-se do antagonismo entre aqueles que desejavam que a revolução continuasse e os que desejavam reprimi-la ou evitá-la – em última análise, entre anarquistas e comunistas” (p.119).

²²⁷ Órgão da Generalitat análogo à Polícia Civil ou Estadual brasileira. Uma *gendarmerie* nos moldes franceses, foi crucial na defesa Republicana contra Franco. Extinta com o fim da Guerra Civil, foi reativada no ano de 1980, após a redemocratização da Espanha.

Catalonia, que relatam os dias que seriam conhecidos como as Jornadas de Maio de 1937 (em catalão, *Els Fets de Maig 1937*). Nosso escritor retorna a Barcelona após três meses no *front* aragonês, em 27 de abril de 1937. Ele descobre que a cidade já não possuía mais a “atmosfera revolucionária” que havia encontrado ao chegar pela primeira vez na capital catalã. No lugar dos macacões azuis, os ternos de linho branco; as crianças descalças misturavam-se aos homens e mulheres, gordos e elegantes, que passeavam em seus automóveis de luxo. Os sinais exteriores da divisão de classes estavam voltando, e já não era perigoso ostentar. Membros das classes abastadas já não se disfarçavam de trabalhadores nas ruas, e *señor* e *usted* voltavam, aos poucos, a ser utilizados no lugar de *camarada* e *tú*. Apesar da dificuldade crônica no abastecimento de suprimentos, não faltavam mercadorias nos restaurantes e hotéis chiques:

Now things were returning to normal. The smart restaurants and hotels were full of rich people wolfing expensive meals, while for the working-class population food-prices had jumped enormously without any corresponding rise in wages. Apart from the expensiveness of everything, there were recurrent shortages of this and that, which, of course, always hit the poor rather than the rich. The restaurants and hotels seemed to have little difficulty in getting whatever they wanted, but in the working-class quarters the queues for bread, olive oil, and other necessities were hundreds of yards long. (HtoC, loc 2157)²²⁸

Eram sinais que denotavam o processo de interrupção da Revolução, que havia começado, mas nunca veio realmente a se consolidar²²⁹. Essa parte de *Homage to Catalonia*, do retorno a Barcelona, funciona como um contraponto em relação à primeira visita de Orwell, narrada no capítulo I do livro. Corroborando a nossa hipótese do *para-si* de Orwell, fala John Newsinger: “a sua educação política

²²⁸ “Agora as coisas estavam voltando ao normal. Os restaurante e hotéis finos estavam cheios de gente rica, devorando refeições caras, enquanto para a população da classe trabalhadora os preços dos alimentos tinham subido enormemente, sem nenhum aumento correspondente nos salários. Fora a carestia de tudo, havia a escassez recorrente disso e daquilo que, é claro, sempre atingia os pobres mais do que os ricos. Os restaurantes e hotéis pareciam ter pouca dificuldade em conseguir o que quer que precisassem, mas nos bairros operários as filas para pão, azeite de oliva e outras necessidades eram de centenas de metros” (p.115).

²²⁹ HtoC, loc 2152.

começou no dia em que voltou à cidade”.²³⁰

Em Madrid, alvo principal de Franco, havia boatos de que as desigualdades não retornavam tão abertamente quanto em Barcelona. Para Orwell, isso se deveria à falsa sensação de segurança da capital catalã: “*A fat man eating quails while children are begging for bread is a disgusting sight, but you are less likely to see it when you are within sound of the guns.*”²³¹

As milícias, extintas por decreto do governo republicano, aos poucos se incorporavam ao recém-formado Exército Republicano e às Guardas de Assalto, o que significava o retorno ao padrão das forças armadas burguesas, ainda que não de maneira completa.

The officers of the new Popular Army, a type that had scarcely existed when I left Barcelona, swarmed in surprising numbers. [...] Their relation to their men was not quite the same as in a bourgeois army, but there was a definite social difference, expressed by the difference of pay and uniform. The men wore a kind of coarse brown overalls, the officers wore an elegant khaki uniform with a tight waist, like a British Army officer's uniform, only a little more so (HtoC, loc 2102)²³².

Isso representava uma quebra com o sistema de milícias, gestado na luta das ruas. Como Orwell bem relatou nos capítulos dedicados ao *front*, a organização e composição das colunas eram fruto de uma improvisação completa; não obedeciam a um comando central, respondendo diretamente aos líderes dos partidos e sindicatos, segundo um conteúdo programático ideológico que variava para cada milícia. Entre os milicianos – cujo *background* era majoritariamente proletário e urbano – havia também uma desconfiança perante os superiores. Ordens deveriam ser acatadas, mas

²³⁰ NEWSINGER, 2010, p.104.

²³¹ “Um gorducho comendo codornas, enquanto crianças mendigam por pão, é uma visão repugnante, mas menos provável de se ver quando se está ao alcance do som dos canhões” (p.117) HtoC, loc 2184.

²³² “Os oficiais do novo Exército Popular, um tipo que mal existia quando deixei Barcelona, pululavam em números surpreendentes. [...] A relação deles com os soldados não era a mesma que se dava em um exército burguês, mas havia uma diferença social definida, expressa na diferenças de salário e uniforme. Os soldados usavam um tipo rústico de macacão marrom, os oficiais usavam um uniforme cáqui elegante, com a cintura apertada, como o uniforme dos oficiais do Exército Britânico, só que um pouco mais apertado” (p.111).

poderiam ser debatidas e até mesmo rejeitadas. A relação com a hierarquia era baseada na liderança natural e no carisma dos oficiais. Militares de carreira, acostumados com a antiga cadeia vertical de comando, sofriam abusos dos milicianos e eram alvo frequente de chistes: *“En cierta ocasión, yo mismo fui tildado de fascista por un compañero que no soportaba mi costumbre burguesa de limpiarme los dientes”*, afirmou um oficial²³³.

Como disse o próprio Orwell: *“Everyone from general to private drew the same pay, ate the same food, wore the same clothes, and mingled on terms of complete equality. If you wanted to slap the general commanding the division on the back and ask him for a cigarette, you could do so”*²³⁴. Esse aparente caos provocou em Orwell, acostumado com a ideia burguesa de exército, um verdadeiro horror. Como é de costume seu, após passar alguns meses convivendo com os milicianos catalães e estrangeiros da 29ª Divisão do POUM, ele mudou a sua opinião sobre o sistema de milícias. Ele via nesse modelo igualitário uma grande vantagem em relação ao modelo tradicional: a disciplina, no sistema de milícias, era baseada na lealdade de classe, enquanto que em um exército burguês regular, é mantida pelo medo. Vejamos o seguinte excerto:

‘Revolutionary’ discipline depends on political consciousness – on an understanding of why orders must be obeyed; it takes time to diffuse this, but it also takes time to drill a man into an automaton on the barrack-square. The journalists who sneered at the militia-system seldom remembered that the militias had to hold the line while the Popular Army was training in the rear. And it is a tribute to the strength of ‘revolutionary’ discipline that the militias stayed in the field at all. For until about June 1937 there was nothing to keep them there, except class loyalty (HtoC, loc 1326)²³⁵.

²³³ “Em certa ocasião, eu mesmo fui chamado de fascista por um companheiro que não suportava o meu costume burguês de escovar os dentes” VILLARROYA in SABATÉ, VILLARROYA, 2005, p.131.

²³⁴ Todos, do general ao soldado raso, ganhavam o mesmo soldo, comiam a mesma comida, vestiam as mesmas roupas e conviviam em termos de igualdade total. Se você quisesse bater nas costas do general que comandava a divisão e pedir-lhe um cigarro, podia fazê-lo e ninguém acharia estranho” (p.51) HtoC, loc 1299.

²³⁵ “A disciplina ‘revolucionária’ depende da consciência política – de um entendimento do *porquê* das ordens deverem ser obedecidas; leva tempo para difundir isso, mas também leva tempo para treinar um homem na praça do quartel até se tornar um autômato. Os jornalistas que zombavam do sistema de milícias raramente se lembravam que elas tinham de defender a linha de frente, enquanto o Exército Popular era treinado na retaguarda. E é uma homenagem à força da disciplina ‘revolucionária’ o fato de as milícias terem permanecido no campo de batalha, de qualquer forma. Pois, até mais ou menos junho de 1937, não havia nada para mantê-las ali, a não ser a lealdade de classe” (p.53).

Aqui, além da adoção de Orwell aos princípios horizontais, de igualdade e camaradagem entre combatentes, percebemos também uma crítica à cobertura da imprensa comunista de viés estalinista, além da liberal burguesa – que era bastante parcial, senão inverídica, frente aos fatos noticiosos do *front* poumista e anarquista.

Nosso escritor elogia também a fibra moral dos milicianos: até junho de 1937 (época em que o POUM foi cassado), apenas a lealdade perante os companheiros de classe foi o que manteve íntegro o esforço de guerra. Concorda com Orwell o historiador Joan Villaroya: “*Magrat totes les deficiències [...] [as milícias] s'apoderaren d'una part considerable del territori aragonès i mantingueren aquest front durant molt de temps sense rebre durant molts mesos nou armament, ni lleuger ni pesat*”²³⁶.

Orwell notou também uma certa apatia, na população civil, em relação aos destinos da Guerra - talvez pela distância de Barcelona do *front* (à época, os bombardeios nazistas de 1938-1939 ainda não haviam começado). Para ele, isso seria também o resultado de uma desesperança por parte do proletariado em relação ao governo republicano: afinal, as milícias de partidos e sindicatos, que eram os porta-estandartes e vanguarda da Revolução em curso na Catalunha, perdiam a cada dia mais espaço nas decisões políticas.

Para o POUM e as CNT-FAI, não era possível diferenciar o esforço de guerra da Revolução, pois ambos possuem uma relação dialética; tal visão contrastava com a oficial, do comunismo estalinista, de “primeiro a guerra, depois a Revolução”. Como notara Orwell: “*(...) it was becoming more and more obvious that working-class control was a lost cause, and the common people, especially the town proletariat, who have to fill the ranks in any war, civil or foreign, could not be blamed for a certain apathy*”²³⁷.

²³⁶ “Apesar de todas as deficiências [...] [os milicianos] se apoderaram de uma parte considerável do território aragonês, e mantiveram aquele *front* durante muito tempo, sem que recebessem novos armamentos, leves ou pesados” VILLAROYA in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.134.

²³⁷ “[...] mas estava ficando cada vez mais óbvio que o controle da classe trabalhadora era uma causa perdida e as pessoas comuns, sobretudo o proletariado urbano, que têm de preencher as fileiras em qualquer guerra, civil ou

E não era apenas apatia que se percebia nas pessoas da cidade. As ruas estavam carregadas de tensão. Boatos corriam soltos, e apostava-se em quem iria fazer o primeiro movimento. Anarquistas e socialistas não-soviéticos contra comunistas, o governo republicano e a *Generalitat*. Em jogo, estava a continuidade ou não da Revolução.

Em suma, era o choque ideológico de forças aliadas, mas opostas, que em última instância se radicalizaram por perceber que não seria possível manter a coesão por muito mais tempo. Esses acirramentos resultaram em um confronto armado nas ruas de Barcelona – *uma pequena guerra civil dentro da Guerra Civil*.

Na manhã do dia 3 de maio de 1937, um grupo de cerca de 200 policiais das Guardas de Assalto da *Generalitat* cercou o edifício da *Telefónica*²³⁸ de Barcelona, situado na Praça de Catalunya. É uma praça central, que abriga diversos prédios públicos e privados de grande importância, na interseção entre o distrito planejado (e burguês) de L'Eixample e a Cidade Velha de Barcelona, próxima a artérias principais como o Paseig de Gràcia e a Rambla. O equivalente catalão à Praça da Sé, em São Paulo, ou ao Marco Zero, no Recife. Hoje em dia, é uma área de negócios e turismo, mas, à época da Guerra Civil, a região servia como sede improvisada dos partidos políticos e dos órgãos de governo da República. O prédio da *Telefónica* pertencia às forças sindicais anarquistas das CNT-FAI desde a derrota da sublevação Franquista, em julho de 1936, pelas milícias de trabalhadores, e esse pertencimento estava garantido legalmente por decreto da *Generalitat*. Segundo o decreto, todas as empresas com mais de 100 funcionários seriam coletivizadas, e o comando das mesmas seria entregue aos trabalhadores. À época, as CNT-FAI tomaram posse do prédio e da *Companhia Telefónica*. Era uma conquista de grande importância estratégica, visto que todas as ligações da região passavam por lá, inclusive as governamentais. Especula-se que um dos motivos para a ação da *Generalitat* seria

estrangeira, não poderiam ser culpadas por uma certa apatia” (p.112) HtoC, loc 2122.

²³⁸ Hoje em dia, a sede da *Telefónica* (que voltou a ser uma empresa privada) é um luxuoso arranha-céu na Avinguda Diagonal, próximo ao complexo das Olimpíadas de 1992, em El Poble Nou, região que vem sofrendo um processo de gentrificação. O antigo edifício da Praça de Catalunya hoje abriga o Mobile World Centre, um showroom de telefonia móvel.

uma retaliação à negligência de chamadas institucionais e possível espionagem por parte dos anarquistas.

As CNT-FAI compreenderam o cerco do edifício como uma provocação e ofereceram resistência. Eventualmente, percebendo que não teriam como sair da situação, entraram em acordo com o chefe da Conselheria de Ordem Pública, Eusebio Rodrigues Salas, e depuseram suas armas, não sem antes desperdiçar toda a munição atirando pelas janelas do edifício. Salas, um ex-militante anarquista, que também foi membro do BOC de Joaquim Maurín, mudou de lado e servia como membro do PSUC, comunista de viés soviético. Corriam boatos de que ele teria decidido tomar a *Telefónica* por conta própria, mas sabe-se que ele agiu sob ordens do ministro de Segurança Interior da *Generalitat*, Artemi Aiguader. Um acordo de cessar-fogo foi fechado entre representantes das CNT-FAI, Aiguader e Josep Tarradellas, líder do partido ERC²³⁹. Os anarquistas pediram a cabeça de Salas e Aiguader, mas isso não ocorreu. O acordo previa que todas as agressões, de ambas as partes, parassem. O que se sucedeu de fato, foi uma confusão generalizada. Nesse momento, as FAI se negaram a seguir a linha de não-agressão da CNT, e a “tocha revolucionária”²⁴⁰ foi tomada pelos elementos anarquistas mais radicais, sobretudo a FIJL (Juventude Anarquista). A classe trabalhadora iria se defender contra uma agressão e, mais uma vez, a mobilização orgânica contra a repressão tomaria corpo. Eram ecos de julho de 1936, mas agora o inimigo era outro. Para o historiador José Manuel Rúa, o ataque à *Telefónica* foi “*la gota que fêu vessar el got de la violència política i partidista pels carrers de Barcelona*”²⁴¹.

Boatos de que Salas havia sido capturado pelos anarquistas correram pela cidade; em retaliação, as milícias favoráveis à *Generalitat*, bem como as Guardas de Assalto, tomaram a região a leste das Ramblas, enquanto os anarquistas e o POUM tomaram conta da Região Oeste e dos subúrbios da cidade, construindo barricadas

²³⁹ Tarradellas, como líder da *Esquerra Republicana*, procurava servir como um fiel da balança entre as forças antagonistas dentro da Catalunha, sendo que, em última instância, seu partido estava alinhado com os comunistas do PSUC. Como vemos, ele falhou terrivelmente em seu trabalho de mediador.

²⁴⁰ THOMAS, 2001, p.638.

²⁴¹ “[...] a gota que fez transbordar o vaso da violência política e partidária pelas ruas de Barcelona” RÚA in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.437.

com o que havia de disponível (as pedras do calçamento das ruas). Como notou Orwell:

Looking out from the observatory, I could grasp that the Ramblas, which is one of the principal streets of the town, formed a dividing line. To the right of the Ramblas the working-class quarters were solidly Anarchist; to the left a confused fight was going on among the tortuous by-streets, but on that side the PSUC and the Assault Guards were more or less in control (HtoC, loc 2391)²⁴².

Orwell estava no hotel com sua mulher, Eileen, quando escutou rumores de que algo estaria acontecendo na Telefônica. À tarde, enquanto caminhava pela Rambla, viu um grupo de jovens anarquistas trocando tiros com um franco-atirador em um prédio²⁴³: *"I thought instantly: 'it's started!' But I thought it without any great feeling of surprise – for days past everyone had been expecting 'it' to start at any moment"*.²⁴⁴ O clima de tensão dos últimos tempos havia se transformado em fato. Após encontrar um colega que lhe explicou o que havia acontecido, Orwell se dirigiu até o Hotel Falcón, edifício expropriado pelo POUM, onde aguardaria ordens. No seguinte trecho de *Homage to Catalonia*, Orwell descreve em primeira mão o sentimento do povo, e o seu próprio, em relação ao conflito:

There was a general impression that the Assault Guards were 'after' the CNT and the working class generally. It was noticeable that, at this stage, no one seemed to put the blame on the Government. The poorer classes in Barcelona looked upon the Assault Guards as something rather resembling the Black and Tans²⁴⁵, and it seemed to be taken for granted that they had started this attack on their own initiative. Once I had

²⁴² “Havia uma impressão generalizada de que a Guarda de Assalto estava 'atrás' da CNT e da classe trabalhadora em geral. Era perceptível que, nesse estágio, ninguém parecia pôr a culpa no governo. As classes mais pobres de Barcelona encaravam a Guarda de Assalto como algo parecido com os Black and Tans, e pareciam ter certeza de que eles tinham começado aquele ataque por conta própria. Assim que me informei sobre o estado de coisas, senti a mente mais apaziguada. A questão estava bastante clara. De um lado, a CNT, do outro lado, a polícia. Não tenho nenhum amor especial pelo 'trabalhador' idealizado, do jeito que ele aparece na mente do comunista burguês, mas quando vejo um trabalhador real, de carne e osso, em confronto com seu inimigo natural, o policial, não preciso me perguntar de que lado estou” (p.124-125).

²⁴³ Hoje, sabe-se que o prédio era a torre octogonal da igreja Santa Maria del Pi.

²⁴⁴ HtoC, loc 2247.

²⁴⁵ Guarda do Império Britânico que atuou lutando contra o IRA (Irish Republican Army) durante a Guerra de Independência Irlandesa. Criada por Winston Churchill, era conhecida por promover ataques contra alvos civis.

heard how things stood I felt easier in my mind. The issue was clear enough. On one side the CNT, on the other side the police. I have no particular love for the idealised ‘worker’ as he appears in the bourgeois Communist’s mind, but when I see an actual flesh-and-blood worker in conflict with his natural enemy, the policeman, I do not have to ask myself which side I am on. (HtoC, loc 2286. Grifo nosso)

Esse é um dos momentos da narrativa que raramente é lembrado. Orwell estava, em última instância, - apesar do seu *background* imperial e burguês, do machismo típico da sua época – alinhado com as lutas da classe trabalhadora. As muitas leituras liberais e conservadoras da obra de Orwell ressaltam o seu anti-comunismo, mas parecem “esquecer” que ele nunca deixou de ser um socialista, ainda que relutante com as lutas partidárias e anti-soviético ao ponto de dedurar “bolcheviques”²⁴⁶ conhecidos seus para o governo britânico. Finalmente, não seriam essas leituras equivocadas uma maneira de se apropriar ideologicamente de George Orwell?

No Hotel Falcón, o caos havia se instalado: crianças e mulheres, que estavam na rua no momento em que os disparos começaram, procuraram refúgio no Hotel Falcón. Para piorar a situação, quase não havia armas no edifício. Os boatos corriam soltos: Salas, o comandante do ataque à *Telefónica*, teria sido preso. Na realidade, ele havia sido deposto do cargo.

No dia 4 de maio, Orwell saiu junto com outros companheiros para buscar alimento no Mercat de La Boquería, e para tentar entender melhor o que se passava. Nesse ínterim, encontrou Georges Kopp, que fora seu superior imediato no *front* aragonês e, de repente, perceberam estar no meio de uma batalha campal no quarteirão da sede executiva do POUM.

A confusão era generalizada. Dentro do POUM, não se sabia se os milicianos deveriam lutar contra o PSUC, UGT e as Guardas de Assalto (como defendiam os

²⁴⁶ Orwell fez uma lista de cerca de cem nomes, de pessoas conhecidas suas, que poderiam ser “*crypto-comunistas*”, ou comunistas “infiltrados”. Ele entregou essa lista ao órgão anti-soviético do Reino Unido, o IRD (Information Research Department) em 1948. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/orwells-little-list-leaves-the-left-gasping-for-more-1328633.html>> [Em inglês].

anarquistas radicalizados), ou se deveriam seguir o conselho dos líderes da CNT, notadamente Federica Montseny²⁴⁷ e García Oliver, que espalharam informes impressos e locuções de rádio, pedindo aos trabalhadores que voltasse à labuta e, aos milicianos, que não pegassem em armas. Essa tentativa de fazer cumprir o pacto de não-agressão mostrou-se, em suma, inútil. Eventualmente, os dirigentes do POUM tomaram a decisão de entrincheirarem-se como podiam, naquele conflito que se tornou uma verdadeira *guerra civil dentro da Guerra Civil*. Como disse o líder do partido, Julián Gorkin:

Nenhum de nós incitou as massas de Barcelona a agir desta maneira. É uma resposta espontânea a uma provocação estalinista. Este é o momento decisivo para a revolução. Ou nos colocamos à cabeça do movimento para destruir o inimigo interno, ou o movimento fracassará e o inimigo destruir-nos-á. Temos de escolher entre a revolução e a contra-revolução (NEWSINGER, 2010, p.107).

A posição do POUM estava então definida. Eles colocaram sentinelas nas janelas e topos de edifícios, patrulhas no perímetro e barricadas feitas com pedras de calçamento e brita. O que ocorreu é que vários desses prédios improvisadamente fortificados estavam próximos uns dos outros, e facções opostas ocupavam posições face a face. O prédio executivo do POUM é o atual Hotel Rivoli, localizado em Las Ramblas. Logo à sua esquerda, até hoje, existe um pequeno restaurante chamado Café Moka. Do outro lado da rua, há o Teatro Poliorama - à época um cinema -, e no meio, o passeio de pedestres que faz de Las Ramblas a grande atração turística que é.

No dia anterior, uma tropa de Guardas de Assalto ocupou o Café Moka e, depois que o conflito estourou, montou posição lá. Os membros do POUM compreenderam o evento como uma tentativa de invadir a sede do partido, e houve troca de tiros entre ambos. A essa altura, a executiva do partido havia dado ordem

²⁴⁷ Montseny foi uma líder anarquista das CNT-FAI, proeminente em seu trabalho com saúde pública, notadamente na área de direitos de reprodução. Foi Ministra da Saúde do governo de Largo Caballero, a partir de 1936 e, após o fim da Guerra, exilou-se na França. Dessa maneira, tornou-se a primeira ministra mulher da Espanha e uma das pioneiras no cargo, na Europa Ocidental. Ficou conhecida também pela relação polêmica, em termos ideológicos, com Emma Goldman.

para que seus militantes não provocassem conflitos, e retaliassem apenas em caso de ataque direto. Kopp habilmente percebeu que a troca de tiros porta-a-porta era fruto de uma confusão de ambos os lados, e interveio de maneira corajosa. Narrou Orwell:

He shouted to everyone to stand back from the doorway, and told us in several languages that we had got to avoid bloodshed. Then he stepped out onto the pavement and, in sight of the Assault Guards, ostentatiously took out his pistol and laid it on the ground. [...] It was a thing I would not have done for twenty pounds (HtoC, loc 2356)²⁴⁸.

Logo depois, Kopp conseguiu estabelecer uma trégua com os Guardas. Em sinal de empatia, realizaram o escambo de grades de cerveja do Café em troca de um rifle. Por toda a duração das Jornadas não haveria mais agressões entre os Guardas do Café Moka e os milicianos do POUM.

Ainda assim, seria necessário estabelecer um posto de vigilância para defender a sede do partido. Do outro lado da rua, no Teatro Poliorama, Orwell montaria guarda e passaria três dias e noites em vigília, no observatório do edifício, ocupando o seu tempo lendo livros da coleção Penguin que, por acaso, havia comprado há pouco, sentindo mais cansaço e tédio do que ansiedade ou medo.

No Hotel Continental, edifício coletivizado da *Generalitat* e zona neutra, Orwell encontrou desde um pretenso agente da polícia secreta russa, de apelido Charlie Chan, até famílias burguesas aparentemente simpáticas aos fascistas, bem como militantes do POUM e anarquistas.

Various people were infected with spy mania and were creeping round whispering that everyone else was a spy of the Communists, or the Trotskyists, or the Anarchists, or what-not. The fat Russian agent was cornering all the foreign refugees in turn and explaining plausibly that this whole affair was an Anarchist plot. I watched him with some interest, for it was the first time that I had seen a

²⁴⁸ “Gritou para todos se afastarem da entrada e nos disse, em várias línguas, que tínhamos de evitar derramamento de sangue. Depois, foi para a calçada e, à vista dos guardas de assalto, tirou sua pistola ostensivamente e colocou-a no chão. [...] Foi uma coisa que eu não teria feito por nenhum dinheiro no mundo” (p.130).

person whose profession was telling lies – unless one counts journalists²⁴⁹ (Htoc, loc 2523).

É interessante notar a contradição envolvida no desprezo com que Orwell tratava os jornalistas, visto que ele mesmo sobrevivia no seu dia-a-dia como um deles, publicando artigos de opinião em diferentes jornais e produzindo programas de rádio para o Serviço Indiano da BBC. De qualquer maneira, é mais pertinente compreendermos que ele estava se referindo aos maus profissionais, que agiam mais como propagandistas do que como repórteres de verdade, na cobertura do conflito espanhol: o chamado jornalismo “chapa-branca”.

“Esse é o tipo de coisa que acontece todo ano em Barcelona”, diziam as pessoas. A atitude, nas ruas, era a de que o conflito era apenas uma desavença entre anarquistas e a polícia da *Generalitat*. Orwell, de certa maneira, também comprou essa versão da história: “*in spite of the extent of the fighting and the number of casualties I believe this was nearer the truth than the official version which presented the affair as a planned rising*”.²⁵⁰

A guerra de propaganda corria na imprensa. O jornal anarquista *Solidaridad Obrera* um dia condenava o cerco à *Telefónica* e, no outro, convocava os trabalhadores a saírem das barricadas e voltarem a trabalhar. O periódico poumista, *La Batalla*, circulava a partir de uma gráfica secundária, visto que sua redação, indefesa, fora tomada pelos Guardas de Assalto. Os Amigos de Durruti fizeram circular um panfleto anunciando a formação de uma *junta*, que condenaria à morte todos aqueles envolvidos no ataque à Telefônica. Por outro lado, o jornal *Treball*, do PSUC, acusava o POUM de “trotskismo”, bem como de ter provocado a insurreição armada. De maneira semelhante, a UGT denunciou o partido de Orwell como

²⁴⁹ “Várias pessoas tinham sido infectadas pela mania de espionagem e se esgueiravam pelos cantos, sussurrando que todos os demais eram espiões dos comunistas, ou trotskistas, ou anarquistas, ou o que fosse. O agente russo gordo estava abordando todos os refugiados estrangeiros, um por vez, e explicando, de maneira plausível, que aquilo tudo resultava de uma trama anarquista. Observava-o com algum interesse, pois era a primeira vez que via uma pessoa cuja profissão era mentir – a menos que se incluíam os jornalistas” (p.141).

²⁵⁰ “Apesar da magnitude das batalhas e do número de baixas, acredito que isso estivesse mais próximo da verdade do que a versão oficial, que apresentava o caso como um levante planejado” (p.137) HtoC, loc 2454.

responsável por promover a “subversão”, comandada por elementos “contrarrevolucionários”.²⁵¹

Alguns diziam que a República mandaria tropas para ocupar Barcelona, e que a meio caminho forças do POUM e das CNT-FAI as interceptariam; outros, que o POUM estaria prestes a ser classificado como inimigo do Estado e perseguido. Destróieres da Marinha Britânica foram avistados adentrando o porto de Barcelona. Estariam eles prontos para atacar a cidade?

A história iria confirmar alguns desses boatos, e negar outros. Os destróieres foram deslocados para retirar de perigo os súditos da Coroa Britânica; o POUM, após os eventos das Jornadas de Maio, realmente viria a ser cassado; em Valência, cerca de cinco mil soldados²⁵² da Guarda Republicana marchariam até Barcelona para terminar o conflito – um acordo costurado às pressas entre o relutante primeiro-ministro Largo Caballero²⁵³ e o presidente da *Generalitat*, Lluys Companys.

Chegando ao sexto dia de maio, a cidade sofria com a greve geral: faltavam alimentos em todos os lugares. Mesmo nos hotéis mais chiques, as refeições bastavam-se a uma lata de sardinhas. Sentia-se principalmente a falta de pão, vinho e tabaco, esse último já escasso desde o início da Guerra, com a tomada das regiões espanholas produtoras de fumo pela Quinta Coluna Franquista.

Orwell comenta o que seria, para ele, o final simbólico do conflito, representando a derrota dos trabalhadores e militantes: no prédio da Telefônica, as cores rubro-negras da flâmula das CNT-FAI haviam sido substituídas pela *Estellada*, a bandeira nacional da Catalunha, representando o governo da *Generalitat*:

²⁵¹ RÚA in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.439.

²⁵² Há relatos de que cerca de quatro mil guardas de assalto chegaram de Valência por via terrestre, encontrando alguma resistência (anarquista, em sua maioria) no caminho. Três navios de guerra também foram mandados para Barcelona.

²⁵³ Largo era um líder sindicalista da UGT e proeminente figura do PSOE que era visto como um socialista moderado – ao menos em comparação com o POUM, por exemplo. Dentro do próprio partido, já havia sido chamado pejorativamente de “o segundo Lênin”, pelo comparativamente mais burguês, e companheiro de partido, Indalecio Prieto. Caballero foi criticado por ter demorado a agir para pôr um fim aos Confrontos de Maio. O seu governo como primeiro-ministro fora marcado pela sua relutância em agir de acordo com os interesses comunistas soviéticos, o que acabou por lhe custar o próprio cargo. Ele foi sucedido no poder por Juan Negrín.

Over the Telephone Exchange the Anarchist flag had been hauled down and only the Catalan flag was flying. That meant that the workers were definitely beaten; I realised – though, owing to my political ignorance, not so clearly as I ought to have done – that when the Government felt more sure of itself there would be reprisals. But at the time I was not interested in that aspect of things. All I felt was a profound relief that the devilish din of firing was over, and that one could buy some food and have a bit of rest and peace before going back to the front (Htoc, loc 2548)²⁵⁴.

Mesmo sob os efeitos da exaustão, a análise política da situação, feita por Orwell, foi correta: o fim das Jornadas de Maio resultaria em uma caça às bruxas que derrotaria de vez a incipiente Revolução Catalã.

O cansaço vencía os revolucionários, bem como o povo, faminto. Eventualmente, na madrugada do dia 7 de maio de 1937, chegavam de Valência os cinco mil homens do Exército Republicano, e as Jornadas acabavam. No dia 8, os trabalhadores já voltavam aos seus postos, e o comunicado de “retorno à normalidade” propagado pela CNT foi finalmente atendido. Por outro lado, começavam agora os expurgos e perseguições aos anarquistas e ao POUM. Como notou Orwell:

Next day the Valencian Assault Guards were everywhere, walking the streets like conquerors. There was no doubt that the Government was simply making a display of force in order to overawe a population which it already knew would not resist; if there had been any real fear of further outbreaks the Valencian Assault Guards would have been kept in barracks and not scattered through the streets in small bands. They were splendid troops, much the best I had seen in Spain, and, though I suppose they were in a sense ‘the enemy’, I could not help liking the look of them. But it was with a sort of amazement that I watched them strolling to and fro. I was used to the ragged, scarcely-armed militia on the Aragón front, and I had not known that the Republic possessed troops like these (HtoC, loc 2568)²⁵⁵.

²⁵⁴ “Lá na Companhia Telefônica, a bandeira anarquista fora retirada e apenas a bandeira catalã tremulava. Isso significava que os trabalhadores tinham sido definitivamente derrotados; compreendi – embora, devido à minha ignorância política, não com tanta clareza quanto deveria – que quando o governo se sentisse mais seguro de si, haveria represálias. Mas, naquele momento, não estava interessado nisso. Tudo que eu sentia era um profundo alívio, porque o alarido diabólico do tiroteio havia terminado e porque podia comprar alguma comida e ter um pouco de paz e de descanso antes de voltar ao front” (p.143).

²⁵⁵ “No dia seguinte, a Guarda de Assalto valenciana estava por toda parte, andando pelas ruas como conquistadores. Não havia dúvida de que o governo estava simplesmente fazendo uma exibição de poder, a fim de intimidar uma população que ele já sabia não poder mais resistir. Se houvesse qualquer medo real de novas revoltas, a Guarda de

Os dividendos políticos das Jornadas de Maio foram: a cassação do POUM, partido mais frágil dentro do espectro republicano, e a prisão de seus líderes; a queda do governo de Largo Caballero, visto como fraco, e a ascensão de Juan Negrín, conservador; o fortalecimento do poder dos comunistas soviéticos do PCE e do PSUC; a virtual nulificação da influência anarquista nas decisões da República. O saldo de vítimas fatais é, até hoje, discrepante. Na época, contabilizou-se entre 500 e 1000 pessoas mortas no conflito, enquanto que segundo fontes mais recentes, o número decresce para 218²⁵⁶ entre os dias três e oito de maio de 1937. Sobre o final das Jornadas de Maio, Hugh Thomas é categórico: “*May in Barcelona marked the end of the revolution. Henceforward, it was the republican state which was at war with the nationalist state, rather than revolution against rebellion*”²⁵⁷.

Para Eric Arthur Blair, os eventos desses dias significaram a cristalização de um sentimento anti-soviético e, ao mesmo tempo, o fortalecimento da ideia de que somente um governo da classe trabalhadora e para a classe trabalhadora poderia ser revolucionário. A partir do fim desta *guerra civil dentro da Guerra Civil*, Blair se tornaria Orwell – e deixaria para trás o escritor de *Down and Out in Paris and London* e *The Road to Wigan Pier*, que acreditava em um socialismo romântico. Depois daqueles dias de maio, George Orwell tomaria para si mesmo uma *vendetta* pessoal contra aqueles que arruinaram o sonho revolucionário da Catalunha de 1936-1937; combateria o comunismo de Stalin tão ou mais fortemente que os monarquistas, *Tories*, e conservadores do *Daily Mail*, de sua Inglaterra natal. Seria o Orwell que escreveria *Nineteen Eighty-Four* e *Animal Farm*, como romancista, e *Notes on Nationalism* e *Why I Write*, como ensaísta. Como disse o biógrafo John Newsinger, sobre as Jornadas de Maio:

Assalto valenciana teria sido mantida no quartel e não espalhada pelas ruas em pequenos grupos. Eram tropas esplêndidas, das melhores que vi na Espanha e, embora suponha que fosse, num certo sentido, 'o inimigo', não podia deixar de gostar da aparência delas. Mas foi com uma espécie de espanto que as observei passeando para lá e para cá. Estava acostumado à milícia esfarrapada e mal armada do front de Aragão e não sabia que a República possuía tropas assim” (p.143-144).

²⁵⁶ JULIÁ DÍAZ, Santos (Org.). *Víctimas de La Guerra Civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1999, p. 243.

²⁵⁷ “Maio, em Barcelona, marcou o fim da Revolução. A partir daí, era o Estado Republicano contra o Estado Nacionalista, em vez da Revolução contra a Rebelião” (THOMAS, 2001, p.643).

Este é um ponto fundamental para a compreensão do desenvolvimento das suas ideias políticas. Em grande medida, Orwell aceitou a tese a favor do adiamento da conclusão do processo revolucionário, mas o que, na prática, veio a suceder foi o empenhamento dos comunistas na sua reversão [...] Orwell opôs-se totalmente a isto. Não foi a recusa dos comunistas em completar a revolução durante a guerra que o alienou, mas sim a autêntica contra-revolução que levaram a cabo por trás das linhas republicanas (NEWSINGER, 2010, p.105).

Nas palavras de Orwell, através da personagem Winston Smith, *Nineteen Eighty-Four* Orwell: “*If there is hope, ’wrote Winston, ‘it lies in the proles*”²⁵⁸.

²⁵⁸ “‘Se há esperança’, escreveu Winston, ‘ela está nos proletários’” ORWELL, *The Complete Novels of George Orwell*, p.995.

4.2 O Fim da experiência espanhola

Os últimos três capítulos de *Homage to Catalonia* funcionam como o *dénouement* da narrativa. Após o clímax dos eventos das Jornadas de Maio, Orwell recebeu o chamado de volta ao *front*. Na região de Huesca, a milícia do POUM foi incorporada ao Exército Popular (hierárquico e centralizado), formando a 29ª Divisão. Georges Kopp foi promovido à patente de major e Orwell tornou-se um segundo tenente.

Após apenas cinco dias no *front*, no dia 20 de maio de 1937, Orwell sofreu um ferimento grave. Seus companheiros viviam admoestando-o pelo seu hábito de não agachar-se quando no parapeito da trincheira. Ora, Orwell era um homem de quase um metro e noventa de altura – um gigante para o padrão de estatura ibérico. Por sua vez, ele repetia que nunca seria atingido: “*Goodness knows how many times the Spanish standard of marksmanship has saved my life*”.²⁵⁹ Naquela manhã, Orwell contava um “causo” passado em um bordel parisiense quando, de repente, caiu estatelado no chão. Havia levado um tiro de rifle Mauser, e a bala de sete milímetros atravessara seu pescoço, entre a traquéia e a artéria carótida, de uma distância²⁶⁰ de cerca de 160 metros. Vejamos a descrição de Orwell do que sentiu, no momento:

Roughly speaking it was the sensation of being at the centre of an explosion. There seemed to be a loud bang and a blinding flash of light all round me, and I felt a tremendous shock – no pain, only a violent shock, such as you get from an electric terminal; with it a sense of utter weakness, a feeling of being stricken and shrivelled up to nothing (HtoC, loc 2735. Grifo nosso).²⁶¹

²⁵⁹ “Só Deus sabe quantas vezes o padrão de pontaria espanhol salvou minha vida” (p.60) HtoC, loc 1436.

²⁶⁰ BOWKER, 2003, p.221.

²⁶¹ “Era a sensação, digamos, de estar *no centro* de uma explosão. Tive a impressão de ter ouvido um grande estrondo e visto um clarão de luz ofuscante ao meu redor. Senti um choque tremendo – nenhuma dor, apenas um choque violento, como o de um terminal elétrico; junto com isso, uma sensação de fraqueza profunda, um sentimento de ter sido golpeado e reduzido a nada” (p.156).

É interessante compararmos o relato de Orwell de seu próprio ferimento, com a descrição de um elefante sucumbindo a um tiro, presente em um dos primeiros contos de nosso escritor, *Shooting an Elephant* (1936): “²⁶²*He neither stirred nor fell, but every line of his body had altered. He looked suddenly stricken, shrunk, immensely old, as though the frightful impact of the bullet had paralysed him without knocking him down ... he sagged to his knees*” [Grifo nosso].

No conto, um soldado da Polícia Imperial na Birmânia tem de acabar com a vida de um elefante descontrolado, que sai causando o caos pelo interior do país. Há suspeitas de que a história seja baseada em uma experiência vivida pelo próprio Orwell. Observemos que, em ambos os relatos, nosso escritor se utiliza do adjetivo *stricken*; também usa os sinônimos *shrivelled* e *shrunk*; além disso, a palavra *paralyzed*, e a comparação do impacto da bala com um choque elétrico, nos parecem semelhantes.

Orwell foi levado até o hospital de campanha, em Lleida²⁶³, no interior da Catalunha. Logo que chegou, milicianos do POUM lhe tomaram o revólver (que ele mesmo havia comprado), relógio, faca e lanterna elétrica. “São de maior utilidade no *front*”, foi o que lhe disseram. Da mesma maneira, encontrou um grupo de jovens recrutas que conheceu no *front*, e eles, de maneira tímida, lhe deram de presente todo o tabaco que tinham. Orwell notou: “*How typically Spanish! I discovered afterwards that you could not buy tobacco anywhere in the town and what they had given me was a week's ration*”²⁶⁴. Após alguns dias em Lleida, Orwell foi transferido para o Sanatorio Maurín, nas montanhas a oeste de Barcelona.

O ferimento por pouco não lhe tirou a vida. Ele ficou impossibilitado de falar, e

²⁶² “Ele não se mexeu ou caiu, mas cada linha de seu corpo se alterou. Subitamente, ele parecia atingido, diminuto, imensamente velho, como se o terrível impacto da bala o tivesse paralisado, mas sem derrubá-lo... ele caiu sobre seus joelhos” (ORWELL, *Shooting an Elephant & Other Stories*, 1950).

²⁶³ É interessante notar que, na versão original em inglês de *Homage to Catalonia*, todos os nomes próprios e topônimos originalmente catalães estão escritos na forma espanhola: a cidade de Lleida, como Lérida; Jaume como Jaime, Andreu como Andrés, etc. Na edição catalã, *Homenatge a Catalunya*, todos os nomes e topônimos foram vertidos à forma original.

²⁶⁴ “Típicamente espanhol! Soube depois que não se conseguia comprar fumo em nenhum lugar da cidade e o que tinham me dado era a ração de uma semana” (p.160) HtoC, loc 2796.

danos neurais impediram os movimentos de seu braço direito. Kopp escreveu uma carta detalhada sobre a situação de Orwell, endereçada ao irmão médico de Eileen, Lawrence O'Shaughnessy. Nela, lemos a seguinte passagem: “*Los dos médicos interesados por el caso son personas honradas, eficientes y totalmente civilizadas, y han conocido muchos casos parecidos desde que comenzó la guerra [...] casi todas las enfermeras son morenas*”²⁶⁵, observou o galanteador Kopp.

Apesar dos médicos terem dito a Orwell que nunca iria voltar a falar novamente, ele foi aos poucos se recuperando. Com o passar do tempo, a sua voz retornaria quase que completamente, ainda que com um timbre agudo e afetado, bastante rouco²⁶⁶. Orwell viria a trabalhar como produtor e locutor de rádio na BBC durante a Segunda Guerra Mundial, mas infelizmente não existem registros gravados da sua fala.

Após algumas semanas de recuperação, Orwell recebeu alta do Sanatório Maurín e, junto com a sua mulher, foi atrás da papelada necessária para desligar-se do serviço militar. Ferido, e frustrado com os caminhos da revolução, ele havia decidido voltar à Inglaterra. Até que, no dia 16 de junho de 1937, o POUM foi declarado extinto pela *Generalitat* e pelo Governo Republicano, e todos os seus membros entraram na ilegalidade, passando a ser perseguidos sob a suspeita de “trotskismo” e “conluio com o inimigo”.

O contexto político do Governo Republicano, após os eventos de maio, era desfavorável para o primeiro-ministro Francisco Largo Caballero. Criticado pela sua relutância em pôr fim ao conflito interno, ele via-se pressionado pelos comunistas e pela Rússia. Acabou renunciando. Em seu lugar, entrou Juan Negrín, médico e filho de uma família burguesa das Ilhas Canárias. Largo, que por profissão era um estucador, possuía raízes proletárias, e foi ligado ao sindicalismo, tendo sido um dos líderes da UGT. Negrín, ainda que socialista, era um moderado, mais afinado com os

²⁶⁵ “Os dois médicos que cuidam do caso são pessoas honradas, eficientes e totalmente civilizadas, e conheceram muitos casos parecidos desde o começo da guerra. [...] Quase todas as enfermeiras são morenas” *Carta de Georges Kopp a Lawrence O'Shaughnessy in Orwell en España*, 2003, p.56.

²⁶⁶ É curioso reparar que Orwell nasceu sem a capacidade de discernir tons musicais (o que os anglófonos chamam de *tone-deaf*) e essa característica, associada à sua voz falha e ao seus antigos problemas respiratórios, contribuíram para a sua dificuldade em relacionar-se em festas e ambientes sociais. BOWKER, 2003, p.222.

interesses das classes médias do que com os da classe trabalhadora. O historiador Hugh Thomas²⁶⁷ o descreve como um oportunista realista: um homem que faria qualquer sacrifício político para ganhar a guerra. Naquela conjuntura, isso significava uma aproximação com a União Soviética e com os partidos comunistas da Espanha. Como diria Thomas: “*His consequent relation with Russia resembled that of Faust with Mephistopheles*”²⁶⁸. Da mesma maneira, o biógrafo de Orwell Jean-Pierre Devroey²⁶⁹ afirma que Negrín, um homem vaidoso e ambicioso, não pensou duas vezes em atender às exigências dos soviéticos e pedir o fechamento da redação de *La Batalla*²⁷⁰, bem como a cassação do POUM. Em contrapartida, o também biógrafo de Orwell Robert Colls ressalta a importância de Negrín para a manutenção do esforço de guerra:

Juan Negrin was another man of talent. While Orwell was accusing his government of behaviour tantamount to Fascism (that is, accusing it of Fascism), the hapless Prime Minister [...] was deploying his considerable linguistic and diplomatic skills trying, unsuccessfully one has to admit, to raise French and British assistance to fight Fascists (COLLS, 2013, loc 1256).²⁷¹

É importante notar que Juan Negrín e George Orwell aparentemente se encontraram em Londres, no ano de 1940, quando o ex-primeiro-ministro estava no exílio, e nosso escritor era jornalista do *The Observer*. Eles conversaram sobre os caminhos da Guerra Civil, e Negrín ofereceu o seu lado do conflito entre as forças políticas da República. Vejamos um trecho do relato de Negrín sobre Orwell, em carta ao jornalista Herbert Matthews, que resenhou *Homage to Catalonia* para o jornal *Nation*:

²⁶⁷ THOMAS, 2001, p.649.

²⁶⁸ “Sua consequente relação com a Rússia era parecida com a de Fausto e Mefistófeles” (Idem).

²⁶⁹ DEVROEY, 1984, p.53.

²⁷⁰ A antiga sede do jornal *La Batalla* fica no Carrer dels Banys Nous, no coração do Bairro Gótico de Barcelona, parte medieval e antigo centro da cidade.

²⁷¹ “Juan Negrín foi um outro homem de talento. Enquanto Orwell acusava o seu governo de um comportamento análogo ao fascismo (isto é, acusando-o de fascista), o infeliz primeiro-ministro estava empregando os seus consideráveis talentos linguísticos e diplomáticos na tentativa infrutífera de conseguir a assistência francesa e britânica para lutar contra os Fascistas”.

[...] submitting lazily and without discernment to the atmosphere of the gregarious community in which he voluntarily and instinctively anchors himself, and so supremely honest and self-denying that he would not hesitate to change his mind once he perceived himself to be wrong... He came to the chaotic front of Aragon under the tutelage of a group *possibly* infiltrated by German agents [...] but *certainly* controlled by elements very allergic, not only to Stalinism but to anything that meant a united and supreme direction of the struggle under a common discipline (MATTHEWS, 1952 in MEYERS, 1975, p.149. **Grifo do autor**).²⁷²

Negrín confirmou, então, a sua visão negativa do POUM ao jornalista Matthews. A resposta do ex-primeiro-ministro foi publicada dois anos após a morte de Orwell, e não há relatos conhecidos da visão de Orwell sobre o encontro (se é que realmente ocorreu).

Na Barcelona de junho de 1937, a ressaca das Jornadas de Maio ainda produzia choques violentos, em uma onda de represálias que fez ao menos 58 vítimas conhecidas. O historiador Joan Manuel Rúa classificaria o resultado das Jornadas como a reorientação real do processo revolucionário na Catalunha, dissolvendo os seus instrumentos e moderando as suas aspirações²⁷³.

O *Partido Comunista de España* se aproveitou de uma CNT debilitada e alijada dos centros de poder na Catalunha, para tomar o controle da ordem pública e criar instituições de repressão, como o *Servicio de Información Militar* (SIM), polícia secreta aos moldes da NKVD russa. Dessa maneira, ao final do dia 16 de junho de 1937, ao menos 40 quadros do POUM foram detidos. Líderes importantes do partido foram presos, entre eles: Jordi Arquer, Julián Gorkin, Enric Androher (conhecido como Gironella), Pere Bonet e Josep Escuder. Notadamente, a principal figura do partido, Andreu Nin, foi preso e assassinado. A morte de Nin pode ser considerada

²⁷² “Submetendo-se preguiçosamente e sem discernimento à atmosfera da comunidade gregária em que voluntariamente e instintivamente se ancorou, e tão supremamente honesto e abnegado que não hesitaria em mudar o seu pensamento, uma vez que percebesse estar errado... Ele foi para o caótico *front* de Aragão sob a tutela de um grupo *possivelmente* infiltrado por agentes alemães [...] mas *certainmente* controlado por elementos bastante alérgicos, não apenas ao estalinismo, mas também a qualquer coisa que significasse uma direção suprema e unida do conflito sob uma disciplina comum”.

²⁷³ RÚA in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.441.

como um dos resultados mais emblemáticos das manipulações soviéticas na Espanha da Guerra Civil: a Operação Nikolai.

Orwell acabara de chegar a Barcelona pela primeira vez, quando uma nota foi publicada no jornal estatal russo *Pravda*: começaram os preparativos para eliminar os elementos trotskistas e anarcossindicalistas da Catalunha, e “essa tarefa deveria ser cumprida com a mesma energia com que foi feita na União Soviética”.²⁷⁴ Lembremos que os Julgamentos de Moscou estavam em pleno curso, naquele país.

A Operação foi encabeçada pelo húngaro Ernő Gerő, (pseudônimo de Ernst Moritsvotich Gere), bem como Alexander Orlov (Leva Lazarevitch Feldvin), alto dirigente da NKVD, e também por um russo-brasileiro, de codinome Juzik, identificado depois como José Escoy – que supervisionou diretamente o sequestro e posterior assassinato de Andreu Nin em uma caserna nos subúrbios de Madrid.

George Orwell também foi um alvo da Operação Nikolai. Harry Pollitt, o secretário do Partido Comunista britânico - a quem Orwell pediu assistência para entrar com segurança na Espanha – tinha como agente na Catalunha um londrino de nome Hugh O'Donnell²⁷⁵, que se misturou ao contingente do ILP em Barcelona.

Alguns dias depois da chegada de Orwell, em dezembro de 1936, o militante comunista inglês David Crook voluntariou-se para as Brigadas Internacionais, com o salvo-conduto de Harry Pollitt. Logo foi cooptado por agentes do Comintern, para ser treinado como espião na rede da Operação Nikolai. Curiosamente, Crook foi pupilo de ninguém menos que Ramón Mercader, que seria conhecido depois pelo assassinato de Leon Trotski no México, em 1940²⁷⁶. A Crook, foi dada a missão de infiltrar-se no ILP e fazer a vigilância de John McNair, Georges Kopp, e do casal Eric e Eileen Blair. Crook²⁷⁷, em suas memórias, descreveu Orwell como sendo “o membro mais popular do contingente inglês”²⁷⁸. Eventualmente, ele se aproximou de Orwell e sua mulher,

²⁷⁴ TORMO in SABATÉ, VILLAROYA, 2005, p.448.

²⁷⁵ É extremamente curioso percebermos que o codinome de O'Donnell era **O'Brien** – o mesmo nome da personagem de *Nineteen Eighty-Four* que fascina e engana o protagonista Winston Smith. De qualquer maneira, Orwell nunca teve conhecimento da rede de espionagem que lhe seguiu, o que faz disso uma das grandes e maravilhosas coincidências da literatura.

²⁷⁶ BOWKER, 2003, p.213.

²⁷⁷ É interessante notar que a palavra inglesa *crook* pode significar trapaceiro, ardiloso.

²⁷⁸ Idem, p.216.

tornando-se amigo de ambos.

Caminhando por Barcelona, Orwell descreveu o “clima de pesadelo” em que vivia a cidade:

It is not easy to convey the nightmare atmosphere of that time – the peculiar uneasiness produced by rumours that were always changing, by censored newspapers and the constant presence of armed men. It is not easy to convey it because, at the moment, the thing essential to such an atmosphere does not exist in England. In England political intolerance is not yet taken for granted.[...] It seemed only too natural in Barcelona. [...] It was as though some huge evil intelligence were brooding over the town. Everyone noticed it and remarked upon it. And it was queer how everyone expressed it in almost the same words: ‘The atmosphere of this place – it’s horrible. Like being in a lunatic asylum’ (HtoC, loc 2925)²⁷⁹.

Mais uma vez, vemos aqui um contraponto à atmosfera de camaradagem e igualdade que Orwell encontrou em sua primeira visita a Barcelona. Agora, com a Revolução derrotada, o que sobrava eram os *gangster-gramophones*, agentes infiltrados nos bares, cafés e sedes de partidos, verdadeira vanguarda do plano de Stalin para a Catalunha.

Uma campanha de difamação ocorria na cidade: os jornais publicavam artigos conclamando a população a entregar os “quinta-colunistas” do POUM; caricaturas comparavam os “trotskistas” a agentes de Hitler; listas com os nomes de membros do partido eram divulgadas. Muitos milicianos tiveram de mudar seus nomes, sair da cidade, ou até mesmo voltar ao *front*, sempre escondendo o passado político. A campanha difamatória também chegaria aos centros de instrução militar comandados por membros do PCE, de maneira que, pouco a pouco, a mensagem de “o POUM é contrarrevolucionário” estaria na boca do povo. Os membros do partido viveram uma

²⁷⁹ “Não é fácil transmitir a atmosfera de pesadelo daquela época – a apreensão peculiar produzida por boatos que estavam sempre mudando, pelos jornais censurados e pela presença constante de homens armados. Não é fácil transmiti-la, porque, no momento, a coisa essencial para uma atmosfera assim não existe na Inglaterra. Na Inglaterra, a intolerância política ainda não é um dado corriqueiro. [...] Parecia natural até demais em Barcelona. [...] Era como se alguma enorme inteligência do mal estivesse pairando sobre a cidade. Todo mundo notava isso e comentava. E era esquisita a forma como todos se expressavam, quase com as mesmas palavras. 'A atmosfera desse lugar é horrível. É como estar em um asilo de loucos'” (p.169-170).

verdadeira situação de psicose, suspeitando de tudo e todos, sempre com o medo de serem descobertos e detidos. Resumi Orwell:

It was all profoundly dismaying. What the devil was it all about? I could understand their suppressing the POUM, but what were they arresting people for? For nothing, so far as one could discover. Apparently the suppression of the POUM had a retrospective effect; the POUM was now illegal, and therefore one was breaking the law by having previously belonged to it. As usual, none of the arrested people had been charged (HtoC, loc 3034)²⁸⁰.

Orwell foi encontrar sua mulher Eileen Blair no Hotel Continental, onde ela estivera hospedada. Ao se encontrarem, Eileen sussurrou ao ouvido do marido: “Caia fora!”. Do lado de fora do hotel, ela lhe contou que, alguns dias antes, agentes da SIM invadiram o seu quarto e levaram todo tipo de papelada, incluindo os diários de Orwell, *media clipping*, cartas e até mesmo uma cópia da autobiografia de Adolf Hitler, *Mein Kampf*. Eileen conseguiu evitar que lhes fossem tirados os passaportes, além de outros documentos importantes, escondendo-os nos lençóis da cama. Os policiais espanhóis, aparentemente, não tiveram o despudor de expulsar uma dama de seu próprio leito. Orwell, interessantemente, “quebra a quarta parede”²⁸¹ mais uma vez em sua narrativa, e dirige-se aos leitores de *Wigan Pier*, seu último livro publicado na época:

(Incidentally, they took away a number of letters I had received from readers. Some of them had not been answered, and of course I have not the addresses. If anyone who wrote to me about my last book, and who did not get an answer, happens to read these lines, will he please accept this as an apology?) (HtoC, loc 3095)²⁸².

²⁸⁰ “Era tudo profundamente desanimador. O que afinal significava tudo isso? Podia compreender a cassação do POUM, mas estavam prendendo as pessoas para quê? Para nada, até onde se podia perceber. Aparentemente, a cassação do POUM tinha um efeito retrospectivo; o POUM agora era ilegal e, portanto, aquele que tivesse pertencido a ele antes estava violando a lei. Como sempre, nenhuma das pessoas presas fora indiciada” (p.177).

²⁸¹ Apropriamo-nos aqui da expressão utilizada no Teatro para se referir ao momento da peça em que os atores se dirigem diretamente ao público.

²⁸² “Incidentalmente, levaram uma quantidade de cartas que eu recebera dos leitores. Algumas delas não tinham sido respondidas e é claro que não tenho os endereços. Se alguém que me escreveu sobre meu último livro e não obteve resposta por acaso ler estas linhas, por favor aceite isso como um pedido de desculpas” (p.181-182).

Dessa maneira, Orwell, Eileen, John McNair e Stafford Cottman se encontraram no Consulado Britânico em Barcelona, onde descobriram que seriam necessários três dias para que a documentação exigida para sair da Espanha estivesse pronta. Sem lugar para ir, cada um separou-se e tomou o próprio rumo. Orwell utilizou-se da expertise ganha nas expedições mendicantes, narradas em *Down and Out in Paris and London*, e vagou pela cidade até encontrar um abrigo noturno nas ruínas de uma igreja, queimada pelos anarquistas nos primeiros dias da Revolução.

Orwell estava cansado, com fome, amedrontado e se recuperando de um ferimento grave. Na seguinte passagem, ele nos fala da sua incapacidade de conseguir analisar friamente os acontecimentos enquanto esses estão em curso, pois os problemas físicos do momento acabavam se sobrepondo:

I had had five days of tiresome journeys, sleeping in impossible places, my arm was hurting damnably, and now these fools were chasing me to and fro and I had got to sleep on the ground again. That was about as far as my thoughts went. I did not make any of the correct political reflections. I never do when things are happening. It seems to be always the case when I get mixed up in war or politics – I am conscious of nothing save physical discomfort and a deep desire for this damned nonsense to be over (HtoC, loc 3132)²⁸³.

No dia seguinte, Orwell foi informado da morte de seu companheiro de *front*, Bob Smillie. O jovem militante escocês havia sido preso alguns dias antes, e não era conhecida exatamente a causa do seu falecimento: alguns diziam que tinha sido por conta de uma apendicite não tratada; outros, que havia sido espancado até a morte, ou fuzilado. De qualquer maneira, Orwell, que foi muito próximo de Smillie, ficou traumatizado. É possível que a morte de Smillie tenha sido um catalizador emocional para o seu anti-estalinismo: segundo o biógrafo Gordon Bowker, “*If anything tipped*

²⁸³ “Eu passei cinco dias em viagens cansativas, dormindo em lugares inacreditáveis, meu braço doía danadamente e, agora, esses imbecis estavam me perseguindo para lá e para cá e eu tinha de dormir no chão outra vez. Esta era a distância que meus pensamentos podiam percorrer. Não fiz nenhuma das reflexões políticas corretas. Nunca faço quando as coisas estão acontecendo. Parece que isso sempre acontece quando me envolvo em guerra ou política – não tenho consciência de nada, a não ser do desconforto físico e de um desejo profundo de que essa maluquice desgraçada acabe” (p.184).

Orwell finally from a simple hostility to Stalinist Communism into a deep-dyed loathing of it, it was the death of Smillie”²⁸⁴.

Smillie's death is not a thing I can easily forgive. Here was this brave and gifted boy, who had thrown up his career at Glasgow University in order to come and fight against Fascism, and who, as I saw for myself, had done his job at the front with faultless courage and willingness; and all they could find to do with him was to fling him into jail and let him die like a neglected animal. I know that in the middle of a huge and bloody war it is no use making too much fuss over an individual death. [...] But what angers one about a death like this is its utter pointlessness. [...] I fail to see how this kind of thing – and it is not as though Smillie's case were exceptional – brought victory any nearer (HtoC, loc 3184. Grifo nosso)²⁸⁵.

Incógnito, Orwell foi visitar o amigo e superior, Georges Kopp, na Prisão Modelo de Barcelona, local que viria a receber a maioria dos estrangeiros feitos prisioneiros políticos pelos comunistas. Segundo o relato de um dos membros do ILP que visitou a Prisão: “a Modelo era uma autêntica Internacional dos prisioneiros [...] [eles] entoaram duas canções da CNT, seguidas pela 'Internacional', terminando com vivas entusiastas à CNT, à FAI e ao POUM”²⁸⁶. Além disso, as condições de vida na prisão eram bastante ruins, com celas abarrotadas, sujas e malcheirosas. Orwell comparou-a a uma prisão inglesa do século XVIII. Kopp pediu a Orwell que entregasse a um oficial da *Generalitat* uma carta de recomendação, que potencialmente o poderia livrar da cadeia. Orwell narra, então, os périclos para tentar encontrar o tal oficial. Após muito caminhar pela cidade de Barcelona e enfrentar entraves burocráticos, ele conseguiu uma audiência com um outro oficial, que lhe atendeu de maneira cordial, ainda que Orwell lhe houvesse dito que fazia

²⁸⁴ “Se alguma coisa fez a visão de Orwell do comunismo estalinista passar de uma simples hostilidade, para um profundo ódio da mesma, foi a morte de Smillie” BOWKER, 2003, p.223.

²⁸⁵ “A morte de Smillie não é algo que eu possa facilmente perdoar. Aqui estava este rapaz de talento e coragem, que renunciara à carreira na universidade de Glasgow, para vir lutar contra o fascismo e que, como vi por mim mesmo, fizera seu trabalho na frente de batalha com vontade e coragem irreprocháveis. E tudo o que conseguiram fazer com ele foi jogá-lo na cadeia e deixá-lo morrer como um animal abandonado. Sei que no meio de uma guerra enorme e sangrenta não adianta fazer muita confusão por causa de uma única morte. [...] Mas o que me enraivece acerca de uma morte é a sua completa falta de sentido. [...] Não consigo enxergar como esse tipo de coisa – e não se trata, no caso de Smillie, de um caso excepcional – contribuía para a vitória” (p.188).

²⁸⁶ NEWSINGER, 2010, p.112.

parte do POUM. Nada se sucedeu, e Kopp passaria 18 meses sendo interrogado e torturado por agentes da polícia secreta espanhola. Em 1939, ele conseguiu fugir para a Inglaterra, ficando hospedado com o cunhado de Orwell, Lawrence²⁸⁷. Curiosamente, David Crook, o espião comunista que se passou por amigo dos Blair, esteve preso na mesma cela de Kopp, como uma maneira de interceptar as cartas que o superior de Orwell mandava para o POUM.

Perseguido pelas forças republicanas, com a ilegalidade do POUM, após passar dias se escondendo e dormindo ao relento, Orwell embarcou em um trem no dia 23 de junho de 1937, ao lado de sua esposa Eileen e dos compatriotas Stafford Cottman e John McNair, cruzando a fronteira dos Pirineus. Após um tempo se recuperando na cidade francesa de Banyuls-sur-Mer²⁸⁸ (onde descreveu um clima “pouco amigável” com os viajantes provenientes de Barcelona), ele retornou à Inglaterra. No último parágrafo de *Homage to Catalonia*, visualizamos uma característica de nosso autor que contribuiu para o apelido de “profeta”:

Down here it was still the England I had known in my childhood: the railway-cuttings smothered in wild flowers, the deep meadows where the great shining horses browse and meditate, the slow-moving streams bordered by willows, the green bosoms of the elms, the larkspurs in the cottage gardens; and then the huge peaceful wilderness of outer London, the barges on the miry river, the familiar streets, the posters telling of cricket matches and Royal weddings, the men in bowler hats, the pigeons in Trafalgar Square, the red buses, the blue policemen – all sleeping the deep, deep sleep of England, from which I sometimes fear that we shall never wake till we are jerked out of it by the roar of bombs (HtoC, loc 3404).²⁸⁹

²⁸⁷ Kopp ainda lutaria na Segunda Guerra Mundial com a Legião Estrangeira francesa. Após ser dispensado por questões de saúde, voltou a trabalhar como engenheiro em Marselha, também atuando como espião para o Serviço de Inteligência Britânico. Kopp casou-se com Doreen Hunton, a irmã da mulher de Lawrence O'Shaughnessy (irmão de Eileen e cunhado de Orwell), e viveu seus últimos dias como fazendeiro na Escócia. Morreu em 1951, um ano após Orwell, por complicações de seus ferimentos de guerra.

²⁸⁸ Banyuls-sur-Mer faz parte da região historicamente conhecida como Catalunya Nord (“Catalunha do Norte”), sendo uma cidade costeira próxima da fronteira entre França e Espanha. Em catalão, é conhecida como Banyuls-la-Marenda.

²⁸⁹ “Aqui ainda era a Inglaterra que conheci em minha infância: os trilhos da ferrovia cobertos por flores selvagens, os profundos prados onde os grandes e lustrosos cavalos pranceiam e meditam, os lentos córregos bordeados por salgueiros, os verdes seios dos olmos, as esporas nos jardins dos chalés; e então a grande e pacífica natureza da Grande Londres, as barcas no rio enlameado, as familiares ruas, os pôsteres avisando de partidas de críquete e de casamentos reais, os homens de chapéus-côco, os pombos na Praça Trafalgar, os ônibus vermelhos, os policiais de azul – todos dormindo o profundo, profundo sono da Inglaterra, do qual eu às vezes receio nunca despertarmos, até sermos sacudidos pelo rugir das bombas” (p.203).

O capítulo final do livro é especialmente descritivo: a riqueza de detalhes com que Orwell narra as paisagens inglesas, seus riachos e árvores, nos lembra outro escritor britânico que padecia de um certo bucolismo, ainda que excessivamente descritivo – J.R.R. Tolkien. O tom nostálgico reflete o estado de espírito da “personagem-Orwell” naquele momento. É interessante ressaltar também que algumas páginas atrás, ainda em Banyuls, o relato possuía outras cores: “*It sounds like lunacy, but the thing that both of us wanted was to be back in Spain. Though it could have done no good to anybody, might indeed have done serious harm, both of us wished that we had stayed to be imprisoned along with the others.*”²⁹⁰ É de se esperar que Orwell, enquanto miliciano e *visitante* se sentisse culpado por deixar os colegas de luta à mercê da perseguição soviética e, posteriormente, fascista.

Ainda assim, é perceptível o alívio de Eric Blair em retornar ao seio familiar, após seis meses de privação, fome e frio, um ferimento à bala na garganta e, especialmente, o terror psicológico. É difícil – mesmo para um leitor com uma visão ideológica contrária à do escritor – julgar Orwell por ter “abandonado” a Espanha e os colegas do POUM. Mais uma vez, a *honestidade brutal* tão peculiar ao nosso escritor revela uma humanidade universal, que poderia provocar no leitor uma identificação: “Se fosse comigo, eu faria o mesmo”.

Mas o ponto crucial da passagem que estamos estudando é o final: “[...] todos dormindo o profundo, profundo sono da Inglaterra, do qual eu às vezes receio nunca despertarmos, até sermos sacudidos pelo rugir das bombas”.

Lembremo-nos: o que ocorreu pouco mais de um ano após a publicação de *Homage to Catalonia*? A invasão da Polônia por Hitler em 1939 e, a partir de setembro de 1940 até maio de 1941, o bombardeio de Londres e de outras cidades inglesas pela *Luftwaffe* nazista, no período que foi conhecido como *The Blitz*.

Essa característica de “profeta”, que parece existir em Orwell, pode muito bem

²⁹⁰ “Pode soar como loucura, mas o que nós dois [Orwell e a esposa] gostaríamos mesmo é de estar de volta à Espanha.” Apesar de que não seria de bom grado para ninguém, na verdade nos provocaria grande dano, ambos desejávamos que estivéssemos aprisionados com os outros” (p.201) HtoC, loc 3378.

ser definida como as observações pertinentes de um olhar político arguto. Como disse Christopher Hitchens:

When Nixon and Kissinger went to China, which they more than once had threatened with nuclear attack, and proclaimed that Washington and Beijing were henceforth allies against the Soviet empire, I had already read the news by virtue of studying the abrupt shifts of allegiance between Oceania, Eurasia and Eastasia (HITCHENS, 2002, p.87-88).²⁹¹

Aqui, Hitchens se refere à visita de 1972 do então presidente dos EUA, Richard Nixon, e de seu secretário de estado, Henry Kissinger, à República Popular da China, onde reataram laços com o governo de Mao Zedong após 25 anos sem relações diplomáticas oficiais. O encontro marcou uma reviravolta no panorama político, com a aproximação entre China e Estados Unidos e o distanciamento do País do Meio da União Soviética. *Oceania*, *Eurasia* e *Eastasia* são estados ficcionais no futuro distópico de “*Nineteen Eighty-Four*” que, em uma eterna “Guerra Fria”, se revezam enquanto aliados e inimigos em uma dança das cadeiras política.

Orwell foi julgado *in absentia* em 13 de julho de 1937. Boa parte das “provas” contra ele foram conseguidas por David Crook, e pela rede de espionagem da qual fez parte, a Operação Nikolai. O julgamento não resultou em nada, pois nosso escritor já estava na segurança do lar. Apesar de toda a desgraça que presenciou, da perseguição política e do assassinato dos companheiros, Orwell conseguiu reter uma imagem da Espanha, em última instância, positiva. Ficou, para ele, a imagem do miliciano italiano, que encontrou em seus primeiros dias em Barcelona: “[ele] simboliza para mim a flor da classe trabalhadora europeia, perseguida pela polícia de todos os países, pessoas que vão lotar as valas comuns dos campos de batalhas espanhóis e estão agora, atingindo a soma de vários milhões, apodrecendo nos campos de trabalhos

²⁹¹ “Quando Nixon e Kissinger foram à China – um país a que mais de uma vez ameaçaram com ataques nucleares -, e proclamaram que Washington e Beijing seriam, a partir daí, aliados contra o Império Soviético, eu já havia lido as notícias por meio do estudo das abruptas mudanças de alianças entre Oceania, Eurásia e Lestásia”.

forçados”²⁹². Orwell dedicou ao miliciano inominado um poema. Leiamos o seu último verso.

Mas o que vi em seu rosto
Nenhum poder consegue deserdar
Nenhuma bomba irá jamais
Quebrar o espírito de cristal.²⁹³

²⁹² ORWELL, *Recordando a Guerra Civil Espanhola*, 2006, p.286.

²⁹³ Idem.

4.3 Em defesa de Orwell contra seus admiradores²⁹⁴

“Falar é expôr-se ao risco da morte, pela recusa da violência.”
Ramon Llull, sábio e filósofo catalão.

Pobres são os escritores, que têm as suas obras arrancadas de si, após a morte. Tantos são aqueles que, em vida, atravessam noite e enchente para escrever, publicar e, essencialmente, sobreviver. George Orwell não foi muito diferente. Além das variadas profissões pelas quais passou (lavador de pratos, soldado colonial, proprietário de uma vendinha), Orwell sustentava-se como jornalista, vendendo artigos e resenhas para jornais e revistas, bem como produzindo programas de rádio para o Serviço Indiano da British Broadcasting Corporation (BBC). O dinheiro que ganhou com a publicação de seus livros, em vida, foi pouco: por *Homage to Catalonia*, por exemplo, a editora Secker & Warburg lhe pagou um adiantamento de 150 libras, enquanto que os *royalties* que recebeu provavelmente não passaram de 130 libras²⁹⁵.

O evento da publicação do volume sobre a Espanha, à sua época, foi tudo menos afortunado. Cerca de mil e quinhentas cópias foram impressas na primeira edição, de abril de 1938, e uma boa parte foi destruída durante a Segunda Guerra em um bombardeio na editora, que também arrasou com a matriz. Da mesma maneira, a repercussão do livro não foi grandiosa. Segundo o editor Warburg, “*it caused barely a ripple on the political pond. It was ignored or hectored into failure*”.²⁹⁶ O fato de Warburg levantar a hipótese de ser “conduzido ao fracasso” é sintomático da atmosfera de “crime ideológico” que carregava *Homage to Catalonia*. A obra foi rejeitada por Victor Gollancz, o editor de *Down and Out in Paris and London* e *The Road to Wigan Pier*, por ser demasiado “polêmica”. Seu conteúdo, afinal, entrava em contradição com o discurso pró-soviético de boa parte da Esquerda britânica da

²⁹⁴ Aqui tomo emprestado o título de um dos capítulos da Tese de Doutorado de meu orientador, Daniel Puglia, originalmente “Em Defesa de Dickens Contra Seus Admiradores” PUGLIA, D. Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo. São Paulo: Serviço de Comunicação Social - FFLCH/USP, 2008. 109 p.

²⁹⁵ DAVISON, Peter. George Orwell: a literary life. London: Macmillan Press, 1996, p.87.

²⁹⁶ “Causou nada mais do que uma pequena perturbação na superfície do lago político. Foi ignorado, ou levado a ser um fracasso.” (Idem)

época.

Após a morte de Orwell, em 1950, a realidade foi outra. Com o sucesso póstumo de *“Nineteen Eighty-Four”*, suas obras passadas receberam novas edições e foram traduzidas em variadas línguas. Com o advento da Guerra Fria, seus escritos sobre o totalitarismo e seu pensamento político passam a ser validados, tanto pela Esquerda não alinhada à URSS, quanto pelos conservadores da Direita. O passar das décadas revelou em Orwell um verdadeiro “profeta”.

Nesta parte do capítulo, gostaríamos de estudar quatro visões distintas de George Orwell, que representam posições diferentes dentro do espectro político. Raymond Williams, teórico do materialismo cultural e socialista; Christopher Hitchens, ex-trotskista mais conhecido por suas visões ateístas radicais e por ter se aproximado do libertarianismo de Direita em seus últimos anos; Norman Podhoretz, ensaísta neoconservador conhecido pela retórica anti-comunista; e John Rodden, jovem crítico literário e especialista na obra de Orwell. Nos baseamos nas respectivas obras dos autores: *Orwell*, de 1971; *Why Orwell Matters*, de 2002; o ensaio *If Orwell Were Alive Today*, de 1984; bem como o livro *The Cambridge Introduction to George Orwell*, de 2012. As obras refletem diferentes correntes de pensamento, e estão contextualizadas em momentos particulares da história.

George Orwell e Eric Arthur Blair são facetas de um mesmo indivíduo. Um é pragmático, o outro um romântico fervoroso. O primeiro tende para o socialismo, mesmo que não tenha muita ideia de "qual" deles. O segundo quer ordem, progresso, e civilização.

Ele é um revolucionário que foi apropriado por contra-revolucionários. É um homem que ama as mulheres, e ao mesmo tempo as vê como menos capazes. É um romancista que escreveu artigos de opinião, um escritor que é jornalista. Na pessoa de Orwell, encontramos a síntese das contradições entre as tradições do empreendedorismo capitalista, imperial e nacionalista inglês com o revolucionário passional, humanista e popular, que cristalizou-se a partir das suas experiências na Espanha.

Os “exílios” auto-impostos por Orwell, para conhecer em primeira mão, e *viver* a experiência do outro, eram como “expições” de seu passado pequeno-burguês e imperialista, uma rejeição consciente à sua classe social. Lavar pratos em hotéis e vagar com mendigos, como aponta Williams²⁹⁷, eram atitudes passivas, pessoais. Ao passo que permitiram a Orwell saciar o que começou como uma curiosidade (ou talvez não: essa *busca* pelo outro foi algo que manteve até o fim de sua vida), essas atividades não geraram por si mesmas divididendo políticos ou sociais. Foi apenas com a atitude de largar o doce torpor da Inglaterra, penetrar em uma cultura desconhecida e lutar pela causa da República que Eric Blair potencializou o germe inicial de sua jornada. Transformou-a em um militância, uma atitude concreta junto ao coletivo.

Como sabemos, a Guerra da Espanha foi um fracasso para os Republicanos. Franco derrubou tanto as pretensões revolucionárias da classe trabalhadora, como o projeto de poder da burguesia aliada à URSS. No final, a classe trabalhadora – especialmente a catalã, basca e galega, cujas identidades nacionais foram negadas e perseguidas – foi a que mais sofreu, pois o *status quo*, baseado na correlação entre as forças burguesas e fascistas, oprimiu o proletariado durante quatro décadas de ditadura.

O conflito espanhol terminou sendo para Orwell um despertar *para-si*. Com as suas observações e vivências dos conflitos internecinos da República, acabou comprando uma briga em que estaria envolvido até o fim da vida: a luta contra o totalitarismo, seja ele de direita ou esquerda.

Williams sustenta que o germe que deu origem ao comentário sobre o totalitarismo – notadamente presente na parte ficcional posterior da obra de Orwell (*Animal Farm*” e *Nineteen Eighty-Four*) foi, inicial e essencialmente, uma reação ao fascismo:

²⁹⁷ WILLIAMS, 1971, p.56-57.

It was fascist propaganda, and such pro-Franco propaganda as that of the *Daily Mail* and the *Catholic Herald*, which led him to reflect that 'the very concept of objective truth is fading out of the world' [CEJL, II, 258]. And it was from Nazi theory that he drew the concept of 'a nightmare world in which the Leader, or some ruling clique, controls not only the future but the past [...] These direct anticipations of *Nineteen Eighty-Four* are primarily responses to fascism, and the 're-institution of slavery', which he also sees happening, is based on the Nazi labour-camps. Nothing could be more false than the quite general idea that Orwell returned from Spain a disillusioned socialist, who then gave his energy to warnings against a totalitarian socialist future. [WILLIAMS, 1971, p.60-61. Grifo nosso]²⁹⁸

Devemos notar aqui que a proposição final é verdadeira: Orwell jamais demonstrou qualquer desilusão em relação às suas convicções socialista-democráticas; se ele frustrou-se, foi com aqueles que imaginava estarem deturpando a ideologia, os agentes provocadores e propagandistas. Ainda assim, é importante não negarmos que *Animal Farm* e *Nineteen Eighty-Four* contém claramente alegorias à experiência soviética: vejamos, como um exemplo, a demonização do personagem de Immanuel Goldstein (baseado em Leon Trotsky) conduzida pelo governo da Oceania (URSS) e por Big Brother (Josif Stálin)²⁹⁹.

É interessante notar que Christopher Hitchens interpreta a suposta “falta de vontade” de Williams em apontar o dedo para o comunismo soviético como negligência, ou até mesmo conivência. É como se Hitchens esperasse de Williams um *j'accuse* instantâneo. Williams, que Hitchens descreve como seu “principal ofendedor”³⁰⁰, estaria, à época da escrita do livro *Culture and Society* (1958) ainda alinhado ao regime comunista: “*and of Stalin's 'community', at that epoch, Williams*

²⁹⁸ “Era a propaganda fascista, e propaganda pró-Franquista como a dos jornais *Daily Mail* e *Catholic Herald*, que o fizeram refletir que 'o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo'. E foi da teoiza nazista que ele tirou o conceito de 'um mundo de pesadelos em que o Líder, ou alguma elite dominante, controla não apenas o futuro como o passado' [...] Essas antecipações diretas de 1984 são, primeiramente, respostas ao fascismo, e a 're-instituição da escravidão', que ele também viu ocorrer, é baseada nos campos de trabalho forçado dos nazistas. Nada poderia ser mais falso do que a ideia genérica de que Orwell voltou da Espanha como um socialista desiludido, que então entregou a sua energia aos avisos contra um futuro socialista totalitário”.

²⁹⁹ TAVARES, 2013, p.26.

³⁰⁰ HITCHENS, 2002, p.44.

formed an organic part”³⁰¹.

Por um outro lado, em certa passagem do livro *Why Orwell Matters*, Hitchens concorda com Williams em relação ao caráter formador em Orwell da experiência espanhola – ao passo que aponta o comunismo como o principal alvo da crítica ao totalitarismo feita por Eric Blair:

[...] the transcendent or crystalizing moment undoubtedly occurred in Spain, or at any rate in Catalonia. This was where Orwell suffered the premonitory pangs of a man living under a police regime: a police regime ruling in the name of socialism and the people. (HITCHENS, 2002, p. 55)³⁰²

A contradição de Hitchens é que, ao mesmo tempo em que condena a apropriação de Orwell tanto pela Esquerda quanto pela Direita, ele mesmo se apropria do escritor. Ao ressaltar o individualismo e a postura inconformada de nosso escritor, Hitchens projeta a si mesmo na figura de Orwell. No mesmo volume, por exemplo, ele reproduz³⁰³ uma passagem do ensaio *Notes on Nationalism* (1953), em que Orwell critica a desconfiança dos intelectuais da esquerda de sua época (anos 1940) perante os governos britânico e norte-americano. Hitchens utiliza a passagem para comentar sobre a aparente relutância da esquerda dos anos 2000 em demonizar o grupo terrorista Al-Qaeda, logo após os eventos de Onze de Setembro de 2001. Hitchens, que era um partidário da Guerra do Afeganistão e do Iraque, se utiliza de Orwell, de maneira descontextualizada, para legitimar uma opinião política pessoal.

É levemente irônico notarmos que Orwell, no mesmo ensaio *Notes on Nationalism*, profere as seguintes palavras: “*political or military commentators, like astrologers, can survive almost any mistake, because their more devoted followers do not look for them for an appraisal of the facts but for the stimulation of nationalistic sympathies*” [Grifo nosso]³⁰⁴.

³⁰¹ “E da 'comunidade' de Stalin, naquela época, Williams era uma parte orgânica” Idem, p.52.

³⁰² “O transcendente e cristalizador momento sem dúvida aconteceu na Espanha, ou na Catalunha. Foi aí que Orwell sofreu os tormentos premonitórios de um homem vivendo em um regime policial, governando em nome do socialismo e do povo”.

³⁰³ Ibidem, nota de rodapé da p.12.

³⁰⁴ “Comentaristas políticos ou militares, como astrólogos, podem sobreviver a quase qualquer erro, pois os seus mais devotos seguidores não procuram neles uma apreciação dos fatos, mas a estimulação de lealdades nacionalistas” ORWELL, *Notes on Nationalism*, Londres: Secker & Warburg, 1953, p.45.

De maneira semelhante, o jornalista americano Norman Podhoretz vê em Orwell uma espécie de “Lázaro Liberal” que, ressuscitado em plena década de 1980, tomaria em mãos o seu rifle Mauser e faria parte da vanguarda do pensamento neoconservador, tão em voga naquela década:

It is largely because of Orwell's relation to the Left-wing intelligentsia that I believe that he would have been a neoconservative if he were alive today. I would even suggest he was a forerunner of neoconservatism in having been one of the first in a long line of originally Left-wing intellectuals who have come to discover more saving political and moral wisdom in the instincts and mores of 'ordinary' people than in ideas and attitudes of the intelligentsia. (PODHORETZ, 2004, p.220. Grifo nosso)³⁰⁵

É necessário ressaltar mais uma vez que, Orwell nunca deixou de filiar-se à esquerda. Como disse no ensaio *Why I Write*, de 1946, a Guerra Civil Espanhola pesou na balança, e a partir de então: “Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, *contra* o totalitarismo e *a favor* do socialismo democrata, da forma que eu o entendo”³⁰⁶ [Grifo do autor]. Da mesma maneira, Podhoretz distorce a visão de *common decency* de Orwell, que partia do pressuposto de que os valores da classe trabalhadora deveriam ser proeminentes em uma revolução, necessariamente socialista.

O pesquisador norte-americano John Rodden tece um comentário bastante pertinente sobre o “roubo do manto” de Orwell, por parte de autores que pertencem a diferentes e discrepantes partes do espectro político:

Even though the question “If Orwell were alive today” is impossible to answer, the social psychology that drives us to ask this question recurrently is quite understandable.[...] All kinds of people have been robbing his grave and quoting him out of context, almost as if his writings are

³⁰⁵ “É especialmente por causa da relação de Orwell com a *intelligentsia* de esquerda, que eu acredito que ele seria um neoconservador, se estivesse vivo hoje em dia. Eu poderia até mesmo sugerir que ele seria um precursor do neoconservadorismo, por ser um dos primeiros, em uma longa linhagem de intelectuais originalmente de esquerda que viriam descobrir sabedorias morais e políticas nos instintos e costumes das 'pessoas comuns', do que nas ideias e atitudes da *intelligentsia*”.

³⁰⁶ ORWELL, 2005, p.28.

sacred scripture. Obviously, the question as to what Orwell would say if he were alive today is on its face absurd (RODDEN, 2012, loc 2811. Grifo nosso)³⁰⁷.

Finalmente, na mesma linha, Williams afirma categoricamente: *“It would be easy but pointless to start a quarrel over Orwell's inheritance [...] No useful analysis can go in for that. There has been too much of it already, in everything from anecdote to impersonation. 'Father Knew George Orwell' is a cracked old song”*³⁰⁸.

O que nós gostaríamos de esclarecer é que, apesar de Orwell ter um pensamento demasiado rico, complexo, e por vezes contraditório, ele afirmou muito claramente quais eram as suas posições políticas, e em que lugar ele se situava dentro do espectro político, isto é: a favor do socialismo democrático, e contra os totalitarismos: o estalinismo, o fascismo, o imperialismo e o capitalismo. É bastante condenável fazer uso da obra de Orwell como se fosse um restaurante por quilo, escolhendo apenas as melhores carnes do bufê, e deixando de lado a alface meio vencida. É a metodologia dos parênteses, que selecionam os argumentos mais interessantes para o discurso ideológico do redator, e escondem os inconvenientes políticos.

³⁰⁷ “Mesmo que a pergunta 'Se Orwell estivesse vivo hoje' seja impossível de responder, a psicologia social que nos leva a fazê-la recorrentemente é perfeitamente compreensível. [...] Todos os tipos de pessoas têm roubado seu túmulo, citando-o fora de contexto, quase como se os seus textos fossem uma Escritura Sagrada. Obviamente, a questão referente ao que Orwell diria se estivesse vivo hoje é absurda”.

³⁰⁸ “Seria fácil, mas inútil, começar uma discussão sobre a herança de Orwell [...] Nenhuma análise útil pode ser feita nessa questão. Já houve o suficiente, em todo o tipo de coisa, de anedota à imitação. 'Papai Conhecia George Orwell' é uma velha e gasta canção”. WILLIAMS, 1971, p.85. .

Epílogo

Em uma estreita rua *madrileña*, próximo à Puerta del Sol, encontrei uma pequena livraria. Parecia ser um sebo. Após desviar de enxames de turistas, vendedores ambulantes e pedintes – esses últimos, quase todos imigrantes árabes -, o silêncio da vazia e abarrotada loja era como um oásis. Perguntei ao vendedor se ele possuía algo sobre a Guerra Civil. Eu estava um pouco frustrado pela dificuldade de encontrar material original sobre o período revolucionário do conflito, e também com a relutância que os espanhóis mostravam, ao falar sobre o assunto.

- *Pero qué de la guerra civil estás buscando?*

- *Estoy buscando algo sobre el POUM, de Cataluña.*

O vendedor, que parecia ser o dono da livraria, destilava um mau-humor típico dos parisienses, mas o sotaque denunciava um *madrileño* da gema. Saiu de trás da pilha de papéis, em cima da escrivaninha, e pôs-se a subir uma escadinha. No topo de uma estante, pegou dois livros. Um deles falava das CNT-FAI, e o outro era um livro de História genérico.

- *No tienes nada de el pasaje de George Orwell por España?*

- *Creo que no.*

Ele desceu da escada e me fitou com os olhos muito azuis, por detrás dos óculos de cordinha. Havia notado o meu desapontamento.

- *Hay que comprender que la historia de Orwell fue como una gota de agua, para la historia de la guerra civil.*

[...]

Creio que seja parte do amadurecimento acadêmico e pessoal de um pesquisador, aprender a lidar com a frustração de perceber como o seu objeto de estudo – por mais importante que ele pareça ser -, é apenas uma pequena peça no quebra-cabeça da história e cultura humanas. Por mais que esgotemos todo o material em que consigamos pôr as mãos, ainda faltarão bastantes relatos, estórias, causos e contos a apreender. E, ainda assim, estaremos longe de perscrutar a Verdade.

Não espero que este trabalho seja visto como uma Teoria do Tudo, nem como uma obra-prima. Ficarei feliz, na realidade, se ele for de alguma relevância para uma pessoa interessada em George Orwell ou na historiografia da Espanha. É possível que essa pessoa tenha descoberto o livro *Homage to Catalonia* como eu, meio por acaso, esquecido em uma estante da Biblioteca Central da Universidade Católica, no Recife.

[...]

A Guerra Civil Espanhola acabou no dia 28 de março de 1939, com a invasão de Madrid pelas forças Franquistas, após uma tentativa mal-sucedida de trégua por parte de oficiais contrários à política de “lutar até o fim”, do primeiro-ministro Juan Negrín. Barcelona já havia caído em 26 de janeiro, acossada pelos bombardeios da Legião Condor nazista. Alguns dias antes, em uma cidade vazia e derrotada, a sindicalista Frederica Montseny teria dito: “o povo espanhol nada mais podia fazer”³⁰⁹.

Orwell, no seu ensaio *Looking Back on the Spanish Civil War*, afirmou: “o resultado da Guerra da Espanha foi definido em Londres, Paris, Roma, Berlim – em todo caso, não na Espanha”³¹⁰. A negligência de apoio pelas potências europeias, assustadas com o prospecto da vindoura Segunda Guerra Mundial, pavimentou o caminho para as legiões de armamentos modernos italianos e alemães que, em última instância, definiram a vitória dos Fascistas. A ditadura de Francisco Franco duraria

³⁰⁹ BEEVOR, 2007, p.518.

³¹⁰ ORWELL, 2006, p.282.

até o ano de 1975, com a sua morte.

O rei Juan Carlos de Bourbon teve um papel crucial na transição para a democracia. Criado por Franco para tornar-se um monarca absolutista, ele traiu a linha-dura do regime, dando o apoio vital ao novo governo que se instaurou. Desde então, um processo de anistia, análogo ao que ocorreu no Brasil após a queda da Ditadura Militar, mantém os conflitos entre as forças da *reação* e do *progresso* em cheque. Ainda hoje, na Espanha, falar da Guerra Civil é um tabu. O juiz Baltasar Garzón, conhecido por abrir um processo contra o ditador chileno Pinochet, foi duramente criticado por investigar a desapareição das vítimas do Franquismo.

Hoje em dia, a Espanha passa por um período de turbulência econômica, decorrente das Crises de 2007-2008 do capitalismo financeiro internacional. No momento em que escrevo, o rei Juan Carlos abdicou em favor de seu filho que, se for coroado, será o monarca Felipe VI. Ao mesmo tempo, explodem os protestos clamando pela volta de uma Terceira República Espanhola, em diferentes partes do país. Na Catalunha, o presidente da *Generalitat*, Artur Mas, convocará um referendo sobre a questão da independência da região. Por toda a Europa, novos movimentos da Esquerda, como o *Podemos*, na Espanha, e o *SYRIZA*, na Grécia, oferecem uma alternativa à social-democracia esgotada. Da mesma maneira, partidos proto-fascistas emergem das sombras, e a violência xenofóbica é uma constante.

Os conflitos e contradições que resultaram na Guerra Civil Espanhola estão vivos, bem vivos.

[...]

Em Barcelona, quando estava fazendo a pesquisa bibliográfica que resultou nesta dissertação, resolvi dar um tempo na minha busca e fui visitar um lugar em que Orwell provavelmente nunca botou os pés, mas que carrega o seu nome em uma placa simples, de pedra branca.

A Praça de George Orwell é um espaço de alguns poucos metros quadrados no

meio do Bairro Gótico de Barcelona: um clarão em meio à selva de prédios medievais muito escuros e frios, no centro histórico da cidade. No meio da praça, há um parquinho com brinquedos para as crianças do bairro – em sua maioria, filhos de imigrantes. Disputando espaço com as crianças, há também uma estátua horrorosamente pós-moderna, em honra a Orwell. Imagino a reação que causaria no escritor. Ele, que era bastante conservador em questões estéticas, já havia demonstrado a sua ojeriza à Catedral de La Sagrada Família, de Gaudí, reclamando que os anarquistas tiveram mau gosto em não explodi-la em mil pedacinhos.

Decidi sentar em uma das mesas, para aproveitar o final da tarde de primavera. Pedi um suco em um café vegetariano, aparentemente de propriedade do cantor Manú Chao. Notei os homens de aparência norte-africana que estavam encostados em um dos cantos da praça, do lado da placa que leva o nome de Orwell. Certamente, eram traficantes de drogas. A Praça de George Orwell é mais conhecida pelos *barcelonins* como “Praça Trippy”.

Naquele ambiente meio surreal, onde usuários e traficantes de drogas convivem com crianças em idade pré-escolar, ideólogos do vegetarianismo e turistas desavisados, percebi mais uma coisa.

Do lado da placa em homenagem ao escritor, havia um poste com uma câmera de vigilância.

Referências

Ebooks:

[Nota do autor: Nos ebooks do formato Kindle, da Amazon, não há a contagem de páginas tradicionais, visto que o texto se molda de acordo com o dispositivo usado. Dessa maneira, utilizamos a notação em “loc”, ou seja, a localização exata, no ebook, do início do parágrafo.]

COLLS, Robert. *George Orwell: english rebel*. OUP Oxford, 2013. [em inglês]

CORDOVILLA, Sergi Rosés; GUILLAMÓN, Agustín [Orgs]: *Correspondencia de Andreu Nin Con Lev Trotsky y Con Ersilio Ambrogi*. Barcelona: Cuaderno 37, 2013. [Em espanhol]

LONDON, Jack. *The People of the Abyss*. Project Gutenberg, 2005. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/1688/1688-h/1688-h.htm>>. [em inglês]

ORWELL, George. *All Art is Propaganda: critical essays*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2009. [em inglês]

_____. *A Hanging*. Londres: Secker & Warburg, 1952. Disponível em <http://www.orwell.ru/library/essays/joys/english/e_joys>. [em inglês]

_____. *Awake, Young Men of Britain!* 1914. Disponível em <http://www.orwell.ru/library/poems/awake/english/e_awake>. [em inglês]

_____. *Shooting an Elephant & Other Stories*. Londres: Secker & Warburg, 1950. Disponível em <http://orwell.ru/library/articles/elephant/english/e_eleph>. [em inglês]

_____. *Such, Such Were the Joys*. Nova Iorque: Harcourt Brace, 1952. Disponível em <http://www.orwell.ru/library/essays/joys/english/e_joys>. [em inglês]

_____; DAVISON, Peter (Org.). *George Orwell: A Life in Letters*. Liveright, 2013. [em inglês]

_____; DAVISON, Peter (Org.). *Diaries*. Liveright, 2012. [em inglês]

_____; DAVISON, Peter (Org.). *Orwell in Spain*. Penguin Modern Classics, 2001. [em inglês]

RODDEN, John. *The Cambridge Introduction to George Orwell (Cambridge Introductions to Literature)*. Cambridge University Press, 2012. [em inglês]

Obras de George Orwell:

ORWELL, George. **Dentro da Baleia e Outros Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *England Your England*. Londres: Secker & Warburg, 1953. [em inglês]

_____. *Homage to Catalonia*. Prefácio de Julian Symons. Penguin Modern Classics, 1989. [em inglês]

_____. *Homage to Catalonia*. Prefácio de Lionel Trilling. New York: Harcourt Brace, 1952. [em inglês]

_____. *Homenatge a Catalunya*. Barcelona: Labutxaca, 2012. [em catalão]

_____. **Literatura e Política: jornalismo em tempos de guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **Lutando na Espanha: Homenagem à Catalunha, Recordando a Guerra Civil Espanhola e outros escritos**. São Paulo: Editora Globo, 2006.

_____. **Na pior em Paris e Londres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O Caminho para Wigan Pier**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. ; DAVISON, Peter (org.). *Orwell en España: Homenaje a Cataluña y otros escritos sobre la guerra civil española*. Prefácio de Miquel Berga. Barcelona: Tusquets Editores, 2003. [em espanhol]

_____. *The Complete Novels of George Orwell*. Londres: Penguin Classics, 2009. [em Inglês]

_____. *The Lion and the Unicorn: socialism and the english genius*. Penguin, 1982. [em inglês]

Obras sobre George Orwell:

ALDRITT, Keith. *The making of George Orwell*. Londres: Edward Arnold publishers, 1969. [em inglês]

BOWKER, Gordon. *George Orwell*. Londres: Abbacus, 2003. [em inglês]

DA SILVA, Matheus Cardoso. **O Último Homem da Europa: a luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949**. Dissertação de Mestrado em História Social. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo, 2010.

DAVISON, Peter. *George Orwell: a literary life*. London: Macmillan Press, 1996. [em inglês]

DEVROEY, Jean-Pierre. *L'âme de Cristal: George Orwell au présent*. Bruxelas: Editions de l'Université de Bruxelles, 1985. [em francês]

HITCHENS, Christopher. *Why Orwell Matters*. Nova Iorque: Basic Books, 2002. [em inglês]

_____. *A Vitória de Orwell*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

INGLE, Stephen. *The Social and Political Thought of George Orwell: a reassessment*. Londres: Routledge, 2006. [em inglês]

NEWSINGER, John. *George Orwell: uma biografia política*. Lisboa: Antígona, 2010

MEYERS, Jeffrey (Org.). *George Orwell, The Critical Heritage*. Londres: Routledge, 1975. [em inglês]

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. 1ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

PODHORETZ, Norman. *The Norman Podhoretz Reader*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2004. [em inglês]

SINFIELD, Alan. *Literature, Politics and Culture in Postwar Britain*. Londres: Continuum, 2004. [em inglês]

TAVARES, Débora Reis. *A Revolta Contra O Totalitarismo em 1984 de George Orwell, A Formação do Herói Degradado*. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, 2013.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Orwell*. Londres: Fontana-Collins, 1971. [em inglês]

Obras de referência:

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

BEEVOR, Antony. *A Batalha pela Espanha*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

BOITO Jr., Armando et al. *A Obra Teórica de Marx: atualidade, problemas e interpretações*. São Paulo: Xamã, 2000.

CAFIERO, Carlo. *O Capital: uma leitura popular*. São Paulo: Polis, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Noções de Análise Histórico-Literárias*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais**. 2ª edição, São Paulo: Editora Ática, 1990.

EAGLETON, Terry. *The Rise of English. In: Literary Theory. An Introduction*. Oxford, Blackwell, 1985. [em inglês]

ESPANHA. **Constituição** (1931). Constitución de la Segunda República Española. Madrid, 1931. Disponível em: <<http://www1.icsi.berkeley.edu/~chema/republica/constitucion.html>> [Em espanhol]

FACINA, Adriana. **Literatura & Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GRAHAM, Helen. **Guerra Civil Espanhola**. Porto Alegre, L&PM pocket, 2013.

HAUSER, Arnold. **História Social da Literatura e da Arte**. 2ª Edição, São Paulo: Editora Mestre Jou, 1972.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

JAPPE, Anselm. **Crédito à Morte: a decomposição do capitalismo e suas críticas**. São Paulo: Hedra, 2013.

JULIÁ DÍAZ, Santos (Org.). *Víctimas de La Guerra Civil*. Madrid: Ediciones Temas de Hoy, 1999. [em espanhol]

KONDER, Leandro. **O Que É Dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LUCENA, Maria de Fátima Gomes de. **Mulheres da Terra: um estudo sobre saúde e gênero na área rural de Pernambuco**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

_____. **Saúde, Gênero e Violência**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

MAIAKÓVSKI, Vladimir. **Poética: como fazer versos**. São Paulo: Global, 1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, Arte e Literatura: textos escolhidos**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Hucitec, 1984.

_____. **O Capital (Vol. 3)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **Guerra Civil Espanhola: 70 anos depois**. São Paulo: EDUSP, 2011.

NETTO, José Paulo. **O Que É Marxismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo**. São Paulo: Serviço de Comunicação Social - FFLCH/USP, 2008. 109 p.

ROSSI, Clóvis. **O Que é Jornalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

THOMAS, Hugh. *The Spanish Civil War*. Nova Iorque: The Modern Library, 2001. [em inglês]

TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

VILLAROYA, Joan; SABATÉ, Josep M. Solé [Org.]: **Breu Història de La Guerra Civil a Catalunya**. Edicions 62, Barcelona, 2005. [em catalão]

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.

Artigos de periódicos:

BERGA, Miquel. *Las Raíces Catalanas de 1984*, Jornal La Vanguardia, 30/09/2009. Disponível em <<http://hemerotecadigital.institutdelteatre.cat/jspui/bitstream/65324/20220/1/articlediari%203.pdf>> Acesso em 12 de fevereiro de 2014. [em espanhol]

BLACK FLAG. *Land and Freedom (review)*. 8/03/2006. Disponível em <<http://libcom.org/library/land-and-freedom-review>>. Acesso em 12 de abril de 2014. [Em inglês]

EAGLETON, Terry. *Reach-me-down Romantic*. London Review of Books, Vol 25, n ° 12, 19/06/2003. Acesso em 24 de maio de 2014. [em inglês]

MARTIN, Douglas. *Ralph Bates, Novelist Who Evoked Spain and Then Fought Franco, Dies at 101*. *The New York Times*, 04/12/2000. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2000/12/04/nyregion/ralph-bates-novelist-who-evoked-spain-and-then-fought-franco-dies-at-101.html>> Acesso em 12 de abril de 2014. [em inglês]

MICHÉA, Jean-Claude. *Rebellion and Conservatism: the lessons of 1984*. Libcom. 24/10/2013. Disponível em: <<https://libcom.org/library/rebellion-conservatism-lessons-1984-jean-claude-mich%C3%A9a>>. Acesso em 4 de maio de 2014. [em inglês]

MONTALBÁN, Manuel Vázquez. *De 'Franquito' a ¡Franco, Franco, Franco! El País*, Madrid, 29/11/1992. Disponível em <<http://www.vespito.net/historia/franco/franft.html>>. Acesso em 12 de abril de 2014. [em espanhol]

MORAES, Antonio C. de. **Em busca das origens da palavra camarada**. Jornal Opinião Socialista, 30/01/2007. Disponível em <<http://www.pstu.org.br/node/12085>>. Acesso em 2 de fevereiro de 2014.

MORUNO, Dolores Martín. *Revisiting Spanish Memory: George Orwell's Homage to Catalonia*. Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences, Vol. 3, N. 1, 2011. [em inglês]

POUM. **Comunicado “Defensem les llibertats de Catalunya!**. 16/05/1937. <<http://www.marxists.org/catala/enciclopedia/people/p/documents-poum/cat051936.htm>> Acesso em 9 de janeiro de 2014 [Em catalão]

SANTOS, Fabíola Ortiz dos. **A objetividade no jornalismo, o fato jornalístico e a abordagem de temas sociais em jornais de distribuição gratuita**. Ciranda Brasil, 30/03/2008. Disponível em <http://www.ciranda.net/brasil/article/a-objetividade-no-jornalismo-o?lang=pt_br>. Acesso em 13 de março de 2014.

SOLANO, W. *Andreu Nin y León Trotsky*. Conferência, Madri, 1989. Disponível em <<http://www.fundanin.org/solano10.htm>> Acesso em 28 de dezembro de 2013. [em espanhol]

THE INDEPENDENT. *Orwell's little list leaves the left gasping for more*. 14/07/1996. <<http://www.independent.co.uk/news/orwells-little-list-leaves-the-left-gasping-for-more-1328633.html>> Acesso em 9 de fevereiro de 2014. [em inglês]

TROTSKI, LEON. *The Task in Spain*. New International[New York], Vol.5 No.4, 04/1939. <<http://marxists.org/archive/trotsky/1936/04/spain01.htm#n>> Acesso em 28 de dezembro de 2014. [em inglês]

VINCIGUERRA, Thomas. *The Truce of Christmas, 1914*. The New York Times, 25/12/2005. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2005/12/25/weekinreview/25word.ready.html?pagewanted=all&r=0>>. Acesso em 12 de abril de 2014. [em inglês]

Sites:

ACADEMIA.EDU. Disponível em <<https://www.academia.edu/>> Acesso em 15 de abril de 2014.

DICIONARIO DE LA REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. Disponível em <<http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2014. [em espanhol]

FUNDACIÓ ANDREU NIN. Disponível em <<http://www.fundanin.org/>> Acesso em 12 de fevereiro de 2014.

GEORGE ORWELL NOVELS. <<http://georgeorwellnovels.com/essays/>> Acesso em 17 de janeiro de 2013. [em inglês]

LIBCOM. Disponível em <<https://libcom.org/>> Acesso em 02 de janeiro de 2014.

LONDON REVIEW OF BOOKS. Disponível em <<http://www.lrb.co.uk/>> Acesso em 22 de março de 2014.

MARXISTS INTERNET ARCHIVE. Disponível em <<http://www.marxists.org>> Acesso em 12 de abril de 2014.

Anexos

1. Representação da República (Teodoro Andreu)

2. “A Guerra e a Revolução são inseparáveis” (Cartaz das FIJL)

3. Quartel Lénin de Barcelona. É possível que Orwell seja o homem mais alto, no lado esquerdo da foto (Autor desconhecido).

4. Mulheres milicianas, provavelmente anarquistas (Gerda Taro)

5. Caricatura de Orwell (Cássio Loredano)

6. Caricatura de Orwell (Ralph Steadman)

7. Plaça de George Orwell, Barcelona

8. Mapa de Barcelona. Acima, a Plaça de Catalunya. Abaixo, a Rambla, cortando o centro em duas partes (Google Maps).

9. Capa da edição de 1989 de *Homage to Catalonia* (Arte de Joan Miró).

10. Retrato da Espanha franquista, 1944 (Henri Cartier-Bresson).

11. “Peças da engrenagem no sistema capitalista” (*frame* de “Tempos Modernos”, Charlie Chaplin).